

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO FACULDADE DE
CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE

Curso de Psicologia

MAIA CAMILA LYRA SCHAMÓ

MULHERES LÉSBICAS: UMA IDENTIDADE À SOMBRA

Um estudo segundo a Psicologia Analítica

São Paulo

2020

MAIA CAMILA LYRA SCHAMÓ

MULHERES LÉSBICAS: UMA IDENTIDADE À SOMBRA

Um estudo segundo a Psicologia Analítica

Trabalho realizado como trabalho de conclusão de curso em Psicologia da Faculdade de ciências Humanas e da Saúde da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

Orientador: ***Prof. Dr. Guilherme Scandiucci***

São Paulo

2020

MAIA CAMILA LYRA SCHAMÓ

ORIENTADOR: PROF.DR. GUILHERME SCANDIUCCI

MULHERES LÉSBICAS: UMA IDENTIDADE À SOMBRA

Um estudo segundo a Psicologia Analítica

RESUMO

Este trabalho se propôs a realizar uma pesquisa qualitativa exploratória acerca de como mulheres homoafetivas entendem o processo de autoaceitação de sua sexualidade e a formação de uma identidade como “mulheres lésbicas”. A pesquisa tem como participantes três mulheres de 18 a 30 anos que se identificam enquanto lésbicas. O trabalho se dividiu em dois momentos: uma revisão da literatura e um mapeamento do sentido e da construção da identidade lésbica por meio de entrevistas individuais semi-dirigidas. A análise dos conteúdos emergentes foi feita a partir do aporte teórico da Psicologia Analítica, utilizando sobretudo os conceitos de Persona, Sombra e Complexos Culturais. Constatou-se que a homossexualidade era sombria para todas as entrevistadas, assim como para nossa cultura, fazendo com que elas assumissem personas heterossexuais ou bissexuais falsas e mal adaptadas para se adequarem às expectativas sociais heteronormativas. A partir do momento em que a homossexualidade passou a fazer parte da personalidade consciente das entrevistadas, ou seja, quando se entenderam e se assumiram, tanto interna quanto externamente como mulheres lésbicas, elas se tornaram protagonistas de suas próprias histórias e puderam iniciar o que Jung e muitos pós Junguianos chamam de processo de individuação.

palavras-chave: homossexualidade feminina, lésbicas, identidade, autoaceitação, homofobia internalizada, Psicologia Analítica, Persona e Sombra, Complexos Culturais.

São Paulo

2020

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	4
2. OBJETIVO	13
2a- OBJETIVOS ESPECÍFICOS:.....	13
2.1 Justificativa	14
CAPÍTULO 1: PSICOLOGIA SOCIAL E HOMOSSEXUALIDADE	15
CAPÍTULO 2: PSICOLOGIA ANALÍTICA CLÁSSICA E A HOMOSSEXUALIDADE	20
CAPÍTULO 3: OS PÓS-JUNGUIANOS E A HOMOSSEXUALIDADE	26
3.1: A Segunda e a Terceira Geração de Junguianos	31
CAPÍTULO 4: METODOLOGIA	41
A) Participantes	42
B) Instrumento:	43
C) Procedimento.....	44
D) Procedimento para análise dos resultados.	45
E) Considerações éticas.	45
CAPÍTULO 5: ANÁLISE E DISCUSSÃO	47
5.1: Entrevista 1:	48
5.2: Entrevista 2:	66
5.3: Entrevista 3:	83
CAPÍTULO 6: CONSIDERAÇÕES FINAIS	100
REFERÊNCIAS:	105
ANEXOS:.....	111
1. TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	111

1. INTRODUÇÃO

Essa pesquisa tem como objetivo investigar como mulheres homoafetivas entendem o processo de auto-aceitação de sua sexualidade e de formação de sua identidade como “mulher lésbica” a partir de um mapeamento do sentido e da construção da identidade lésbica por essas mulheres.

Para isso, pretende-se entrevistar mulheres que se autoafirmam como lésbicas, com o intuito de melhor compreender como suas experiências pessoais, seu contato com o universo LGBT¹ e com a nossa sociedade e seus valores morais além de outras influências dos diversos contextos sociais em que essas mulheres se inserem, contribuem nos seus processos de subjetivação enquanto mulheres homoafetivas. Os conteúdos emergentes das entrevistas serão posteriormente analisados segundo o aporte teórico da Psicologia Analítica, usando, sobretudo os conceitos de *Persona*, *Sombra* e Complexos Culturais.

É importante esclarecer que se entende como lésbica, nessa pesquisa, uma pessoa que se sente subjetivamente mulher e expressa sentimentos e/ou desejos e/ou práticas eróticas para com outras mulheres. Portanto, não são excluídas mulheres transexuais² que se identifiquem como lésbicas, mas se considera inapropriada a designação de “homem lésbico”.

Inspirada por Livia Gonsalves Toledo³ (2008) acredito que, para discutir a homossexualidade feminina ou a subjetivação de uma mulher enquanto lésbica não podemos deixar de pensar essa identidade como produto de um tempo, de uma sociedade e de uma cultura. Assim, gostaria de definir alguns conceitos que serão importantes para nossa futura discussão e para pensarmos o que pode significar ser uma mulher lésbica dentro da nossa sociedade. Esses são: *androcentrismo*, *patriarcado*, *sexismo*, *machismo*, *heteronormatividade*, *heterossexualidade compulsória* e *homofobia*.

Segundo Carla Cristina Garcia (2015, p. 15), o *androcentrismo* considera o homem e a perspectiva masculina como medida para todas as coisas. Assim, as experiências dos homens são consideradas como experiências de todos os seres humanos, seja na sociedade, na mídia ou em

¹ A sigla LGBT engloba diferentes orientações sexuais e identidades de gênero, assim, lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e travestis.

² Transexual é uma pessoa que não se identifica com o gênero que lhe foi designado ao nascer, e ao longo da vida busca transformar e adequar sua imagem à sua identidade de gênero

³ A opção pelo lançamento do nome completo das autoras foi proposital, tendo por objetivo dar visibilidade à produção teórica e acadêmica das mulheres.

pesquisas acadêmicas. Exclui-se, desse modo, a hipótese de que as mulheres e as experiências femininas possam divergir das experiências masculinas.

O *patriarcado* pode ser entendido como uma organização social e um sistema político que beneficia sistematicamente o homem e o que é considerado masculino em detrimento da mulher e daquilo que é considerado feminino. Ele não só é o predomínio dos homens sobre as mulheres, mas também o predomínio do velho sobre o novo, do esposo sobre a esposa, da linguagem paterna sobre a materna (GARCIA, 2015, p. 17).

O *sexismo* é um termo que define o conjunto dos métodos empregados para manter em situação de subordinado e inferior o gênero dominado, no caso, o feminino. Também é um termo que faz referência ao conjunto de ações e ideias que privilegiam determinado gênero (o masculino) em detrimento de outro (o feminino), e determinada orientação sexual (a heterossexualidade) em detrimento de outras (GARCIA, 2015, p. 18).

Já o *machismo* é o discurso da desigualdade. Sendo assim, a discriminação fundamentada na ideia de que os homens são superiores às mulheres (GARCIA, 2015, p.18).

Heteronormatividade é um conceito utilizado para firmar a heterossexualidade como ideal e natural em detrimento de outras sexualidades e experiências. Assim, todas as outras identidades sexuais (homossexualidade, bissexualidade e outras) passam a ser vistas e classificadas como doença, pecado, aberração, imoralidade, fazendo com que sejam invisibilizadas (TOLEDO, 2008, p. 13). Para Toledo (2008), o heterossexismo é a combinação de heteronormatividade e sexismo.

Como citado por Toledo (2008), a *heterossexualidade compulsória* foi um conceito formulado pela estadunidense escritora, ensaísta e ativista Adrienne Rich (1986) (apud TOLEDO, 2008, p. 14) que propõe a heterossexualidade enquanto uma instituição que pressiona e obriga, de forma violenta ou subliminar, todas as pessoas, mas em especial as mulheres, a se tornarem heterossexuais.

Homofobia é o termo cunhado para o medo, a aversão e o ódio para com pessoas gays, lésbicas, bissexuais, transexuais e travestis, pois, dentro de nossa concepção social heteronormativa, toda configuração não heterossexual é tida como antinatural e anormal (TOLEDO, 2008, p. 14). No entanto, também existem termos próprios para cada componente da sigla LGBT. Assim, *lesbofobia* é o ódio e a discriminação direcionados às mulheres lésbicas ou mulheres com relações homoeróticas; *gayfobia* ou mesmo *homofobia* se refere à discriminação sofrida pelos homens que se relacionam com homens; *bifobia* se refere à discriminação de pessoas que se entendem como

bissexuais (pessoas que sentem atração tanto por homens quanto por mulheres); e *transfobia* é a discriminação sofrida pela população T⁴.

Como vai se tornando claro, a partir da exposição das definições dos conceitos supracitados, todos eles relacionam-se entre si e configuram-se como sustentadores e mantenedores uns dos outros como ferramentas de dominação masculina (TOLEDO, 2008, p. 16). É a partir da noção desses conceitos e do aporte teórico da Psicologia Analítica que se pretende investigar e discutir como se dá a formação de uma identidade enquanto mulher lésbica em uma sociedade sustentada por esses conceitos e princípios.

Como já dito anteriormente, a homossexualidade feminina é produto de um tempo, de uma sociedade e de uma cultura. Assim, homossexualidade, o conceito de mulher e, em especial, homossexualidade feminina, tal como os entendemos hoje, são construtos modernos (BREMER, 1995, p. 11; LARDINOIS, 1995, p. 27; TOLEDO, 2008, p. 17).

A mulher e a sexualidade feminina passaram a ser objeto de estudo da ciência há pouco mais de um século. Anteriormente, como aponta Laqueur (2001), os estudos da sexualidade feminina foram pensados a partir da sexualidade masculina. Segundo o mesmo autor, no século XVIII os manuais de anatomia traziam os genitais femininos como uma versão não desenvolvida do sexo do homem.

A falta de referências ao longo da história para o que hoje chamamos de homossexualidade feminina não se dá apenas por nossa antiga concepção androcêntrica de mundo, na qual a perspectiva masculina é tida como referência para todas as coisas, mas também pelas muitas alterações que a discussão sobre sexualidade e diversidade sexual sofreu ao longo do tempo. Até antes do século XIX, podia-se ter práticas afetivo-sexuais com pessoas do mesmo sexo sem que isso configurasse uma identidade homossexual (TOLEDO, 2008, p. 19; ULLMANN, 2005, p.16).

A exemplo disso, na Grécia Antiga provavelmente não existiam os casais homossexuais de homens adultos. Os textos e os vasos gregos indicam que as relações sexuais entre homens ocorriam apenas entre jovens e rapazes, e a essa relação se dava o nome de pederastia (BREMER, 1995, p. 12). No entanto, ao contrário do que se possa imaginar, havia regras precisas às quais esses amantes deviam obedecer, sendo que para as possíveis transgressões eram previstas punições severas, além da ridicularização social (ULLMANN, 2005, p.23).

Existem relatos a respeito de práticas pederásticas no mundo Grego Antigo em Esparta, Atenas e Creta (BREMER, 1995), mas essas práticas diferem do que hoje chamamos de

⁴ A população T abrange transgêneros, travestis e transexuais. O “T” é uma das letras da sigla LGBT.

homossexualidade por inúmeras razões, em especial por sua finalidade. A pederastia na Grécia parece ser um ritual, uma forma de iniciar o jovem rapaz no mundo adulto e transformá-lo em um homem. Um sinal de que a prática pederástica era símbolo do ingresso na vida adulta para os gregos é que, quando a barba do jovem em posição passiva aparecia, este deixava de assumir a posição passiva na relação e a praticar a pederastia (BREMER, 1995, p. 16 e 21).

Ademais, nas práticas pederásticas gregas não era permitido ao jovem que estava sendo iniciado no mundo adulto tirar prazer do aspecto sexual da relação, afinal, tal prática visava ensinar ao jovem respeito pelos mais velhos, e o prazer compartilhado poderia apenas confundir a hierarquia que tentava ser estabelecida (BREMER, 1995, p. 21). Também não era raro na Grécia Antiga que a prática sexual entre homens fosse estabelecida por motivos financeiros, significando, assim, o que hoje conhecemos por prostituição masculina (ULLMANN, 2005, p. 41).

Por fim, a pederastia na Grécia Antiga tinha um objetivo pedagógico (ULLMANN, 2005, p. 56). Para os gregos, essa se configuraria como a forma mais perfeita de educação, pois o convívio com o homem adulto amado representava um estímulo para o jovem internalizar valores morais e políticos (ULLMANN, 2005, p. 106).

Em comparação com os relacionamentos afetivo-sexuais entre homens, as relações entre mulheres têm referências raras e pouco explícitas. Segundo Ullmann (2005, p. 42), o motivo de tal escassez reside no fato de poucas mulheres terem escrito sobre a temática e pelos homens não terem se pronunciado sobre o tema. Ademais, a prática da pederastia feminina não era parte da educação, como acontecia com os homens.

Uma das únicas referências à pederastia feminina acontece em Esparta, onde parecia comum que mulheres mais velhas de boa reputação mantivessem relações sexuais com jovens meninas (ULLMANN, 2005, p. 45 e 108). Diferentemente das representações artísticas para a pederastia masculina, os vasos mostrando relações sexuais entre mulheres são extremamente raros (LARDINOIS, 1995, p. 46 In BREMER, 1995).

Como fica claro, apesar de sempre terem ocorrido relações sexuais entre pessoas do mesmo gênero, a pederastia grega difere, essencialmente, no que diz respeito à sua forma e função da sexualidade moderna, em especial da homossexualidade (BREMER, 1995, p. 26).

Vê-se então que a mulher lésbica pouco apareceu ao longo da história. O motivo para este fato talvez seja a existência de um contexto onde somente o homem é valorizado, contexto esse em que se espera que a mulher se afaste de sua sexualidade, sendo essa apenas valorizada para a reprodução (TOLEDO, 2008).

Como afirma Toledo (2008, p. 19), a exclusão e a invisibilização das relações afetivo-sexuais entre mulheres ao longo da história provocou nosso desconhecimento atual sobre suas formas de existência, especificidades e diversidades. Apenas nas últimas décadas no Brasil foram estudadas temáticas como a homossexualidade em escritos científicos. A bibliografia sobre a homossexualidade feminina é escassa, enquanto há uma ampla bibliografia tratando da homossexualidade masculina, especialmente no que tange à saúde (TOLEDO, 2008).

Foi em decorrência do movimento de libertação gay americano da década de 60 e início de 70 que apenas em 1973 a Associação Americana de Psiquiatria (APA) retirou a homossexualidade da lista de distúrbios mentais. Essa decisão fez com que na próxima edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) a homossexualidade deixasse de ser considerada patológica ou desviante (HOPCKE, 1993, p. 16-17).

Já no Brasil, foi apenas em 1999 que o Conselho Federal de Psicologia passou a reconhecer a homossexualidade como expressão da sexualidade humana, por intermédio da Resolução Nº 001/99⁵. Com isso, a homossexualidade não é mais considerada patológica, o que leva à proibição de seu tratamento (DA SILVA, 2016, p. 38). Apesar de representar um marco de transformação no pensamento psiquiátrico e psicológico, o abandono tardio do sentido de perversão, doença e tratamento da homossexualidade teve impacto pouco significativo no campo social. Nele, as transformações são lentas e esparsas e, muitas vezes, independem de decisões jurídicas ou de profissionais da saúde (DA SILVA, 2016, p. 38; HOPCKE, 1993, p. 18).

Ao pensarmos no contexto social atual brasileiro de preconceito e discriminação contra pessoas LGBTQs, especialmente no que tange à violência, os números são alarmantes. Segundo o Grupo Gay da Bahia (GGB)⁶ em seu Relatório de Crimes Contra LGBTQs, 420 pessoas morreram no Brasil apenas no ano de 2018. Desses casos, 320 se configuram como homicídios (76%) e 100 como suicídios (24%). O ano de 2018 marcou uma pequena redução de 6% em relação a 2017, quando o GGB registrou 445 mortes, número recorde nos 39 anos desde que o Grupo Gay da Bahia iniciou esse banco de dados (dados do GGB).

A Associação estima que a cada 20 horas, um LGBTQ é assassinado ou se suicida vítima da LGBTQfobia, o que coloca o Brasil como campeão mundial de crimes contra as minorias sexuais. Do número absoluto de 2018, predominaram as mortes de 191 Gays (45%), seguido de 164 Trans

⁵ Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/1999/03/resolucao1999_1.pdf>. Acesso 20 jun. 2020.

⁶ O Grupo Gay da Bahia é a mais antiga associação de defesa dos direitos humanos dos homossexuais no Brasil. É uma entidade que oferece espaço para outras entidades da sociedade civil que trabalham em áreas similares especialmente no combate à homofobia e prevenção do HIV e AIDS entre a comunidade e a população geral.

(39%), 52 Lésbicas (12%), 8 Bissexuais (2%) e 5 Heterossexuais⁷ (1%) (dados do GGB)⁸. Tais dados apontam que a dificuldade para aceitação pessoal e social, o sofrimento e as angústias enfrentadas se tornam potencialmente maiores para as pessoas LGBT, e no caso, para as mulheres lésbicas.

Ademais, o Brasil ainda se encontra em uma dinâmica retrógrada em relação a pautas LGBTs, com a ascensão de uma bancada evangélica no Congresso Nacional e de um presidente que se posiciona declaradamente contra as minorias sexuais. Pode-se também notar uma dificuldade de encontrar espaço de fala sobre essas temáticas nas mídias tradicionais. Desse modo, é necessário procurar meios mais democráticos para se discutir, falar e debater sobre a população LGBT, e em especial sobre a homossexualidade feminina.

Dentro do campo da Psicologia Analítica, as menções de Jung à homossexualidade, em especial à feminina, também não se fazem abundantes. Robert H. Hopcke em seu livro “Jung, Junguianos e a Homossexualidade” (1993) faz uma revisão bibliográfica extensa sobre a discussão da homossexualidade nas obras de Jung e dos Junguianos da primeira e segunda geração. Segundo Hopcke, nos 18 volumes das Obras Completas, Jung menciona a homossexualidade cerca de 15 vezes, um número consideravelmente pequeno quando comparado a outras temáticas que o autor discute (HOPCKE, 1993, p. 23).

Para Hopcke (1993), a escassez de referências sobre a homossexualidade nas obras de Jung pode ser explicada por dois principais motivos. Em primeiro lugar, pelo interesse predominantemente introspectivo de Jung sobre os fenômenos psicológicos, a psique, suas imagens e símbolos, estando assim menos interessado no comportamento humano per se e mais no significado interno que determinado comportamento pudesse ter para o indivíduo (HOPCKE, 1993, p. 24). Em segundo lugar, a falta de uma discussão mais profunda a respeito da homossexualidade se deve à diminuição da importância dada por Jung à sexualidade após seu rompimento com Freud em 1913 (HOPCKE, 1993, p. 24).

Ao longo dos anos, vê-se uma grande transformação no pensamento de Jung a respeito da homossexualidade. Nos primeiros momentos de sua escrita, quando ainda estava fortemente ligado à psicanálise, Jung deixa claro que, apesar de compartilhar da opinião de muitos psiquiatras da época de que a homossexualidade não deveria ser considerada criminosa, a coloca como expressão

⁷ Justifica-se a inclusão de heterossexuais nas porcentagens, pois foram assassinados por serem confundidos com homossexuais ou por envolvimento direto com a cena ou com indivíduos LGBT quando executados.

⁸ Disponível em: < <https://grupogaydabahia.files.wordpress.com/2019/01/relat%C3%B3rio-de-crimes-contralgbt-brasil-2018-grupo-gay-da-bahia.pdf>>. Acesso em: 04 mar. 2019.

de uma perturbação no relacionamento com os pais, sobretudo com a mãe, advindo de uma imaturidade psicológica e de uma posição infantil (HOPCKE, 1993, p. 26-33).

Mas, se Jung escreveu pouco a respeito da homossexualidade, vemos o completo oposto com os pós-junguianos. Existe uma quantidade enorme de escritos, comentários e teorias a respeito da homossexualidade, e em sua maioria sob pontos de vista muito diferentes (HOPCKE, 1993, p. 78).

Entre os escritores da primeira geração, temos: Erich Neumann; Jolande Jacobi; M. Esther Harding; John Layard; G. Stewart Prince; Anthony Storr e Marie-Louise von Franz. Suas ideias a respeito da homossexualidade aproximam-se bastante das que se encontram nas obras de Jung. A maioria desses autores entende a homossexualidade enquanto advinda de um complexo materno, de uma identificação com o arquétipo do *puer* ou com a anima, ou até mesmo enquanto uma regressão a uma psicologia primitiva (HOPCKE, 1993, p. 79 e 111).

A diferença etária entre as gerações de pós-junguianos não é grande. Muitos autores da primeira geração conviveram com os da segunda. Contudo, Hopcke (1993) identifica um novo tom nas discussões sobre a homossexualidade feitas pelos analistas da segunda geração (HOPCKE, 1993, p. 79 e 113).

Para explicar tal mudança, o autor aponta que a segunda geração de junguianos, em especial os norte-americanos, passou por períodos de transformação social nos anos 60 e 70, com os movimentos feministas e o movimento de libertação gay (HOPCKE, 1993, p. 79 e 113). Segundo o autor, tais movimentos levaram a uma revolução no pensamento psicológico do período, podendo, portanto, ter provocado as diferenças entre as gerações (Ibidem, p. 113). No entanto, é importante mencionar que nem todos os autores da segunda geração seguiram as transformações do pensamento da época. Alguns continuaram a entender a homossexualidade única e exclusivamente como resultado de um complexo materno mal resolvido e, portanto, como imaturidade psicológica (Ibidem, p. 115).

Como Hopcke (1993) astuciosamente aponta, o termo homossexualidade foi usado em grande parte na bibliografia junguiana como sinônimo de homossexualidade masculina. Se pouco foi dito sobre a homossexualidade masculina, há ainda menos material especificamente sobre mulheres homossexuais (HOPCKE, 1993, p. 135). Quando são feitas menções à homossexualidade feminina estas são breves e relacionadas a sentimentos lésbicos em mulheres heterossexuais (Ibidem, p. 137). A partir dessa pequena discussão, fica claro que não existe um consenso a

respeito da homossexualidade na Psicologia Analítica e, sobretudo, que existe uma grande lacuna de estudos junguianos a respeito da homossexualidade feminina (Ibidem, p. 139).

Para além do meu objetivo, que é compreender a homossexualidade feminina através de um olhar junguiano, minha expectativa com esse trabalho é que ele possa contribuir para um entendimento mais profundo e particular do lugar que ocupa a identidade lésbica na sexualidade e experiência de vida de cada mulher.

Como Hopcke (1993) discute nas primeiras páginas de seu livro, a descoberta e aceitação da própria homossexualidade constituem-se como um marco importante no desenvolvimento da personalidade de um indivíduo (HOPCKE, 1993, p. 14). É possível que este primeiro momento de entendimento e aceitação da sexualidade se constitua, para os homossexuais, como o primeiro passo em direção ao desenvolvimento e estabelecimento de uma personalidade própria, ou seja, em direção ao que Jung e os pós-junguianos chamaram de processo de individuação (Ibidem, p. 14).

No entanto, como já foi deixado claro, vivemos em uma sociedade androcêntrica e homofóbica, onde o heterossexismo e o patriarcado impõem comportamentos específicos para meninos e meninas desde muito cedo. Assim, a partir desse pacto social, passam ser esperados dos homens a masculinidade e comportamentos heterossexuais, e das mulheres a feminilidade e a heterossexualidade (HOPCKE, 1993, p. 160).

Desse modo, entender-se enquanto homossexual significa contrariar as expectativas coletivas impostas, e o papel social e sexual determinados pela sociedade, pela família e instituições. Essa heterossexualidade imposta pelo coletivo funciona como uma máscara mal ajustada para o indivíduo homossexual, que por muitas vezes distorce a verdadeira movimentação do Eros, e esconde sua verdadeira identidade (HOPCKE, 1993, p. 160).

A essa máscara na Psicologia Analítica dá-se o nome de persona. Ela pode ser entendida como as expressões do impulso arquetípico a uma adaptação social e a realidade exterior coletiva (WHITMONT, 1994). Assim, ela é a parte de nossa personalidade que, idealmente, entra em acordo com os valores coletivos e as necessidades individuais (HOPCKE, 1993, p. 160).

A sociedade, a família, amigos e a escola criam um ambiente onde aprendemos aqueles comportamentos e características que são “apropriadas” e desejáveis, isto é, aqueles que integram a persona de cada indivíduo (ZWEIG; ABRAMS, 1994, p. 16). Enquanto isso, na sombra habitam todos aqueles conteúdos rejeitados pelo eu, aqueles com os quais ele não se identifica (Ibidem, p. 16).

Culturas, sociedades e famílias diferentes atribuem de modos diversos aqueles conteúdos e características que pertencem ao eu, ou seja, a persona, e aqueles que pertencem à sombra (ZWEIG; ABRAMS, 1994, p. 16). Assim, certos grupos sociais permitem a expressão da raiva, da agressividade, da ambição financeira ou até mesmo a expressão artística, e o mesmo pode ser dito sobre a homossexualidade (Ibidem, p. 16). Alguns grupos irão permitir a expressão da homossexualidade e outros não, sendo que nesses grupos em que a homossexualidade é rechaçada há maiores chances de um indivíduo homossexual renegar sua identidade.

Deste modo, uma mulher homossexual se entender enquanto tal e assumir sua identidade, tanto interna como externamente, significa se livrar da persona heterossexual que lhe foi imposta pela sociedade e assumir como parte do eu e de sua personalidade aquilo que foi, possivelmente, deixado na sombra. Para Hopcke (1993, p. 161), criar uma persona adequada e representante, que contenha a vida interna sem mascará-la, e que possua uma função protetora e ao mesmo tempo flexível, é uma tarefa importantíssima para os homossexuais dentro de uma sociedade homofóbica.

A partir do que foi dito acima, fica clara a importância e a relevância de se estudar a homossexualidade feminina. Especialmente, a partir do aporte teórico da Psicologia Analítica, temática que foi pouco explorada tanto dentro da academia, quanto por Jung e seus seguidores.

2. OBJETIVO

Esta pesquisa objetiva investigar como jovens mulheres homoafetivas entendem o processo de auto-aceitação de sua sexualidade e formação de uma identidade como “mulher lésbica”, a partir de um mapeamento do sentido subjetivo dessa experiência e da construção da identidade lésbica. Essa investigação partirá de entrevistas individuais com mulheres lésbicas entre 18 e 30 anos, sendo que posteriormente serão analisados os conteúdos emergentes destas conversas segundo o aporte teórico da Psicologia Analítica, usando conceitos como *Persona e Sombra*, entre outros.

2a- OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

1. Compreender se há e quais são as diferenças e similaridades entre as jovens mulheres lésbicas no processo de autoaceitação de sua sexualidade e formação de uma identidade como “mulher lésbica”.

2.1 Justificativa

A pertinência do trabalho reside na importância da temática. A identidade lésbica sofreu múltiplos apagamentos ao longo da história, tanto no contexto cultural quanto no acadêmico. Hoje, ainda vemos resquícios destes apagamentos, mas estes não são exclusivos das mulheres lésbicas. Todas as mulheres, independentemente de sua etnia, classe social, ou, no caso, orientação sexual, são atingidas, de formas diferentes, pelas influências negativas e opressões do patriarcado.

No entanto, estas opressões se somam quando a mulher em questão não se encaixa no que lhe é imposto e esperado socialmente, o que é o caso das mulheres lésbicas: um grupo que renega a heteronormatividade e vai de encontro com a repressão sexual feminina imposta pelo patriarcado.

Assim, este trabalho contribuirá não apenas dando voz a um grupo que por muito tempo foi marginalizado e apagado, como contribuirá para entender o processo de formação da identidade “mulher lésbica” no contexto atual do Brasil, país fortemente marcado por uma ideologia cristã tradicional, e que passa por um cenário político onde há uma bancada evangélica no Congresso Nacional que repudia e condena todo e qualquer relacionamento não heterossexual, o que apenas dificulta a luta da comunidade LGBT por direitos e visibilidade social.

CAPÍTULO 1: PSICOLOGIA SOCIAL E HOMOSSEXUALIDADE

A partir dessa breve história sobre o homoerotismo no mundo ocidental tratada na introdução, percebemos não só o quanto a homossexualidade, em especial a feminina, foi rechaçada, punida e excluída, como podemos imaginar que certas “verdades” sobre o homoerotismo foram sendo criadas ao longo dos séculos. Tais concepções, ou falsas verdades, foram estigmas e estereótipos sobre a experiência homoerótica que está sempre às sombras da moral social burguesa. E no caso da homossexualidade feminina, essa também está à sombra das referências sociais do que é considerado ser homem e ser masculino (TOLEDO, 2011, p. 57).

Os estigmas e estereótipos que rodeiam a homossexualidade feminina mostram claramente a visão machista e heterocentrada tão naturalizada em nossa sociedade (TOLEDO, 2011, p. 57). Se por um lado as lésbicas são colocadas na posição de aberração, por outro são tratadas como espetáculo pornográfico e objeto de desejo masculino (Ibidem, p. 57).

Tal concepção polarizada e estereotipada faz com que a homossexualidade feminina continue sendo constantemente exposta à luz e ao julgamento público, e ao mesmo tempo permaneça invisível. Já que exclui a possibilidade de se pensar na variedade de experiências que englobam a homossexualidade feminina, além de sufocar a voz da própria mulher homossexual.

Desse modo, como afirma Toledo (2011, p. 58), tomar esses estigmas e estereótipos sobre a homossexualidade feminina como verdades absolutas pode ser entendido como uma estratégia machista para negar as diferenças e as múltiplas possibilidades de vivências à identidade lésbica. Mas, antes de começarmos nossa discussão sobre a Psicologia Analítica e seus entendimentos a respeito da homossexualidade feminina gostaria de trazer outros olhares para o tema e discutir brevemente como outras teorias abordam a homossexualidade.

Por exemplo, a Psicologia Social, tendo muitas vezes suas discussões apoiadas pelos Estudos de Gênero, pelos pressupostos epistemológicos construcionistas e pelas teorias feministas, ressalta a necessidade e a importância de se rejeitar o caráter fixo e imposto da oposição binária entre masculino e feminino e a cristalização da identidade dos sujeitos, privilegiando a visão histórica dessas construções (TONELI; PERUCCHI, 2006, p. 40).

Neste sentido, podemos entender que a psicologia social se contrapõe aos reducionismos que buscam uma única explicação para as relações de gênero ou sexuais. Propondo-se a considerar a complexidade do caráter relacional que perpassa as relações de gênero entre homens e mulheres e

as relações afetivo sexuais, sejam entre homens e mulheres, homens e homens ou mulheres e mulheres.

Dentro desse quadro a postura construcionista e as teorias feministas sobre gênero são orientações interessantes para a discussão das identidades sexuais não normativas. Pois ambos permitem perceber e contestar as construções cristalizadas que situam a homossexualidade feminina como desvio (BORGES; SPINK, 2009, p. 443).

Como uma das maiores preocupações da postura construcionista é a respeito da produção do conhecimento científico e seus efeitos na vida dos sujeitos, investigando os diferentes pesos e formas de legitimar a construção do conhecimento, a depender do lugar e da posição social daqueles que produzem definições e noções sobre o mundo; A postura construcionista pode ser considerada como uma ferramenta essencial para questionarmos definições concebidas como “naturais” ou “normais” para o que chamamos de homossexualidade feminina, ou o que esperamos de mulheres homossexuais. A investigação apoiada na reflexão construcionista nos ajuda a perceber que as noções e estereótipos sobre objetos e pessoas não são naturais, mas sim construídas (BORGES; SPINK, 2009, p. 443).

Aliada ao construcionismo, a análise discursiva na Psicologia Social, que se atenta para a explicação dos processos pelos quais as pessoas explicam, apresentam e descrevem seu mundo e até elas mesmas, é mais um dispositivo para a reflexão sobre a homossexualidade e o lugar que ela ocupa em nossa sociedade. Pois, a partir do momento que dispositivos linguísticos são utilizados nas mais diversas produções discursivas, como nos discursos apresentados pela ciência, pela mídia e pela religião, eles podem atuar como substrato para a argumentação sobre qualquer tema de forma favorável ou desfavorável, incluindo a homossexualidade feminina (BORGES; SPINK, 2009, p. 443).

As falas que colocam a homossexualidade feminina entre o adoecimento e a depravação não são incomuns em nossa sociedade, nem muito menos surpreendentes, pois são herdeiras de um discurso científico erguido com auxílio da medicina psiquiátrica e influenciado pelas “teorias anatômicas” (BORGES; SPINK, 2009, p. 449). Nesse discurso que divide “normal” e “patológico” a homossexualidade assume o status de desvio e/ou disfunção, e cria-se a ideia da homossexualidade inata (Ibidem, 2009). Ideia essa muito difundida no século XIX e no início do século XX, ela concebia a sexualidade como inata, e, portanto a mulher lésbica como uma

“invertida”, um membro do terceiro sexo, uma pessoa que nasceu com mente e alma masculina, mas que estava aprisionada em um corpo feminino (Ibidem, 2009).

E é nesse enquadre que a Psicologia Social tem um papel importantíssimo na discussão sobre a homossexualidade, à medida que entende os sujeitos como históricos, e toda construção, categoria e estereótipo como parte de uma cultura e uma história; ela se contrapõe ao reducionismo explicativo que busca uma causa única e/ou endógena para a homossexualidade.

Ao problematizar as definições tidas como “naturais” para a homossexualidade, incita-se a busca pela compreensão dos contextos em que tais referências foram produzidas, podendo-se até investigar os impactos dessas categorias na vida das pessoas (BORGES; SPINK, 2009, p. 451-452). Assim, questionar categorias que envolvem a homossexualidade feminina implica alargar os limites das teorizações feitas até então e em abrir novos caminhos para novas ideias (Ibidem, 2009).

Os discursos do filósofo Francês Michael Foucault a respeito da sexualidade humana e do poder é outro que agrega na nossa discussão sobre diferentes visões e debates a respeito da homossexualidade. Para Foucault, a partir da história moderna a sexualidade humana esteve sob a suposta ameaça ou falsa ideia de ser dominada por processos patológicos e adoecedores, tais concepções teriam levado a ciência e a religião a intervirem no campo da sexualidade para sua prevenção, “cura” e “normalização” (MENDES, 2007, p. 250). Com isso, a homossexualidade foi tratada pela ciência e pelo cristianismo como uma patologia e como desvio da normalidade sexual, tendo como única “solução” mudá-la para o padrão normal e dominante, a heterossexualidade (Ibidem, 2007, p. 250).

Em sua teorização Foucault fala de “dispositivo da sexualidade”, o mecanismo pelo qual a sexualidade e o sexo, enquanto ato sexual, é produzido e regido (MADLENER; DINIS, 2007). Por isso entendem-se: saberes, poderes e práticas discursivas e não discursivas que tem por objetivo normalizar, controlar e instituir “verdades” sobre o corpo e seus prazeres (Ibidem, 2007, p. 50).

Como Madlener e Denis (2007) esclarecem, esse dispositivo social carregado de suas “verdades” e valores estabelece aquilo que deve ser praticado, interferindo na subjetividade e nas construções individuais do corpo e seus prazeres. Essa interferência abrange todos aqueles indivíduos, homo ou heterossexuais, que não se desprenderam deste dispositivo (Ibidem, 2007). Os autores acrescentam que essa concepção de sexualidade adotada segue um referencial fálico, ou seja, em que o prazer sexual está única e exclusivamente ligado ao ato sexual e a penetração, tanto em relações heterossexuais como homossexuais (Ibidem, 2007).

Como resultado disso, por mais inesperado que possa parecer, o sexo em nossa sociedade não foi obrigado a esconder-se ou calar-se, mas sim foi incitado a manifestar-se por meio de confissões (FOUCAULT, 2004; MENDES, 2007). Foucault nega a possibilidade repressiva deste mecanismo, onde o indivíduo é vítima do calar de suas fantasias e desejos, e reconhece a vontade de saber sobre a sexualidade, essa vontade é a estratégia essencial para o controle do indivíduo e da sociedade (MADLENER; DINIS, 2007).

Assim, desde o século XVI até o século XIX, o sexo não foi reprimido, mas sim estimulado para a confissão e para a manifestação dentro de algumas instituições, todas de controle: o Estado, igreja, família, saberes das ciências médicas, no direito, na sociologia e na psicologia (MENDES, 2007).

E como foi dito, é dentro desse contexto do dispositivo da sexualidade que a noção de homossexualidade foi historicamente produzida para Foucault (MADLENER; DINIS, 2007). Como o homoerotismo e suas expressões fogem da ideia normativa estabelecida a respeito da sexualidade e do sexo e da consequente concepção do “casal legítimo” - heterossexual, casado, monogâmico e tendo como principal objetivo a reprodução -, a homossexualidade passou a ser tratada como uma anomalia pelo Estado, pelas ciências e pela igreja (Ibidem, 2007).

Entretanto, é importante pontuar que Foucault questiona a polarização da discussão entre a homo e a heterossexualidade e sua divisão, ele também questiona as identidades e as várias categorias sexuais, as relações entre sexo e poder, e a noção de gênero como uma criação cultural, assim, a proposta de seu trabalho é colocar em discussão as “verdades” estabelecidas (MENDES, 2007).

Para Foucault não se deve discriminar, convencionar e classificar as formas de ser e de agir; portanto, o autor entende que a homossexualidade é apenas uma forma de ser e de se relacionar com o outro. Enquadrar indivíduos em categorias pré-estabelecidas e dizer que certa forma de se relacionar ou obter prazer é certa ou errada, nega ao ser humano a possibilidade de desenvolver plenamente o seu “devir”, isto é, nega-se a possibilidade de chegar a “ser o que se é” (FOUCAULT, 2004; MENDES, 2007).

Dentro dessa concepção foucaultiana, a luta por direitos do movimento LGBT não representa a etapa final do processo. Segundo Foucault, não caberia a esses movimentos lutar pelos mesmos direitos dos heterossexuais, pois assim, os homossexuais estariam se enquadrando nas imposições realizadas pelo dispositivo da sexualidade e pela sociedade, além de estarem

restringindo suas possibilidades do “devir” (FOUCAULT, 2004; MADLENER; DINIS, 2007; MENDES, 2007). Os homossexuais, na visão de Foucault, não devem lutar para se encaixarem em um mecanismo que os exclui e os nega, pois correm o risco de cair nas “armadilhas da norma” e de passarem a estabelecer, como fez a ciência e a justiça, características e comportamentos próprios do “desvio” (Ibidem, 2004 e 2007).

Segundo Foucault, a resposta para esse cenário não é se contentar em encaixar-se em um dispositivo heteronormativo ou em identidades sexuais limitadas, mas sim inventar novas formas de existência e fazer da vida uma experiência transformadora (FOUCAULT, 2004). Os homossexuais devem se libertar dos valores morais socialmente impostos e regulados para, então, poderem se tornar homossexuais, e não reconhecer o que são (Ibidem, 2004).

Uma forma de encontrar esse novo modo de existência que supera as limitações sociais e históricas colocadas aos homossexuais seria ultrapassar a identidade hiperssexualizada imposta pela sociedade ao homoerotismo e descentralizar o orgasmo e a penetração como única forma de buscar o prazer (MENDES, 2007; MADLENER; DINIS, 2007). Buscando o prazer não só na esfera amorosa/ sexual, mas no dia-a-dia, na alimentação, na beleza, na arte, na religiosidade e no enriquecimento das relações sociais, especialmente da amizade; criando, então, novas formas de vida que reconhecem a multiplicidade do prazer e do desejo (FOUCAULT, 2004; MENDES, 2007).

Como Madlener e Dinis (2007), concordo que se deve lutar para a derrubada dos padrões sociais e contra a imposição de identidades fixas aos homossexuais e as identidades de gênero historicamente formuladas, e não lutar apenas pela inclusão de diversidade nesses padrões rígidos e excludentes. Mas, assim como os autores supracitados apontam, não podemos esquecer que enquanto os homossexuais não tiverem direitos sociais básicos garantidos, uma grande transformação não poderá ocorrer, a não ser que toda a sociedade, sem exceção, lute em favor dessa transformação (Ibidem, 2007).

Vemos que as ideias de Michael Foucault são mais uma voz na árdua tarefa de problematizar e debater as definições e estigmas tidos como “naturais” que foram, ao longo da história, atribuídos aos homossexuais. Como já dito, indagar a respeito das categorias que compreendem a homossexualidade, em especial a homossexualidade feminina, é uma possibilidade de desenvolver novos caminhos para as discussões acerca das identidades sexuais e de ampliar o horizonte das teorizações formuladas até o momento.

CAPÍTULO 2: PSICOLOGIA ANALÍTICA CLÁSSICA E A HOMOSSEXUALIDADE

A homossexualidade na Obra de C. G. Jung nunca foi um tema propriamente negligenciado, mas também não foi priorizado pela comunidade junguiana, que de maneira geral demonstrou pouco interesse por sua discussão e estudo. Dessa forma, não se pode falar em uma lacuna propriamente dita na psicologia analítica, mas, com certeza, em uma escassez de literatura dedicada à homossexualidade, em especial à homossexualidade feminina.

No entanto, antes de adentrarmos nossa discussão sobre a psicologia analítica e suas contribuições, ou ausência delas, para a homossexualidade feminina, quero tentar explicar para o leitor minha motivação por trás desse tema e o sentido de se falar dele a partir do referencial teórico da psicologia analítica.

Miller (2010), em um artigo para o volume 55 do *Journal of Analytical Psychology*, tece uma análise interessante sobre a perspectiva da psicologia analítica a respeito das expressões da homossexualidade. Em determinado momento o autor discorre a respeito da grande mudança que a homossexualidade passou nos últimos anos, assim como Samuels (1992) em “A psique plural - personalidade, moralidade e o pai” fala sobre a identificação com a sexualidade na nossa atual cultura; se antes era considerada como um comportamento sexual, hoje ela se tornou parte da identidade psicológica de cada indivíduo (MILLER, 2010). Anteriormente a homossexualidade era algo que uma pessoa fazia, e hoje se tornou quem alguém é, ou parte de quem se é; portanto, podemos pensar que entender a homossexualidade como uma anomalia ou uma patologia, hoje em dia, tornou-se uma grave alegação, já que não se está mais falando “determinada pessoa tem um comportamento patológico”, mas sim “aquela pessoa é doente”.

O mesmo autor acredita que chegamos a um ponto em que assumimos que sabemos ou entendemos a natureza da homossexualidade, tanto na tentativa de apoiá-la, quanto para condená-la, mas nisso nos vemos presos à ideia de tentar encontrar uma base explicativa/causa para tal orientação (MILLER, 2010). Entretanto, também parece que esquecemos que o modo que discorremos sobre vários assuntos, incluindo a homossexualidade, é perpassado por nossa posição social, nosso alinhamento com teorias psicológicas, com a teologia e por identificações políticas (Ibidem, 2010).

Todas as nossas ideias sobre causa, função, significado e existência acabam revelando nosso relacionamento com a psique e como desenvolvemos nossas suposições e supostos entendimentos (MILLER, 2010). Para o mesmo autor, na tentativa de tentar encontrar a causa da

homossexualidade, ela se torna bode expiatório para todos os nossos medos e preconceitos, assim como para a grandiosidade com que encaramos a natureza da psique (Ibidem, 2010). Essencialmente, o autor está sugerindo que quando falamos de homossexualidade, nós estamos expressando nossas tentativas de reduzir a natureza desconhecida da psique em termos que reforçam nossas bases, convicções, preconceitos e defesas contra o grande desconhecido. Então, Miller (2010) sugere que olhando a homossexualidade como um fenômeno psíquico, podemos pensá-la como um símbolo da psique.

Ainda sobre a tentativa de buscar uma “causa” para a homossexualidade o autor considera esse empreendimento como uma faca de dois gumes. Como as pesquisas para descobrir as causas da homossexualidade nos dias atuais são uma tentativa de encontrar as bases das mesmas atrações de gênero no domínio físico material/biológico (JUDSON, 2003; MENEZES; BRITO, 2007; MILLER, 2010), isso, por um lado, poderia emancipar as várias expressões do desejo sexual do domínio psicológico e de seu histórico patologizante (MILLER, 2010). Assim, criando a esperança de que o indivíduo ficaria livre do olhar marginal e patologizante que operou por séculos em nossa cultura ocidental cientificista, e poderia buscar uma vida de aceitação, oportunidade e pertencimento, ao invés de viver a marginalização e a condenação (Ibidem, 2010). Mas, por outro lado, o autor entende que uma das consequências dessa busca incessante possa ser uma intensificação da alienação da psicologia, por sua própria história discriminatória sobre o assunto (Ibidem, 2010).

Para além da necessidade humana de defesa contra o desconhecido, seria a busca por uma causa/ explicação para a homossexualidade uma expressão do monoteísmo de nossas consciências? Samuels (1992) em “A psique plural - personalidade, moralidade e o pai” aponta o quanto em nosso mundo, a sexualidade - seja ela heterossexual, homossexual, bissexual ou qualquer outra - configura em muito a identidade pessoal de cada indivíduo e como eles são vistos perante a sociedade, estando, desse modo, no campo da certeza sexual.

Para Samuels (1992) a identificação dos sujeitos com a própria sexualidade que encontramos hoje, que chega ao ponto de terem suas identidades baseadas nisso, é tão forte quanto a identificação pessoal com o gênero masculino ou feminino. Assim, a possibilidade de viver a incerteza sexual, ou melhor colocado, a liberdade de viver a dúvida da sexualidade desafia essa dualidade em que vivemos: certo e errado, homem e mulher, masculino e feminino, heterossexual e homossexual; desafiando assim, o que podemos chamar de monoteísmo da consciência. Dito isso, a ideia de descobrir uma causa para a homossexualidade e caracterizar as pessoas a partir de seus

desejos eróticos e românticos nos parece mais segura e reconfortante do que a possibilidade de viver o incerto, o não saber e o politeísmo.

Dentro desse panorama, Miller (2010) defende que a psicologia analítica nos oferece algo único para encarar as imagens, experiências e fantasias que entendemos e agrupamos como expressões homossexuais. Mas, especialmente em um período onde a demanda pelas causas é cada vez maior, uma orientação/atitude analítica não se torna apenas distinta, mas também controversa, rara e difícil de manter (Ibidem, 2010). O que seria essa postura analítica? É a atitude de não depravar o símbolo de seu significado e nem de reduzir os mistérios da psique em fórmulas. O caminho analítico e o sentido da psicologia analítica não é o de formular uma teoria da homossexualidade, e sim a tentativa de intensificar e aprofundar o relacionamento com a natureza dinâmica da própria psique, com a alma (Ibidem, 2010, p. 114-115).

A busca da psicologia analítica é com símbolos e não o esfacelamento desses produtos em partes dissociadas até elas se tornarem vazias e ausentes de significado. Por consequência desse olhar, o que cintila de volta são uma variedade de produtos psíquicos que podem ou não pertencer a categoria definida como homossexualidade ou não heterossexualidade (MILLER, 2010). O desafio analítico, então, passa a ser: visualizar esses produtos da psique no contexto de vida de um indivíduo (Ibidem, 2010).

Tal como transparece e é apontado por Lingiardi (2011, p. 23), falar sobre a homossexualidade é extremamente complicado, porque se de um lado corremos o risco de tentar separá-la da totalidade da experiência erótica humana e de caracterizar homossexuais como um grupo à parte; por outro não falar sobre esse tema também é um problema, pois se renuncia um aspecto central da vida erótica e/ou da identidade de muitos indivíduos.

Portanto, meu desafio aqui é tentar explorar como é a experiência pessoal de uma mulher homossexual no mundo de hoje, e não definir o que seria uma mulher homossexual. Assim como não me cabe escrever sobre o significado da vida de uma mulher homossexual, mas cabe tentar entender sobre o significado dessa experiência em suas vidas.

Voltamos agora para explorar o que Jung teve a dizer sobre a homossexualidade. Como já foi dito na introdução deste trabalho, observa-se, ao longo dos anos, uma grande transformação no pensamento de Jung a respeito da homossexualidade. Nos seus primeiros escritos, quando ainda estava fortemente ligado à psicanálise, Jung deixa claro que, apesar de compartilhar da opinião de muitos psiquiatras da época de que a homossexualidade não deveria ser considerada criminosa, ele

a coloca como expressão de uma perturbação no relacionamento com os pais, sobretudo com a mãe, advindo de uma imaturidade psicológica e de uma posição infantil (HOPCKE, 1993, p. 26-33).

[falando sobre paciente que é muito apegada a uma amiga]. [...] Isso nos leva a compreender mais uma razão por que não pode largar a amiga: precisa agarrar-se a ela para não sucumbir a essa outra tendência, que lhe parece bem mais perigosa. Isso a retém num nível homossexual infantil, que, no entanto, lhe serve de defesa. (A experiência nos ensina que este é um dos motivos mais fortes que impedem o rompimento das relações inadequadas e infantis). Mas nisso também está sua saúde, o germe de sua personalidade futura e sadia, que não se intimida diante das iniciativas a tomar na vida. (JUNG, 2018, p. 99)⁹

Primeiro, quero familiarizar o leitor com a pessoa do sonhador [...]. O sonhador é um rapaz de pouco mais de 20 anos e de aspecto bem infantil. Tem até mesmo um jeito de menina, tanto na aparência quanto nas expressões, e que deixam transparecer a esmerada educação e cultura recebidas. É inteligente e são grandes seus interesses intelectuais e estéticos. O estético coloca-se indiscutivelmente em primeiro plano. Percebemos imediatamente o seu bom gosto e uma acurada compreensão por todas as formas de arte. Sensível, sentimental, arrebatado devido ao seu caráter adolescente e um tanto feminino. Nenhum sinal da grosseria própria da puberdade. É incontestavelmente infantil para sua idade; portanto, um caso de desenvolvimento retardado. Isso explica o homossexualismo, razão pela qual veio procurar-me. (JUNG, 2018, p. 115)¹⁰

Apesar de entender a homossexualidade nesses primeiros anos como um sintoma e, portanto, patológica e passível de cura, Jung partia do pressuposto de que havia um significado individual para essa homossexualidade, que era autônomo de seu julgamento analítico, expressando um posicionamento singular para a época (HOPCKE, 1993, p. 33).

A partir de 1921, começa-se a identificar o surgimento de um pensamento mais maduro em Jung, em especial sobre a homossexualidade. Nesse momento, as teorizações sobre o arquétipo anima/ animus são uma das formas mais elementares dentro da teoria junguiana de se compreender a homossexualidade (HOPCKE, 1993, p. 35). Para Jung, o homem que se identifica com sua feminilidade inconsciente (a anima) inevitavelmente e inconscientemente projeta sua persona, ou seja, sua faceta masculina “externa” em outro homem, criando a atração pelo mesmo gênero. Isso se dá uma vez que a pessoa que projeta sua masculinidade enxergará o portador dessa projeção como detentor de algo irresistível e essencial (HOPCKE, 1993, p. 35).

Para o homem, o portador mais adequado da imagem da alma é a mulher, por causa das qualidades femininas de sua alma e, para a mulher, é o homem. Sempre que houver uma relação absoluta, de efeito mágico, por assim dizer, entre os sexos, trata-se de projeção da imagem da alma. Sendo frequentes essas relações, também a alma tem que ser muitas vezes inconsciente, isto é, muitas pessoas não tomam consciência do modo como se comportam para com os processos psíquicos internos. E pelo fato de essa inconsciência vir sempre

⁹ 1912 ano de publicação original do volume 7/1 das Obras Completas.

¹⁰ 1912 ano de publicação original do volume 7/1 das Obras Completas.

acompanhada de uma total identificação com a persona, esta identificação tem que ser muito frequente. Realmente, muitas pessoas se identificam tanto com sua atitude externa que não têm relação consciente alguma com os processos internos. Mas também pode acontecer o contrário: que a imagem da alma não seja projetada, mas permaneça no sujeito. Disso resulta tal identificação com a alma que o sujeito se convence de que o modo como se comporta em relação ao processos internos seja também o único e real caráter. Devido à sua inconsciência, a persona, neste caso, é projetada e, além disso, sobre um objeto do mesmo sexo - o que explica muitos casos de homossexualidade aberta ou latente, ou de transferência de pai, nos homens, e transferência de mãe, nas mulheres. Esses casos acontecem sempre com pessoas com adaptação exterior deficiente e com relativa falta de relacionamento, pois a identificação com a alma cria uma atitude que se orienta principalmente pela percepção de processos internos - o que retira do objeto a influência determinante. (JUNG, 2019, p. 463)¹¹

Nessa concepção, a homossexualidade seria, na maioria dos casos, para Jung, exemplo de uma adaptação imperfeita à realidade, já que demonstraria uma incapacidade de se relacionar verdadeiramente com o outro, à medida que na homossexualidade essa relação só se daria com parte da sua própria alma que ainda não foi integrada (HOPCKE, 1993, p. 35). No entanto, Jung não aponta a homossexualidade automaticamente como perversão. O que o autor fazia neste momento com seus pacientes homossexuais era tentar avaliar o quanto essa homossexualidade era favorável ou prejudicial para o desenvolvimento da personalidade do indivíduo (Ibidem, p. 39-40).

É de extrema importância mencionar que Jung não formulou nenhuma hipótese teórica clara a respeito da homossexualidade feminina, como fez com a masculina; na verdade, a homossexualidade feminina tem uma posição um pouco enigmática dentro do pensamento de Jung. Na maioria das vezes ele não a cita e, quando o faz, as causas para esta não são deixadas claras. Como em muitos momentos Jung liga a homossexualidade masculina a um problema com o feminino, não fica explícito se ele concebeu a homossexualidade feminina nas mulheres também como um problema com a figura materna (HOPCKE, 1993, p. 71).

Dentro das poucas citações que são feitas às mulheres homossexuais, Jung parece colocá-las como geralmente orgulhosas, intelectuais e bastante masculinas. A posição dessas mulheres seria defensiva com relação aos homens, e o reforço de seus traços “masculinos” destruiria seu “encanto feminino” (HOPCKE, 1993, p. 39 apud LOPEZ-PEDRAZA, 1976).

Os mesmos aspectos positivos [encontrados em relações entre homens] podem ser apontados na amizade entre mulheres, só que aqui a diferença de idade e o momento educativo têm menor importância. Serve mais para troca de sentimentos carinhosos, por um lado, e troca de ideias, por outro. Trata-se, na maioria dos casos, de mulheres temperamentais, intelectuais e algo masculinizadas que neste tipo de relação procuram apoio e supremacia contra o homem. Por isso sua atitude para com o homem é muitas vezes de autosssegurança estranha e de certa resistência. O efeito sobre o caráter consiste num fortalecimento dos traços masculinos e perda do encanto feminino. Não raro o homem

¹¹ 1921 ano de publicação original do volume 6 das Obras Completas.

descobre sua homossexualidade quando percebe que uma mulher desse tipo o deixa mais frio que uma geladeira. (JUNG, 2018, p. 118)¹²

No pensamento maduro de Jung, sua visão sobre a homossexualidade só se tornou mais complexa (HOPCKE, 1993, p. 47). Em um primeiro momento ele ligou a homossexualidade ao arquétipo do Hermafrodito ou “Homem original”, que representa a plenitude psicológica, portanto, o *Self*, a totalidade psíquica. Nessa concepção, Jung vai muito além da homossexualidade enquanto fruto de um complexo materno ou de uma relação perturbada com o arquétipo anima/ animus, passando a entender a homossexualidade como uma tentativa de obter integração psicológica sem um custo pessoal (Ibidem, p. 48 e 53).

A questão da terapia é um problema que não pode ser resolvido com poucas palavras. Nem era minha intenção tratar deste problema aqui. No entanto, quero esboçar rapidamente meu ponto de vista em relação a ela: pessoas mais jovens, antes de atingirem a metade da vida (por volta dos trinta e cinco anos) conseguem suportar sem dano até mesmo a perda aparentemente total da anima. Em todo caso, neste estágio um homem deveria conseguir ser um homem. À medida em que cresce, o jovem deve poder libertar-se do fascínio pela anima, exercido sobre ele pela mãe. Há, no entanto, exceções, especialmente no caso de artistas, onde o problema se coloca frequentemente de modo bastante diferente; o mesmo se dá com o homossexualismo que em geral se caracteriza por uma identificação com a anima. Em vista da conhecida frequência deste último fenômeno, concebê-lo como uma perversão patológica é extremamente questionável. Segundo as descobertas da psicologia, trata-se mais de um desligamento incompleto do arquétipo hermafrodita, unido a uma resistência expressa a identificar-se com o papel de um ser sexual unilateral. Uma tal disposição não deve ser julgada sempre como negativa, posto que conserva o tipo humano originário que, de certa maneira, se perde no ser sexualmente unilateral. (JUNG, 2016, p. 81)¹³

Por fim, em sua velhice, Jung introduziu o conceito de homossexualidade constitutiva. Desse modo, o desejo por pessoas do mesmo gênero passaria a ser inato e não mais adquirido. Esta foi uma ideia admirável dentro da psicologia, embora pouco explorada por ele e seus adeptos (HOPCKE, 1993, p. 50).

Como vimos, Jung é um homem de seu tempo e apesar de alguns comentários infortúnios a respeito da homossexualidade e suas possíveis causas, ele conseguiu deixar clara a pouca importância que dava a necessidade de categorizações e determinações rígidas sobre a sexualidade, seja ela hétero ou homossexual. Afinal de contas, Jung não considera a sexualidade como eixo central de sua teoria, na verdade, para a psicologia profunda, ela é apenas um dos componentes da personalidade.

¹² 1974 ano de publicação original do volume 10/3 das Obras Completas no Brasil.

¹³ 1959 ano de publicação original do volume 9/1 das Obras Completas.

CAPÍTULO 3: OS PÓS-JUNGUIANOS E A HOMOSSEXUALIDADE

Como já dito na introdução, os autores-terapeutas da primeira geração de pós-junguianos pouco dialogam com o tema da homossexualidade e seus desdobramentos, assim como seu mestre, Jung. E nas raras vezes que o fizeram, seguiram as mesmas orientações de seu pensamento, alguns exemplos são: Jolande Jacobi (1969); Marie-Louise Von Franz (1992); Layard (1995); Neumann (1990); Price (1959) e Storr (1957).

Antes de nos aprofundarmos no que cada autor disse sobre a homossexualidade, é importantíssimo mencionar que Jolande Jacobi (1969) é a única entre os autores citados que, em seu artigo para o *The Journal of Analytical Psychology*, refere-se, apesar de brevemente, à homossexualidade feminina.

Jacobi (1969, p.48) inicia seu trabalho trazendo uma hipótese inédita de Jung sobre a homossexualidade, da qual teve ciência por meio de conversas pessoais com o mesmo. Para o Jung a homossexualidade poderia ser uma forma da natureza controlar o grande aumento populacional da sociedade, fazendo assim, da homossexualidade não algo patológico, desviante ou degenerado, mas apenas um mecanismo natural. No entanto, o tom positivo e favorável em que a homossexualidade estava sendo tratada dura pouco, afinal na página seguinte a autora passa a se referir a esta orientação como uma “condição” e um “problema”, aludindo que a homossexualidade seria patológica (JACOBI, 1969, p. 49-50).

Ao afirmar que não existem evidências genéticas que explicam a causa da homossexualidade, Jacobi (1969) nos deixa com suas explicações ambientais e maturacionais para a causa desse suposto “distúrbio”. Algumas das principais causas trazidas pela autora são:

1. A influência de famílias com históricos de distúrbios psicológicos, que constitui um fator herdado persistente na estrutura psíquica familiar. [...]
2. Relacionamentos perturbados com os pais, o mais importante sendo um relacionamento muito próximo com uma mãe relativamente forte, a ausência do pai, ou um pai muito severo ou um pai alcoólatra que é rejeitado pela família - portanto resultando [no filho] na identificação com o papel da mãe e na procura do pai, logo na procura de um homem. Outra possibilidade é a presença de uma mãe que, para aliviar seus desapontamentos, busca um substituto em seu filho. [...]
4. Medo generalizado da vida resultante de uma falha maturacional e das responsabilidades que surgem de um relacionamento sexual com uma mulher.¹⁴ (JACOBI, 1969, p. 50-51, tradução nossa).

¹⁴ “1. The influence of families with histories of psychological disturbances, which have come to constitute a persistent factor inherent in the psychic structure of the family. [...] 2. Disturbed relationship with the parents, the most important being too close a relationship with a relatively strong mother, lack of a father, or a despised, harsh father or an alcoholic. Who is rejected by the family – thus resulting (in the son) in an identification with the role of the mother and a search for the father, thus the search for a man. Or the presence of a mother who, to allay her disappointments, seeks a substitute in her son. [...] 4. A general fear of life resulting from maturation failure and the responsibilities that grow out of a sexual relationship with a woman.” (JACOBI, 1969, p. 50-51)

Como vimos nas citações acima, fica claro que a autora associa a homossexualidade com histórico de distúrbios, como alcoolismo, casos de violência ou crimes e com adoecimentos mentais na família, o que predisporia a “ocorrência” de homossexualidade ou comportamentos homossexuais (JACOBI, 1969). Indicando, portanto, uma ligação entre homossexualidade e adoecimento e/ou imoralidade.

Jacobi (1969) também associa a homossexualidade masculina com uma superidentificação do filho com a figura materna, ou seja, um sinal de falha no desenvolvimento “normal” e imaturidade psicológica. Essas aproximações dão a ideia de que a homossexualidade é errada e menos desenvolvida que a heterossexualidade. Além disso, ao apontar a homossexualidade como um sinal de menor maturidade psíquica e como um desvio no processo de amadurecimento “normal” (JACOBI, 1969, p. 51), a autora estabelece a heterossexualidade como normal e vincula a homossexualidade à anormalidade.

Como Jacobi (1969) entende que todos os homossexuais possuem um ego fraco, ela sugere a terapia como uma possibilidade de tratamento para o fortalecimento do ego e para a conversão heterossexual (Ibidem, p. 51). A autora nessa passagem não apenas reafirma a ideia de que a homossexualidade seria inadequada, como também patológica e passível de tratamento.

Antes de discutirmos os pontos mais relevantes e inovadores do trabalho de Jacobi (1969) sobre a homossexualidade, me permiti fazer uma citação de um trecho de seu artigo, ele segue:

Nós devemos também nos lembrar que muitos homossexuais são, não apenas, muito sensíveis, como também fracos. Frequentemente eles têm tamanha feminilidade em si mesmos, que não conseguem aguentar expressões do feminino em seu entorno. Eles fogem dessa feminilidade e devem fortalecer sua masculinidade associando-se com outros homens¹⁵. (JACOBI, 1969, p. 53, tradução nossa)

Ao ler a frase acima pela primeira vez confesso que me assustei, apesar dela não se afastar muito das teorizações já elaboradas pela autora. Acredito que o que me pegou de surpresa neste excerto não é apenas o tom pejorativo em que a homossexualidade masculina é tratada, mas também a associação entre fraqueza e feminilidade, que nos olhos e ouvidos de hoje, pode ser considerada extremamente machista, ainda mais vindo de uma mulher. Deixando de lado, por um momento, o contexto social e histórico em que Jolande Jacobi escreveu este artigo, me pego pensando que ao associar o feminino e a feminilidade com fraqueza e sentimentalismo exacerbado,

¹⁵ “We should also remember that many homosexuals are not only very sensitive, bus also weak. Often they have so much femininity in themselves that they cannot bear any more femininity around them. They flee form in and must strengthen their masculinity by association with a man.” (JACOBI, 1969, p. 53)

a autora não está só fazendo, de certo modo, uma crítica aos homens homossexuais, mas também a si mesma enquanto mulher.

Em um primeiro momento do texto, Jacobi (1969, p. 50) liga todos os “problemas” e dificuldades apresentados por pessoas homossexuais a sua orientação, o que parece uma análise rasa, já que hoje para nós é claro que os homossexuais não sofrem por sentirem atração pelo mesmo gênero, mas, na verdade, sofrem pelo estigma e discriminação que se atrair pelo mesmo gênero tem em nossa sociedade. No entanto, ao longo de sua discussão Jacobi aponta a possibilidade do sofrimento dos homossexuais ter um fundamento para além de sua orientação (JACOBI, 1969, p. 52), hipótese essa inédita e que não foi explorada por mais nenhum de seus colegas citados no início do capítulo.

Jacobi (1969) pondera:

Eles [homossexuais] quase sempre sentem-se rejeitados, até mesmo desprezados, e eles têm complexos de inferioridades correspondentes (cf. Adler, 1918 e 1930), levando frequentemente a sentimentos de perseguição, que talvez possam ser justificados já que eles são condenados por princípios religiosos e morais. Portanto seus “espíritos” frequentemente também se tornam ‘anormais’. Por isso, nós encontramos muito regularmente mentirosos, criminosos e pessoas sem rumo e inseguras entre os homossexuais. Na maioria dos casos eles não conseguem mudar e são severamente neuróticos.¹⁶ (JACOBI, 1969, p. 52, tradução nossa).

Apesar de aproximar a homossexualidade à criminalidade, a autora também é a única entre os outros autores-terapeutas que fala, apesar de brevemente, sobre a homossexualidade feminina, foco deste trabalho.

Jacobi (1996) revela:

Jung [em comunicações pessoais] tinha que a homossexualidade deveria ter algo haver com um problema da sombra; isso [a homossexualidade] seria um elemento reprimido e indiferenciado da masculinidade nos homens e da feminilidade nas mulheres, que ao invés de ser desenvolvido em um nível psicológico através das profundezas de cada psique individual, acaba sendo procurado em um plano biológico através da ‘fusão’ com outro homem ou outra mulher. Isso aconteceria pela identificação com a mãe para ser amado pelo pai, ou pela identificação com o pai para ganhar a possibilidade de possuir outra mulher.¹⁷ (JACOBI, 1969, p. 51, tradução nossa).

¹⁶ “They (homosexuals) almost always feel themselves to be rejected, even despised, and they have corresponding inferiority complexes (cf. Adler, 1918 and 1930), leading often to feelings of persecution that may be justified since they are condemned on the basis of religious and moral principles. Thus their ‘spirits’ also very frequently become ‘abnormal’. Therefore, we very often find liars, criminals, aimless persons and insecure individuals among homosexuals. They cannot change themselves and in most cases are severely neurotic.” (JACOBI, 1969, p. 52)

¹⁷ “Jung (in personal communications) held that homosexuality had to do with a shadow problem; that is a repressed, undifferentiated element of masculinity in the man and of femininity in the woman which, instead of being developed on

Apesar de colocar uma conotação negativa sobre a homossexualidade ao referir-se a um “problema da sombra”, e continuar a associar essa orientação e identidade com imaturidade psicológica, já que liga a homossexualidade a uma superidentificação com as figuras parentais. E apesar de insinuar que a homossexualidade seria um “caminho mais fácil” para “escapar” do árduo desafio da individuação, a autora traz um ponto de vista diferente dos demais, ao apontar para a possibilidade que os homossexuais sofram por conta da discriminação que vivem, e não apenas por sua identidade.

Jacobi (1969), através deste relato de suas conversas pessoais com Jung, apresenta algo novo para nós, a confirmação de que Jung acreditava que a homossexualidade feminina estava ligada a não integração dos aspectos femininos que habitam a sombra, e que isso acontecia através da identificação da filha com o pai, hipótese com a qual Jacobi (1969) também concorda.

Von Franz (1992), em seu livro “*Puer arternus*: a luta do adulto contra o paraíso da infância”, apesar de não mencionar a homossexualidade feminina, nos traz alguns esclarecimentos importantes sobre o que já discutimos com Jacobi (1969). A autora trabalha mais extensamente a teoria de Jung sobre superpopulação que foi citada acima no trabalho de Jacobi. Von Franz, diz:

O Dr. Jung tinha uma noção muito interessante sobre homossexualismo: pensava que ele poderia ser uma compensação inconsciente para a superpopulação; quer dizer, achava que a natureza forçasse essa tendência a fim de compensar a superpopulação — de maneira que certo número de pessoas não contribuíssem para esse problema. A natureza pode muito bem empregar tal recurso e a superpopulação é realmente hoje nosso maior problema. Antigamente não haviam estatísticas, portanto é difícil provar alguma coisa a esse respeito. Somente sabemos que a homossexualidade é hoje tremendamente comum. (VON FRANZ, 1992, p. 18).

Essa hipótese de Jung, aqui um pouco melhor elaborada do que no artigo de Jacobi (1969), nos reafirma a ideia de que o pai da psicologia analítica, apesar de ter escrito pouco sobre homossexualidade, hipotetizou que essa orientação talvez pudesse ser algo além de patológica, ruim, indesejável e errônea, podendo ter um sentido pessoal e social.

No mais, Von Franz associa a homossexualidade masculina à identificação com o *puer* e a uma relação de grande dependência com a mãe, e, portanto como um sinal de imaturidade psicológica.

a psychological level from the depths of the individual's own psyche, is sought on a biological plane through 'fusion' with another man or another woman, as the case may be. This takes place either through identification with the mother in order to be loved by the father, or by seeking fusion, or identification, with the father in order to gain greater strength to possess a woman.” (JACOBI, 1969, p. 51)

Em geral, o homem que se identifica com o arquétipo do *puer aeternus* permanece durante muito tempo como adolescente, isto é, todas aquelas características que são normais em um jovem de dezessete ou dezoito anos continuam na vida adulta, juntamente com uma grande dependência da mãe, na maioria dos casos. Os dois distúrbios típicos do homem que não se separou da mãe, são, de acordo com Jung, o homossexualismo e o complexo de Don Juan. (VON FRANZ, 1992, p. 4-5).

Durante o texto a autora também se refere à homossexualidade como um “problema”, “distúrbio” e uma “falha no desenvolvimento normal”, portanto, coloca a homossexualidade como anormal e desviante.

Layard (1995) trata em seu trabalho da homossexualidade masculina como patológica. Mas, difere dos demais apresentados até o momento a não ligá-la diretamente a uma influência do pai ou da mãe, mas fala da homossexualidade como uma tentativa de substituição da influência feminina pela masculina.

Neumann (1990), em nenhum momento cita a homossexualidade feminina, e também é muito breve ao mencionar a masculina, já que o faz em uma nota de rodapé. O autor associa a homossexualidade masculina a uma psicologia matriarcal em que a Grande Mãe tem de forma inconsciente domínio sobre o homem homossexual. Então, mais uma, vez discute a homossexualidade como um não amadurecimento psíquico: “Mesmo hoje, encontramos quase sempre, em casos de homossexualidade masculina, uma psicologia matriarcal em que a Grande Mãe tem, de maneira inconsciente, ascendência.” (NEUMANN, 1990, p. 113).

Price (1959), assim como os demais, não menciona a homossexualidade feminina e se refere à homossexualidade como um problema. O autor é breve e não se prende a falar de causas para a homossexualidade, mas parece justificar os comportamentos homossexuais de um de seus pacientes a partir da estruturação familiar destes, ou seja, refere-se, como muito dos outros, a um pai pouco presente e a uma mãe dominadora.

Por fim, Storr (1957), assim como a maioria dos autores-terapeutas da primeira geração, não cita a homossexualidade feminina, e muito menos se preocupa em hipotetizar sua causa e função. No entanto, diferentes dos demais, o autor não menciona a homossexualidade masculina como uma falha no desenvolvimento psíquico ou como um sinal de imaturidade. Apesar de tratar em seu artigo de perversões e anomalias sexuais e dizer que a homossexualidade pode ser uma possível exceção a essas categorias, ele também afirma que ela não faz parte do espectro da normalidade.

Em resumo, as ideias dos autores até aqui trabalhados são extremamente próximas das de Jung e muito representativas do momento em que foram escritas. Durante a leitura fica claro que para esses autores que o “normal” e o esperado é que a personalidade se desenvolva até culminar na heterossexualidade, assim, ela representa o normal e o padrão, e qualquer desvio do modelo significa, de imediato, anormalidade, patologia e desvio (MOREIRA, 2015, p. 35).

Para muitos desses autores, durante os estágios sucessivos de desenvolvimento da personalidade podem até ocorrer interesses ou alguma forma de relação entre pessoas do mesmo gênero, no entanto, é sempre esperada e tratada como um lapso passageiro que tende a ser deixado para trás à medida que se alcança a maturidade psíquica e sexual (MOREIRA, 2015).

No entanto, se um indivíduo permanece homossexual após ter atingido a idade adulta, o problema se agrava, já que se supõe que ele está preso em uma fase muito anterior de seu desenvolvimento. Fase essa em que, muito possivelmente, o sujeito está identificado com a mãe, e sem conseguir escapar das garras do feminino e se desenvolver, ele permanece inadequado e em sofrimento. Como fica claro, ser homossexual para esses autores-terapeutas é ser anormal (MOREIRA, 2015). Mas, como ressalta Lingiardi (2011, p. 30), todas essas hipóteses se originaram dos estudos de casos de homossexuais que buscavam ajuda terapêutica, ou seja, essa nunca foi uma amostra grande ou representativa de toda a população homossexual.

De certo modo, também é surpreendente que apenas uma autora, Jolande Jacobi (1969), hipotetizou, com muita dúvida por sinal, que talvez toda a dor e sofrimento que os indivíduos homossexuais enfrentam, pudesse ir muito além de seu simples desejo. Jacobi (1969) atenta para a possibilidade de que o sofrimento dos homossexuais advenha de toda repressão e clandestinidade que eles vivem, já os demais autores continuam a associação tradicional entre desejo homossexual e sofrimento, feita desde o século XVIII (MOREIRA, 2015). No entanto, como Moreira (2015, p. 35) afirma, um horizonte de compreensão mais amplo, correspondente com as condições sociais atuais, começou a surgir junto com uma nova geração de pós-junguianos.

3.1: A Segunda e a Terceira Geração de Junguianos

O grupo de autores analistas mais recente, chamados de pós-junguianos de 2º e 3º geração, se mostram muito ligados e articulados aos mais recentes debates e produções acadêmicas sobre a homossexualidade, e às novas conquistas sociais e políticas da população LGBT, trazendo idéias e diálogos muito mais diversificados para o campo da psicologia analítica (MOREIRA, 2015).

Como afirma Lingiardi (2011) essa nova postura dos autores-terapeutas junguianos “(...) parece considerar a sexualidade de uma forma inovadora, com maior imaginação e com a mente relativamente livre de classificações constritivas e de caminhos traçados.” (Ibidem, p. 22). A diferença entre as teorizações desta geração de pós-junguianos para o grupo anterior é enorme, e para Hopcke (1993) o que explicaria tal distância não é só o fato de muitos desses autores não terem tido a oportunidade de conviver com Jung, mas também os ventos sociais vividos por essas novas gerações, como os movimentos em prol dos direitos civis, o movimento feminista e o movimento de libertação gay.

Por muitos séculos alimentou-se o discurso sustentado pela igreja, pela política e pelas ciências de que qualquer desvio do suposto “normal” - da lógica binária, patriarcal e heteronormativa -, era sinônimo de perversão, pecado e doença. No entanto, é interessante pensar que a palavra “normal” origina-se do latim “norma”, que inicialmente dizia respeito ao esquadro usado pelo carpinteiro para produzir ângulos retos, algo que definitivamente não pode ser encontrado na natureza e que é um símbolo das construções artificiais (SALLES, 1992, p. 19).

Como afirma Salles (1992), o conceito ocidental que considera como normais apenas pessoas heterossexuais, casadas, monogâmicas e com filhos, fez milhares de vítimas ao longo dos séculos (Ibidem, p. 17), sem contarmos pessoas com deficiências físicas ou intelectuais, ou aqueles que combinavam mais de uma dessas características consideradas anormais. Muitos homens foram condenados a morte ou ao exílio por sodomia pelo Tribunal da Inquisição, enquanto muitas mulheres independentes, sem filhos ou sem amparo familiar foram queimadas como bruxas (Ibidem, p. 17).

Entretanto, apesar de sabermos que as relações entre pessoas do mesmo gênero sempre ocorreram ao longo da história, o chamado homossexual é uma figura imaginária, produto de uma construção histórica e cultural (COSTA, 1992). O conceito de homossexual que conhecemos hoje é uma produção do imaginário cultural do século XIX (Ibidem, 1992), ou seja, podemos argumentar que a identidade homossexual, e não o comportamento, assumiu tom psicopatológico e marginalizante a partir desse período (BOECHAT, 1997, p. 156).

Dado esse panorama histórico, para Boechat (1997) a causa da homossexualidade e sua determinação genética passam para segundo plano. Boechat (1997) defende olhar a homossexualidade através da abordagem arquetípica junguiana, postura também sustentada por López-Pedraza (1999) e Singer (1991), essa abordagem implica, obrigatoriamente, na leitura dos fenômenos através do fator histórico, já que os arquétipos se constelam dentro de um contexto histórico, geográfico e cultural específico (1997, p. 157).

Assim, para Boechat (1997) a divisão entre normal e patológico, heterossexualidade e homossexualidade é parte de um sistema de crenças culturais que só consegue conceber indivíduos dentro de categorias específicas e mutuamente excludentes (MOREIRA, 2015). Contudo, como aponta Moreira (2015) outros olhares se fazem necessários a essa lógica antiquada, e é exatamente isso que Singer (1991) faz em seu livro.

Singer (1991) parte da reflexão que somos homens ou mulheres e que a sexualidade é inerente a natureza. E com base nessa suposta segurança a sociedade estabeleceu diferenças sociais e as justificou, atribuindo juízos de valor diferentes para homens e mulheres, como se eles fossem absolutamente opostos, quando na verdade são complementares (MOREIRA, 2015, p. 37). Em seguida Singer (1991) apresenta a androginia como um estado indiferenciado que antecede qualquer separação, explicando: “[...] androginia, que no seu sentido mais amplo pode ser definida como Um que contém o Dois, a saber, o masculino (*andro*) e o feminino (*gyne*).” (Ibidem, 1991, p. 27 – grifos da autora). Então, segundo Singer (1991) a androginia seria uma forma ou posição capaz juntar os aspectos “femininos” e “masculinos” presentes em todos os seres humanos.

Assim, entrando no campo da sexualidade, Singer faz suas considerações sobre a orientação sexual a partir do pressuposto da normalidade, afirmando: “[...] cada indivíduo possui uma variedade de tendências e aptidões psicológicas que se enquadram tanto na categoria ‘masculino’ como na categoria ‘feminino’ [...]” (SINGER, 1991, p. 50). Então a discussão não está mais centrada em saber qual aspecto é mais dominante em qual indivíduo, mas sim em questionar como esses aspectos “masculinos” e “femininos” se relacionam internamente na vida de cada sujeito (MOREIRA, 2015, p. 37).

Essa postura nos permite continuar uma reflexão iniciada por Boechat (1997) e acrescida por Moreira (2015) em sua Tese, que é como esses estereótipos do “feminino” quando presentes nos homens, do “masculino” quando presentes nas mulheres, e do “homossexual” são considerados como negativos em nossa cultura, e como podem passar a fazer parte da sombra dos indivíduos e da sociedade.

A moral burguesa do século XIX e XX criou certas exigências para o homem, como: ser o provedor familiar, ser pai e vigilante da virtude da esposa, fazendo surgir um contraponto marginal e psicopatológico a essa figura, o homossexual (BOECHAT, 1997, p. 158). Esse estereótipo de homossexual, construído enquanto figura imaginária, encarna todos os aspectos considerados como negativos e “menos masculinos”, e vai povoar a sombra do homem burguês heterossexual, polarizando, assim, o universo do macho e do masculino (MOREIRA, 2015, p. 38). Essa lógica

falha explica o porquê para muitos homens ser comparado com ou chamado de homossexual é uma das piores ofensas.

Se a perda da virilidade e a comparação com o feminino é um dos maiores medos dos homens, o que podemos dizer sobre as mulheres? Estaria a homossexualidade feminina povoando a sombra da mulher heterossexual? Estaria o estereótipo da mulher lésbica povoando a sombra de mulheres que sentem atração por outras mulheres? É possível pensarmos que a homossexualidade feminina também vai contra o ideal de mulher defendido pela moral burguesa, vigente até hoje. Se enquanto sociedade, entendemos a mulher como tendo sua sexualidade apenas a serviço da reprodução e do homem, o que significaria uma mulher assumir e sustentar seu desejo, ainda mais por outra mulher?

Apesar do lugar sombrio que podemos argumentar que a homossexualidade habita em nossa sociedade, Boechat (1997) nos lembra do papel da determinação histórica e cultural nessa polarização. Ou seja, se podemos argumentar que um comportamento ou o lugar social que ele se encontra é culturalmente construído, também podemos pensar que ele pode ser desconstruído e reconstruído de novas formas (MOREIRA, 2015, p. 38).

Moreira (2015, p. 38) também nos lembra que a plenitude, ou o desenvolvimento pessoal, desejado por pessoas homossexuais não difere em absolutamente nada daquele almejado por heterossexuais, nem que o caminho para alcançar tal desenvolvimento é diferente. Desse modo, entende-se que indivíduo só se realiza quando integra sua sexualidade, seja ela homossexual, bissexual ou heterossexual, à sua consciência.

Nesse sentido Moreira considera:

“O indivíduo pleno é aquele que se esforça para desenvolver todas as suas dimensões, incluindo sua sexualidade, identificando sua orientação e integrando-a à sua existência, a ponto de nem sequer ser notada. É aquele que se entrega ao seu processo de individuação.” (MOREIRA, 2015, p. 38)

Individuar-se pode ser traduzido para “tornar-se aquilo o que se é”, no entanto essa não é uma tarefa simples e muito menos uma que envolve pouco esforço, já que implica no trabalho de integrar todas as dimensões da existência mantendo algum grau de harmonia entre elas (MOREIRA, 2015).

A homossexualidade inconsciente que é afetada pela sombra, é para Centola (1981) uma das principais causadoras de angústia e sofrimento no indivíduo, isto é, enquanto não for assimilada pela consciência. Para Moreira: “Em relação aos sujeitos homossexuais, pode-se discorrer que grande parte dos problemas se dão na medida em que, inconscientemente, a negação da própria

orientação aliada ao preconceito internalizado direciona a homofobia a si mesmo.” (MOREIRA, 2015, p. 39).

A homofobia internalizada é uma forma de autoinjúria, produzida através da exposição contínua de indivíduos homoeroticamente inclinados às muitas imagens, mensagens e valores negativos da cultura atrelados a homossexualidade, muitos indivíduos com desejos homoeróticos podem construir, sem perceber, uma negação desse Eros (BARCELLOS, 2011). Para Barcellos (2011, p. 70), essa internalização é devastadora, já que compromete o processo de formação de uma identidade coesa, aprisionando os indivíduos em personas mentirosas e mal adaptadas.

O indivíduo com inclinações homoeróticas que é educado dentro de uma família e de uma cultura heterossexual pode crescer com o sentimento de que há algo errado consigo, e esse é o início de um processo de ferimento na sua capacidade de cultivar amor-próprio e deixar ser amado (BARCELLOS, 2011).

A criança é “ensinado”, nada mais nada menos, que sua força vital, seu Eros, seu amor, é seu inimigo. O amor, neste exato momento, cai facilmente na sombra. Só lhe resta, a este amor, o obscuro de uma vida clandestina, a dúvida profunda a ambiguidade de sensações, a desconfiança. (BARCELLOS, 2011, p. 73)

Moreira (2015) afirma que essa cisão entre o mundo interno e a persona pode ser responsável por enormes danos e dificuldades na vida de muitos homossexuais, e que sem a devida ajuda eles podem carregar essa tribulação por toda uma vida. Afinal, se toda a energia de um indivíduo é direcionada para reprimir e negar sua essência, isso com toda certeza terá um custo e um dano emocional enorme (Ibidem, p. 40).

Torna-se cada vez mais claro que a existência de adoecimentos desta natureza não se devem a uma determinada orientação sexual, mas sim a todo preconceito e discriminação a ela associados (MOREIRA, 2015, p. 40). Ou seja, com essa nova geração de pós-junguianos estamos deixando de debater se a homossexualidade é ou não patológica, por que vemos que o que é adoecedor é a homofobia, não só para o indivíduo como para toda uma sociedade, tornando-se uma ferida na alma do mundo.

Miller (2010) evidencia o significado simbólico sempre presente na psique, e como esse pode gerar medos, incertezas e preconceitos que são projetados sobre a própria psique no esforço de tentar compreendê-la, ou até mesmo, controlá-la. Para o autor é assim que a homossexualidade se torna *bode expiatório* para esses temores mais profundos, tanto individual quanto socialmente. Assim, entender a homossexualidade dentro de um quadro de “normalidade” é essencial, não só

para os próprios indivíduos homossexuais, quanto para todos envolvidos em história familiares dessa natureza e para a sociedade (MILLER, 2006).

Portanto, essa “nova psicologia”, ou melhor, uma psicologia mais livre de preconceitos, pode oferecer uma abordagem terapêutica em que a homossexualidade não é nada mais do que parte da personalidade do indivíduo (LÓPEZ-PEDRAZA, 1999, p. 164). Nesse sentido o trabalho analítico não visa à conversão do homossexual em heterossexual, mas está a serviço do desenvolvimento de uma relação do indivíduo consigo mesmo (MOREIRA, 2015).

Ao voltarmos nossa atenção para a teorização de Singer (1991) sobre a psique como andrógina, trazendo características dos princípios feminino e masculino para todos os seres, alargamos nossos horizontes. O arquétipo do andrógino traz à alma um modelo bipolar, assim todo ser humano possui essa dupla polaridade, portanto a distribuição dessas características é que proporciona a cada indivíduo seu caráter singular, incluindo sua orientação sexual (MOREIRA, 2015).

A partir disso percebemos que não podemos falar em homossexualidade, bissexualidade e heterossexualidade no singular, só é possível falar dessas expressões do Eros no plural, já que cada indivíduo se encaixa em uma dessas orientações de forma extremamente particular (MOREIRA, 2015, p. 43). Desse modo, o mais pertinente a se dizer, na verdade, nesse trabalho é que estamos falando sobre homossexualidades femininas.

E por fim, após essa reflexão, entende-se que se atrair por homens, mulheres ou ambos, é apenas uma consequência desse modelo bipolar da psique (MOREIRA, 2015). O que Moreira (2015) conclui é que não há necessidade de formular uma teoria que explique toda a diversidade sexual humana, se já partirmos do pressuposto que a sexualidade é plural. Deste modo, qualquer expressão dessa pluralidade está dentro da normalidade, ou melhor, esta só é mais uma forma de amar.

Entretanto, antes de partirmos para a metodologia e para a análise das entrevistas colhidas, proponho que a experiência homoerótica possa ser também abordada por meio da teoria dos complexos culturais e não somente de forma arquetípica.

O termo “complexo” é utilizado na linguagem cotidiana para falar sobre vários tipos de aglomerações e estruturas compostas, mas para Jolande Jacobi (1957) foi na psicologia analítica que esse termo encontrou sua mais importante aplicação. O termo já era empregado pelo Prof. Eugen Bleuler, diretor do Hospital Mental de Burghölzli, no qual Jung fora seu assistente, para designar certos diagnósticos, no entanto, a definição de complexo como a conhecemos hoje, foi formulada

por Jung (JACOBI, 1957, P. 16). Em seus primeiros trabalhos, na clínica universitária de psiquiatria em Burghölzli, Jung introduziu a noção de “complexo de acento emocional” para o fenômeno dos “agrupamentos de ideias de acento emocional no inconsciente”; posteriormente passou-se a usar apenas o termo “complexo”, como forma abreviada (JACOBI, 1957, P. 16).

Segundo a definição de Jung, um complexo é a imagem de certa situação psíquica afetivamente carregada, geralmente incompatível com a atitude habitual da consciência (JUNG, 2018)¹⁸. Essa imagem possui um grau elevado de autonomia, e quando postos em ação os complexos tornam-se capazes de opor-se às intenções do “eu” consciente, de romper sua unidade e de se separar e se comportar como se fosse um corpo completamente estranho na esfera consciente (JUNG, 2018)¹⁹. Já o termo “constelação”, refere-se à criação de um momento psicológico carregado e propício para a irrupção de um complexo, ou seja, um momento em que a consciência já está tomada ou está prestes a ser sobrepujada por um complexo (STEIN, 2004, p. 47).

Quando um complexo é constelado, a pessoa fica sob ameaça de perder o controle sobre suas emoções, seu comportamento e até sobre seu próprio corpo (STEIN, 2004, p. 47), podendo ser observadas manifestações somáticas como: vermelhidão, tremor, enjoo, tontura, sudorese, etc. Nessa conceituação de personalidade para a psicologia junguiana, o ego é mais um complexo entre muitos, e para Stein (2004), o ego da maioria das pessoas é, normalmente, capaz de conter, em certa medida, os efeitos dos complexos, sendo essa capacidade de interesse adaptativo e até de sobrevivência.

Jacobi (1957, p. 26) postula quatro possibilidades de comportamento do “eu” frente a um complexo, elas são: total inconsciência de sua existência, identificação, projeção e a confrontação. No entanto, apenas o último comportamento pode contribuir para a “conversa” com o complexo até levar a sua dissolução, ou seja, para a perda do caráter autônomo, forte e influenciável de um complexo, fazendo desse movimento parte de um dos processos terapêuticos mais importantes (JACOBI, 1957, p. 20 e 26).

A partir do que foi dito até agora é habitual considerar os complexos como “pessoais”, e é verdade que são, afinal muitos dos complexos de uma pessoa são gerados na sua própria história de vida e pertencem estritamente ao indivíduo (STEIN, 2004). No entanto, existem também complexos familiares e sociais. Esses pertencem tanto ao indivíduo quanto ao coletivo, isso significa que em uma sociedade muitas pessoas estão conectadas de forma semelhante, psicologicamente falando

¹⁸ 1960 ano de publicação original do volume 8/2 das Obras Completas.

¹⁹ 1960 ano de publicação original do volume 8/2 das Obras Completas.

(Ibidem, 2004, p. 50). Para somar a nossa discussão sobre o caráter coletivo dos complexos, a seguir será apresentado o conceito de complexo cultural.

Elaborado por Singer e Kimbles (2004) nos anos 1990, este é considerado um conceito contemporâneo dentro da psicologia analítica. Estes teóricos convidaram dezoito grandes autores do campo da psicologia analítica ao redor do mundo para contribuírem na concepção e discussão deste novo conceito, o de complexo cultural. Suas formulações estão reunidas em um livro chamado “*The Cultural Complex: Contemporary Jungian Perspectives on Psyche and Society*”²⁰.

Os autores propõem uma nova visão a respeito da natureza psicológica dos conflitos entre grupos e culturas e fazem isso a partir do alargamento da definição clássica de complexo elaborada por Jung no começo do século XX (SINGER; KIMBLES, 2004). Como Ferreira (2010) deixa claro em sua dissertação, o objetivo dessa nova formulação não é buscar as causas para tais conflitos culturais, mas sim, oferecer uma nova perspectiva para o estudo das forças que levam à manifestação de um processo autônomo, tanto na psique pessoal como coletiva.

Tal manifestação na psique coletiva ocorre da mesma forma do que na psique do indivíduo, o núcleo do complexo é formado constituindo-se das experiências vividas e de disposições internas. A única diferença é que no caso dos complexos culturais, as vivências e disposições são coletivas, ou seja, comuns a um grupo de pessoas (FERREIRA, 2010; SINGER; KIMBLES, 2004).

Portanto, assim como os complexos pessoais emergem do inconsciente pessoal e da sua interação com experiências pessoais e com camadas mais profundas da psique, os complexos culturais podem ser pensados como manifestações resultantes do inconsciente coletivo na sua relação com o campo arquetípico e pessoal, podendo manifestar-se tanto na psique de um grupo, quanto na de um indivíduo que compõem tal grupo (SINGER; KIMBLES, 2004).

E apesar do conteúdo do complexo cultural ser diferente do complexo individual, assim como nesse último, os complexos culturais tendem a ser autônomos, repetitivos, resistentes a tomada de consciência e dissolução e ligando-se a experiências que confirmam seu ponto de vista histórico (SINGER; KIMBLES, 2004).

Em sua teoria, Jung incluiu o nível cultural dentro da psique individual, apontando para a possibilidade de trocas inconscientes entre indivíduo e cultura, no entanto Jung e seus seguidores não aplicaram a teoria dos complexos à vida coletiva e sua análise (SINGER; KIMBLES, 2004). Assim, a proposta de Singer (2004), Kimbles (2004) e seus colaboradores é aplicar a teoria dos

²⁰ O Complexo Cultural: Perspectivas Junguianas Contemporâneas sobre Psique e Sociedade (Tradução nossa)

complexos à vida em grupo e analisar como a vida em grupo existe na psique individual (FERREIRA, 2010; SINGER; KIMBLES, 2004).

Ferreira (2010) defende que o conceito de complexo cultural não apenas se soma a teoria junguiana e amplia os fundamentos herdados de Jung, como preenche uma importante lacuna na teoria junguiana ao se propor discutir sobre o tema da psicologia coletiva, uma vez que Jung optou pela abordagem arquetípica, ainda seguida por muitos de seus estudiosos. Para Singer e Kimbles (2004) o terror vivido pela Europa durante as Grandes Guerras marcaram Jung sobre os perigos da possessão arquetípica sobre a vida coletiva. Além disso, os autores acreditam que a introversão de Jung e a importância dada por ele ao processo de individuação contribuíram para a existência dessa lacuna e para a comum ideia de que viver no coletivo pode ser extremamente danoso e perigoso para o indivíduo e para o grupo (FERREIRA, 2010; SINGER; KIMBLES, 2004).

Singer e Kimbles (2004) indicam que uma vez que o complexo cultural irrompe na psique pessoal ou coletiva, a identidade cultural habitual é tomada pelos efeitos do complexo cultural que, muitas vezes, foi construído por séculos de repetição de experiências extremamente traumáticas. E assim como nos complexos pessoais, dada a sua bipolaridade, no complexo cultural o ego do grupo ou o ego do indivíduo pertencente a aquele grupo torna-se identificado com uma parte inconsciente do complexo cultural e projeta a outra em um grupo distinto ou em seus membros (SINGER; KIMBLES, 2004).

Assim, Singer (2004), Kimbles (2004) e seus colaboradores (2004), apoiados na teoria junguiana, formulam que os complexos culturais estão baseados em experiências repetitivas de determinado grupo que se encaixam no inconsciente coletivo grupal. Em um momento propício o complexo cultural pode emergir do inconsciente coletivo e tomar a psique coletiva e pessoal (SINGER; KIMBLES, 2004). A esperança dos autores é que essa nova discussão leve a uma forma mais objetiva de perceber a sombra e os complexos culturais do grupo, no lugar de ver o grupo apenas como sombra do indivíduo (FERREIRA, 2010).

A partir dessa breve exposição sobre o conceito de complexo cultural podemos agora começar a nos perguntar como isso se relaciona a homossexualidade, e em especial a homossexualidade feminina. Como vimos nos capítulos anteriores, nos últimos séculos deparamo-nos com inúmeras tentativas de explicar a homossexualidade e essa busca aparentemente “curiosa” ou em favor do “conhecimento” e da “ciência” revela a noção implícita de que há algo de errado com a não heterossexualidade e com o indivíduo que se atrai romântica e/ou eroticamente pelo mesmo gênero. Assim, continua a se perpetuar a visão da homossexualidade enquanto patológica, deturpada e anormal, e da heterossexualidade como a norma e o sadio.

Deste modo, os debates sobre o que a homossexualidade na verdade é, o que ela expressa, quais suas funções e qual seria sua causa, nos mostram que a homossexualidade em nossa sociedade é um exemplo de complexo cultural. Durante a história, por inúmeras razões religiosas, políticas e sociais, a homossexualidade foi negada e reprimida, tornando-se um complexo e passando a ser parte da sombra pessoal e coletiva.

Tudo aquilo que é sombrio e desconhecido ao “eu” pode gerar medo, aversão e ódio, e devido ao caráter sombrio que a homossexualidade assume em nossa sociedade podemos pensar a homofobia como o medo e a dificuldade de admitir a homossexualidade dentro de nós, tanto enquanto indivíduos como sociedade. Portanto, a homofobia, assim como a homossexualidade, pode ser entendida como um complexo cultural, tendo em seu centro a repressão da homossexualidade e a intolerância e o desprezo como suas expressões.

Por fim, como já dito, os complexos culturais, assim como os pessoais, criam conflitos, geram ansiedade, raiva e depressão (BEBBE, 2004. In SINGER; KIMBLES, 2004), tendo efeitos na psique coletiva e pessoal. Deste modo, a homofobia internalizada, que seria o medo, a aversão e o ódio do indivíduo homoeroticamente inclinado para consigo mesmo é uma das consequências da condição sombria da homossexualidade e de suas expressões em nossa sociedade. Logo, a homofobia internalizada pode também ser entendida como um complexo cultural, tendo em seu coração o sentimento de autodesprezo.

CAPÍTULO 4: METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa exploratória que incluiu uma revisão de literatura e uma pesquisa de campo. Na primeira foram buscados trabalhos científicos nos seguintes formatos: artigos de revistas, jornais, monografias, dissertações, teses e livros. Incluiu material disponível nas seguintes bases de dados: Medline, Psycinfo, Peps, Scielo, Google acadêmico, EBSCO, BDTD. Para a realização do projeto de pesquisa foram selecionadas as seguintes palavras-chave, que também foram utilizadas na continuidade da pesquisa bibliográfica: homossexualidade feminina, lésbicas, identidade, auto-aceitação, homofobia, homofobia internalizada, Persona e Sombra. Foram priorizadas as publicações dos últimos 10 anos, mas, devido à escassez de trabalhos, esta pesquisa incluiu estudos mais antigos.

Após novo levantamento bibliográfico mais aprofundado, foi iniciada a segunda parte do trabalho, uma pesquisa de campo. O Objetivo do estudo foi investigar como mulheres homoafetivas entendem o processo de auto-aceitação de sua sexualidade e formação de uma identidade como “mulher lésbica”, a partir de um mapeamento do sentido subjetivo dessa experiência e da construção da identidade lésbica. Assim, considera-se que o modelo de pesquisa adequado é o estudo descritivo qualitativo: neste, o foco de atenção é a construção de significados pelos sujeitos, de suas vidas e como as entendem (LUDKE; ANDRÉ, 1986).

A pesquisa qualitativa consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que possibilitam maior visibilidade do objeto pesquisado; essas práticas acabam por transformar o mundo em uma cadeia de significados. E os pesquisadores interpretam os fenômenos em termos dos significados que a eles são dados (DENZIN; LINCOLN, 1994, 2006).

Estes procedimentos não possuem um modelo pronto, ele vai sendo construído com destaque para duas funções na aplicação: a primeira seria a verificação de hipóteses e a segunda a descoberta do que está por trás dos conteúdos manifestos, assim, indo além das aparências do que está sendo transmitido. As situações, ações e interações complexas foram analisadas em seus contextos, a partir do ponto de vista do sujeito, para se alcançar uma compreensão do fenômeno e dos processos nele envolvidos (MOON, 1990). Deste modo, permite melhor reflexão sobre os comportamentos humanos, considerando seus significados e intenções (GUBA; LINCOLN, 1994).

O método proposto para este estudo se fundamenta no paradigma junguiano de pesquisa, no qual o conhecimento se dá e é construído a partir da relação simétrica e dinâmica entre eu e outro, entre pesquisador e fenômeno. Nesta visão, ambos pesquisador e pesquisado, participam ativamente na produção do conhecimento em uma relação dialética e simbólica, uma vez que o encontro entre a

consciência conhecedora e o inconsciente desconhecido resulta na transformação da consciência, e, por conseguinte, na transformação do pesquisador e na produção do conhecimento científico (PENNA, 2013).

Na psicologia analítica, o símbolo é o fenômeno psíquico que faz a ponte entre o conhecido e o desconhecido; o caminho através do qual o material inconsciente desconhecido é transformado em material conhecido, sendo ele, assim, a chave para o conhecimento (PENNA, 2013). Jung confere ao símbolo três funções na dinâmica da psique: a conectiva, diz respeito à síntese do material consciente e inconsciente; a reveladora refere-se à propriedade do símbolo enquanto ponte pela qual conteúdos inconscientes chegam à consciência; e por fim a função transformadora alude a possibilidade de transformação que o símbolo confere a psique perante sua elaboração e integração pela consciência (PENNA, 2013).

Deste modo, a aluna pesquisadora procurou nos conteúdos trazidos pelas participantes desta pesquisa aquilo que tem características simbólicas, ou seja, um conteúdo que diz respeito às participantes e seu universo, e, no entanto desconhecido para a pesquisadora. Do mesmo modo que para a consciência coletiva, os símbolos trazidos pelas participantes nesta pesquisa poderão contribuir para a produção do conhecimento científico, uma vez que trazem novas possibilidades integrativas transformadoras.

Portanto, mesmo que as participantes deste estudo não estejam necessariamente passando por alguma forma de atendimento clínico, este trabalho caracteriza-se como uma pesquisa clínica por consistir um processo de conhecimento dos significados que o indivíduo atribui a suas crenças e valores, visando construir os fatos psicológicos dos quais ele é fonte em uma estrutura inteligível.

A) Participantes

As participantes são três mulheres que se identificam como “lésbicas” e que estão dentro da faixa etária determinada (entre 18 e 30 anos).

A idade etária inicial escolhida foi 18 anos porque uma das tarefas do desenvolvimento e constituição de uma identidade na adolescência é a formação da *Persona*, uma estrutura psíquica que exerceria a mediação entre o ego e o ambiente, ou seja, uma estrutura para a adaptação do indivíduo no mundo (ARAUJO, 2010). Assim, os 18 anos de idade apontam um marco desenvolvimental da identidade, além da saída da educação básica e entrada no mundo universitário ou do trabalho, processo esse que demanda um trabalho de organização do ego frente à tomada de

decisões por compromissos mais permanentes (ARAÚJO, 2010). Quanto a idade de 30 anos, foi estabelecida porque é nesse momento, no Brasil, que comumente se dá a saída dos jovens da casa dos pais e/ou mundo universitário e entrada no mundo adulto, no entanto, como apontam os dados do estudo Síntese de Indicadores Sociais (2016) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)²¹ esse marco está lentamente mudando. O estudo aponta que o número de brasileiros entre 25 e 34 anos de idade, de classe média, está adiando cada vez mais a saída da casa dos pais. Hoje um em cada quatro desses jovens vive com a família, porcentagem que há 12 anos era menor, apenas um em cada cinco continuava morando na casa dos pais. A pesquisa aponta que os motivos que mantêm esses jovens ainda no ninho são muitos, como: mais anos dedicados a educação formal, casamentos tardios, alto custo de vida nas grandes cidades, fatores emocionais e econômicos.

Em vista disso, entende-se que esse processo de saída do ninho e entrada no mundo adulto não só demanda uma grande reorganização do ego, mas também da Persona. Esse é um processo em que a jovem muda novamente de cenário e vai ao encontro de tomada de decisões cada vez mais duradoras. Desse modo, os critérios de inclusão são: mulheres homossexuais que contemplem a faixa etária selecionada (18-30 anos)

B) Instrumento:

Em um primeiro momento foi pedido que as participantes relatassem suas narrativas de vida, uma autobiografia. Este instrumento foi escolhido, pois, como Hime (2004) pontua em sua tese de doutorado, a autobiografia fornece material sobre a subjetividade do participante e também informações acerca das suas relações sociais e da sociedade à qual pertence.

Ao final foram feitas perguntas abertas que podiam contemplar o processo de auto aceitação de sua sexualidade e formação de uma identidade como “mulher lésbica”. As entrevistas semi-dirigidas levam em consideração que o pesquisador é parte do processo de coleta e análise dos dados: deve estar envolvido e ao mesmo tempo manter certo distanciamento, que lhe permita posteriormente pensar sobre o que ouviu. E como Jung discutiu no livro “A Natureza da Psique”²², o conhecimento é influenciado pela psique do conhecedor, fazendo com que o “sujeito” e o “objeto” postulados pelas ciências naturais não estejam na verdade separados. Assim, o pesquisador é co-participante da

²¹ <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv98965.pdf>>. Acesso em: 02. Out. 2019

²² JUNG, 1971 (ano de publicação original), volume 8/2 das Obras Completas.

realidade observada, ele interfere no fenômeno e tem responsabilidade pelo material produzido (PENNA, 2013).

C) Procedimento.

Foram obtidos os contatos com as participantes por meio das redes sociais e relações pessoais. Estes foram realizados de acordo com o que estabelece o Comitê de Ética.

Inicialmente, os encontros seriam realizados em um local livre de interrupções, respeitando o sigilo e a privacidade, prioritariamente na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. No entanto, para maior conforto e liberdade das participantes, seria sugerida a possibilidade que escolham o local mais apropriado, levando em consideração o que é requerido para a aplicação dos instrumentos.

Entretanto, por conta da pandemia de Covid-19, as entrevistas que haviam sido planejadas para serem realizadas presencialmente tiveram que ser feitas online através de vídeo chamadas. Essa foi uma surpresa, mas os termos de consentimento livre e esclarecido foram adaptados para a assinatura online e todas as medidas para preservar o sigilo das participantes e das entrevistas foram tomadas.

O encontro foi iniciado introduzindo o propósito da pesquisa e como surgiu o interesse por este tema. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi explicado e lido para as participantes. Após os esclarecimentos, as assinaturas foram pedidas em duas vias do termo, e a aluna pesquisadora também os assinou.

Foi realizado um encontro por participante, com aproximadamente duas horas de duração. As entrevistas individuais foram escolhidas como procedimento de coleta de dados em vez de entrevistas grupais, pois é possível que o “estar em grupo” pudesse influenciar ou inibir o relato das participantes devido a inúmeras razões, entre elas, o medo de se expor para desconhecidas e o medo de julgamento pelas demais participantes. As entrevistas foram gravadas com a permissão das participantes e transcritas na íntegra, enfatizando sempre que aqueles dados eram de uso unicamente acadêmico e sigiloso. Caso a participante não se sentisse confortável com a gravação, a entrevistadora iria transcrever o encontro. Foram considerados também os comportamentos não verbais e as reflexões e sensações das entrevistadoras.

Antes de encerrar as entrevistas a pesquisadora procurou dar continência aos sentimentos e ideias presentes, pois a atividade pode mobilizar conteúdos afetivos. O cuidado com a exposição das participantes foi constante. A pesquisadora se colocou aberta para responder a perguntas, curiosidades e comentários.

D) Procedimento para análise dos resultados.

As informações obtidas por meio da coleta de dados foram analisadas segundo o aporte teórico da Psicologia Analítica e à luz do material produzido, a partir da revisão da literatura, que consta nos capítulos teóricos. Foram feitas diversas leituras e sínteses das narrativas, a fim de obter um relato condensado que ao mesmo tempo contivesse as informações mais significativas.

Posteriormente, as sínteses das narrativas foram articuladas com a base bibliográfica apresentada na pesquisa e com os conceitos da Psicologia Analítica, para, assim, contribuir para o entendimento de como se dá o processo de formação da identidade “mulher lésbica” no contexto atual brasileiro.

E) Considerações éticas.

Segundo a Resolução Nº 466, de 12 de dezembro de 2012²³, as pesquisas envolvendo seres humanos devem atender às exigências éticas, pelo respeito aos seguintes princípios e critérios disciplinados pelos textos normativos do Brasil. Considera que sempre há riscos nas pesquisas com seres humanos, sendo que deve haver preocupação por parte do pesquisador em minimizá-los.

Antes da coleta de dados, foi assegurado o entendimento completo por parte das participantes em relação à pesquisa, assim como o sigilo acerca da identidade das mesmas e das informações constantes da entrevista.

Foi apresentado e devidamente assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em duas vias, para que as participantes autorizassem o uso do material coletado. Também foram informadas de que podiam se recusar a participar da pesquisa, assim como pedir esclarecimentos sobre os procedimentos realizados, a qualquer momento sem nenhum prejuízo.

Os critérios a serem respeitados são:

Autonomia

O critério da autonomia se refere ao direito dos sujeitos de pesquisa à sua autodeterminação. Tal direito procura ser garantido nas pesquisas através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, bem como pela proteção a grupos vulneráveis e a pessoas legalmente incapazes.

Beneficência

²³Disponível

em:

<

Por este critério se entende que a pesquisa esteja comprometida com o bem de seus sujeitos individuais ou coletivos, reais e potenciais; que se busque, em vista disto, prever danos e riscos; garanta a participação dos sujeitos nos resultados benéficos da pesquisa.

Não-maleficência

Afirma o compromisso de não causar danos, desde físicos e psíquicos aos morais e éticos. Supõe a explicitação de medidas de prevenção diante dos riscos e de reparação diante de danos possíveis.

Justiça

Entende-se pela justiça que a pesquisa tenha relevância social e uma destinação humanitária, voltada para a proteção e cuidado das pessoas e do ambiente; assegura a distribuição equitativa dos custos e dos benefícios entre os sujeitos da pesquisa, sendo particularmente protegidos os sujeitos vulneráveis.

Privacidade e Confidencialidade

Implícitas no critério da autonomia, a privacidade e confidencialidade são direitos dos sujeitos no que diz respeito aos dados da pesquisa que envolve sua intimidade, vida privada, imagem e todas as informações obtidas pela pesquisa que os sujeitos quiserem ver preservadas. A privacidade e confidencialidade de tais dados estarão explicitadas no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), bem como estará assegurado seu uso apenas dentro dos declarados objetivos da pesquisa.

CAPÍTULO 5: ANÁLISE E DISCUSSÃO

Antes de partirmos para a análise do material coletado nas entrevistas, gostaria de lembrar meus leitores que estou trabalhando com imagens de mulheres lésbicas e suas experiências, assim, por mais sedutor que essa ideia possa ser, meu objetivo não é fazer generalizações sobre o “perfil da mulher lésbica em São Paulo ou no Brasil”. Portanto, meu desafio, como já dito no segundo capítulo deste trabalho, é tentar explorar como é a experiência pessoal de uma mulher homossexual no mundo de hoje, e não definir o que seria uma mulher homossexual. Assim, como não me cabe escrever sobre o significado da vida de uma mulher homossexual, mas me cabe tentar entender sobre o significado dessa experiência em suas vidas.

Enquanto planejava este trabalho me pairavam dúvidas sobre como exerceria uma escuta para as entrevistas que fosse ao mesmo tempo objetiva, mas também humana e delicada, afinal, estou abordando experiências muitíssimo íntimas e profundas. Enquanto navegava por minha irresolução, me deparei com a possibilidade de encarar o material coletado com uma escuta quase clínica, assim, mesmo que as participantes deste estudo não estejam, necessariamente, passando por alguma forma de atendimento clínico, me proponho a conhecer os significados que cada uma das entrevistas atribui a suas crenças e valores, visando construir os fatos psicológicos dos quais elas são fonte em uma estrutura inteligível.

Como exercerei essa escuta? Através do que Miller (2010) chama de postura analítica, que é a atitude de não depravar o símbolo de seu significado e nem de reduzir os mistérios da psique em fórmulas. O caminho analítico e o sentido da psicologia analítica que foi usada como referencial teórico deste trabalho, é a tentativa de intensificar e aprofundar o relacionamento com a natureza dinâmica da própria psique, com a alma (Ibidem, 2010, p. 114-115).

O desafio analítico e o que me proponho a fazer, então, é: ver os produtos da psique no contexto de vida de um indivíduo (MILLER, 2010). É possível argumentar que essa não seja a forma mais cientificista ou apolínea de fazer uma pesquisa, mas penso que é a forma mais honesta e mais humana para este trabalho e seus fins.

5.1: Entrevista 1:

Rakelly é uma jovem de 25 anos, estudante de artes visuais que mora com sua mãe, seu padrasto e seus dois “irmãos adotivos”. A entrevistada começou seu relato pela perda do pai, este faleceu quando ela tinha 7 anos de idade. Segundo Rakelly a morte do pai somada a rejeição que já sentia pela família paterna a fizeram ganhar peso, o que só contribuiu para seu sentimento global de rejeição e preterimento. Até 2014, Rakelly morava apenas com sua mãe, que a criou sozinha, no entanto naquele ano a mãe se casou novamente e sua estrutura familiar nuclear alterou-se, agora a entrevistada tem um padrasto e três irmãos de diferentes idades.

Logo após contar que sempre se sentiu preterida em todos seus relacionamentos, sejam eles românticos ou não, Rakelly passa a relatar suas dúvidas e descobertas no campo da sexualidade:

[...] eu passei a questionar minha sexualidade quando eu tinha uns 13 anos, a princípio era uma curiosidade que eu não entendia muito bem o que é que era. E por conta disso eu comecei primeiro, eu não sei exatamente o que é que foi assim, mas eu sei que eu comecei a sentir uma coisa muito forte por uma menina da minha escola. [...] [Mas] eu não entendia como naquele momento eu estar atraída ou gostar dela. Por que na minha cabeça aquilo não era possível, não era uma possibilidade que existia, a de se relacionar com mulheres, não era algo que eu conhecia. (Rakelly)

Rakelly pontua que tanto a família paterna como a materna são muito religiosas, ademais, a entrevistada também acrescenta que passou toda sua vida escolar em um colégio católico extremamente tradicional no interior do estado de São Paulo. Com este breve excerto da entrevista é possível ter um pequeno vislumbre do ambiente que rodeava a entrevistada quando ela passou a questionar sua sexualidade.

Com isso, a entrevistada afirma que pensou que os sentimentos que nutria por aquela menina da escola eram apenas “uma admiração muito grande” (R.)²⁴, afinal de contas, a homossexualidade ou qualquer expressão não heterossexual não faziam parte do ambiente e da organização social de Rakelly. Dentro de uma sociedade heteronormativa e em um ambiente extremamente religioso, onde a não heterossexualidade era mal vista, Rakelly passou a trocar mensagens com a menina por quem se interessou:

[...] E aí a gente começou a conversar e eu acho que fui entendendo que eu gostava dela, mas eu não conseguia admitir isso como uma verdade para mim, eu fiquei meio em negação assim. E aí eu lembro que eu comecei a fazer *fakes* no Orkut para meio que explorar isso em mim, mas não *fake* no sentido de fingir ser outra pessoa e essa pessoa não saber quem eu sou de verdade, era uma comunidade onde todo mundo sabia que você não era real, que todo mundo usava fotos de famosos. E lá eu tive alguns envolvimento afetivos com meninas. (R.)

²⁴ R. será usado daqui para frente como a abreviação para o nome da participante nas citações.

Como apontado por Zweig e Abrams (1994, p. 16) a sociedade, a família, amigos e a escola criam um ambiente onde aprendemos aqueles comportamentos e características que são “apropriadas” e desejáveis socialmente, ou seja, aqueles que podem vir a integrar a persona de cada indivíduo. Enquanto isso, na sombra, habitam todos os conteúdos rejeitados pelo eu, aqueles com os quais ele não se identifica.

Sociedades, culturas e famílias diferentes atribuem valores diferentes a certos conteúdos, comportamentos e características que podem ou devem pertencer ao eu, assim, certos grupos permitem expressões de determinados sentimentos e vontades, já outros não (ZWEIG; ABRAMS, 1994, p. 16). E como foi dito, vivemos em uma sociedade androcêntrica e homofóbica, onde o heterossexismo e o patriarcado impõem comportamentos específicos para meninos e meninas desde muito cedo, assim, passam a ser esperados dos homens a masculinidade e comportamentos heterossexuais, e das mulheres a feminilidade e a heterossexualidade (HOPCKE, 1993, p. 160).

Através do relato de Rakelly podemos deduzir que ela estava inserida numa cultura social, escolar e familiar onde a homossexualidade, ou a não heterossexualidade, era rechaçada. Dentro desses grupos, há maiores chances de um indivíduo com inclinações ou desejo homoerótico negar ou reprimir sua identidade, como vemos acontecer com Rakelly.

Para Robert Hopcke (1993, p. 14), a descoberta e aceitação da própria homossexualidade é um importante passo para o desenvolvimento da personalidade de um indivíduo, é possível que para os homossexuais esse seja a primeira etapa do caminho em direção ao desenvolvimento e estabelecimento de uma personalidade própria, ou seja, em direção ao que Jung e muitos pós-junguianos chamaram de processo de individuação. Mas, em nossa sociedade, entender-se como homossexual significa contrariar as expectativas coletivas impostas, e o papel social e sexual determinados pela sociedade, pela família e instituições (HOPCKE, 1993, p. 160).

Assim, podemos pensar que a heterossexualidade normativa ou imposta funciona como uma máscara mal ajustada para o indivíduo homossexual, que por muitas vezes distorce a verdadeira movimentação do Eros e esconde sua verdadeira identidade (HOPCKE, 1993, p. 160). Então, se entender e se aceitar enquanto homossexual e assumir tal identidade, significa se livrar da persona heterossexual imposta e assumir como parte do eu e de sua personalidade aquilo que foi, possivelmente, deixado na sombra.

Para Barcellos (2011, p. 73), crianças com inclinações homoeróticas que são criadas em ambientes exclusivamente heterossexuais e heteronormativos são “ensinadas” que sua força vital,

seu Eros, ou seja, seu amor é seu inimigo, fazendo com que facilmente este amor caia na sombra. Para o autor, só restaria a esse indivíduo e este amor a clandestinidade, a dúvida, a ambiguidade e sensações de desconfiança.

Aliados dessas noções, podemos começar a pensar que a homossexualidade era sombria para nossa entrevistada, não só por que ela tenta negar seu interesse romântico por outra mulher, mas por que ela passa a expressar sua curiosidade sexual de forma secreta ou, praticamente, clandestina através de perfis “*fakes*”. A identidade homossexual é tão distante, nesse momento, do “eu” e por conseguinte de sua persona, que a entrevistada cria um perfil falso, ou uma segunda persona distante de si, onde tais comportamentos e desejos podiam ser expressos sem o comprometimento de arcar com uma identidade homoerótica.

Para Hopcke (1993, p. 161), uma das tarefas mais importantes, e também um dos maiores desafios, para os homossexuais dentro de uma sociedade homofóbica é: abandonar a persona heterossexual imposta e mal adaptada e conseguir criar uma persona adequada e representante, que ao mesmo tempo contenha a vida interna sem mascará-la e que possua uma função protetora e ao mesmo tempo flexível. Este é o desafio que veremos Rakelly enfrentar daqui para frente.

Neste momento, Rakelly não definia sua identidade e muito menos se entendia como uma mulher lésbica:

[...] eu me entendia como uma mulher curiosa. Que não sabia muito bem o que estava acontecendo. E aí eu lembro que conversando com a Luísa [menina da escola por quem se interessou], bom, nisso passaram alguns anos, eu deveria estar com 15 anos, eu mantive contato com ela e lembro dela falar para mim para eu não ficar com mulheres, por que se eu ficasse com mulheres eu ia gostar e eu tava fodida. (R.)

A frase “se eu ficasse com mulheres eu ia gostar e eu tava fodida” (R.), que tem sentido semelhante à expressão “caminho sem volta”, para se referir à homossexualidade não só serviu a função de avisar Rakelly sobre os “perigos” de se relacionar com mulheres, como também expressa o lugar negativo e marginal em que a homossexualidade é tida neste contexto social. Afinal de contas, “caminho sem volta” se aproxima muito da expressão “ser levada para o mau caminho”, como se entender-se enquanto homossexual fosse uma degradação moral e um perigo.

Dois anos depois que Rakelly começou a questionar sua sexualidade, seu irmão do meio, filho do padrasto, se assumiu homossexual. A entrevistada considera esse como um marco importante para o seu próprio processo de entendimento e aceitação de sua sexualidade. Não só porque ela passou a se sentir mais à vontade para dividir com o irmão suas dúvidas e curiosidades sobre sua sexualidade e identidade, mas por que a partir desse momento teve a confirmação de que

sua mãe aceitava a não heterossexualidade de um filho. Rakelly conta que seu padrasto tinha falas extremamente homofóbicas, como ameaçar bater e expulsar um filho de casa se este fosse homossexual, mas com o apoio da mãe de Rakelly o irmão conseguiu se assumir em segurança e o padrasto passou a aceitá-lo.

Este é apenas um exemplo da importância de um ambiente seguro e acolhedor para o processo de formação de identidade de qualquer indivíduo, ainda mais para alguém que se entende enquanto homossexual, uma vez que, tal identidade é historicamente tida como antinatural, imoral e patológica.

Pouco tempo após o irmão da entrevistada se assumir gay, a mãe, o padrasto, Rakelly e seu irmão foram em uma balada LGBT famosa em sua cidade para comemorar o aniversário do irmão, e apesar de Rakelly ter apenas 15 anos de idade, ela pôde entrar, pois estava acompanhada por seus pais. Logo no início da noite Rakelly e seu irmão se separaram de seus pais, e pouco tempo depois Rakelly se viu sozinha na balada:

[...] e aí meu irmão também se separou de mim por que acho que ele também queria beijar umas bocas. E aí eu fiquei sozinha e eu subi para o andar de cima da balada, sentei e uma moça [chamada Mel] sentou do meu lado e começou a flertar comigo, e foi muito doido por que eu senti coisas que eu não sentia quando eu flertava com meninos, em relação a desejo mesmo, mas eu não sabia o que estava acontecendo por que era tudo muito novo. [...] essa balada era blackout, então do nada apagava as luzes na balada, aí a gente foi conversando, [...] e eu sentindo uma bomba relógio dentro de mim, ouvia meu coração batendo na minha cabeça, e quando deu esse blackout ela se aproximou muito de mim, colocou a mão na minha nuca e falou que era um sinal para a gente ficar. Aí eu fiquei com a Mel e foi muito doido, por que quando eu beijava meninos eu não achava gostoso e eu não entendia por que era tão importante para as pessoas é tão legal beijar e ter alguém, eu não sentia prazer beijando meninos. (R.)

É interessante pensarmos que o beijo só se deu no escuro da balada, quando todas as luzes se apagaram, é possível que este encontro tenha sido facilitado pela escuridão, pela ideia de que “ninguém está vendo”, como se o desejo de Rakelly por outra mulher continuasse mantido em segredo. A imagem do relato também é curiosa, afinal, pode ser lida como um simbolismo para o caráter sombrio da homossexualidade em nossa sociedade e na vida de Rakelly. Apesar da entrevistada ter sua primeira experiência homossexual aos 15 anos e sentido prazer com ela, a identificação e a aceitação de uma identidade lésbica só ocorreu alguns anos depois:

[...] E essa experiência ajudou a confirmar a sua lesbianidade ou isso demorou mais para acontecer? (Pesquisadora)

Demorou muito. Eu tentei lutar contra minha sexualidade por muito tempo. Mas, eu acho que foi um momento em que eu sabia que eu não gostava pelo menos só de meninos, e que era muito especial para mim ficar com meninas, por que eu sentia arrepios, desejo, por que eu gostei da experiência. Mas, ao mesmo tempo eu tinha muito reforçadores sociais de que

isso era errado, que não podia acontecer, por mais que em casa fosse “tudo bem”, na minha escola isso era condenado, entre os meus amigos era muito condenado. (R.)

Como já dito no primeiro capítulo deste trabalho, em nossa sociedade as falas que colocam a homossexualidade feminina entre o adoecimento e a depravação não são incomuns e nem nos surpreendem, afinal, são fruto de um discurso científico erguido com auxílio da medicina psiquiátrica e influenciado pelas “teorias anatômicas” (BORGES; SPINK, 2009, p. 449). Este discurso cinde “normal” e “patológico” e a homossexualidade assume o status de errônea, anormal, antinatural e até patológica, criando-se a ideia da homossexualidade inata (Ibidem, 2009). Com essa fala da nossa entrevistada, fica claro que ela percebia o lugar marginal em que a homossexualidade era colocada por seu grupo social. Poderíamos agora nos perguntar qual seria o impacto dessa concepção na vida de Rakelly:

[...] É... então assim, foi bom ficar com a Mel, a gente até saiu outras vezes, é... Só que isso foi tudo muito escondido, ninguém sabia, nem na minha casa e nem meus amigos, não contei para ninguém. E enquanto isso eu continuei a ficar com meninos, e eu entendo isso hoje que eu continuei a fazer não só por que eu queria negar que podia ficar e gostar de meninas, mas para ser um reforçador social para as pessoas ao meu redor de que eu era “normal”, de que eu não gostava de mulheres, por que eu escutava coisa não só disso ser uma abominação, mas que tipo, de amigas minhas que não teriam amigas lésbicas porque teriam medo de serem atacadas enquanto elas se trocam, coisas assim. (R.)

Rakelly conta que continuou a ficar com meninos como uma tentativa de negar a real orientação de seu Eros e para continuar a se adequar ao ideal de normalidade que via a sua volta, querendo se distanciar do estereótipo de aberração associado à homossexualidade feminina. Para Foucault, durante a modernidade, a sexualidade humana esteve sob a suposta ameaça ou falsa ideia de ser dominada por processos patológicos e adoecedores, tais concepções teriam levado a ciência e a religião a intervirem no campo da sexualidade para sua prevenção, “cura” e “normalização” (MENDES, 2007, p. 250).

Como vimos, a divisão entre normal e patológico, heterossexualidade e homossexualidade é parte de um sistema de crenças culturais que só consegue conceber indivíduos a partir de categorias específicas e mutuamente excludentes (BOECHAT, 1997; MOREIRA, 2015). Dentro desse contexto, a homossexualidade passou a ser tratada pela ciência e pelo cristianismo como uma patologia e como desvio da normalidade sexual, tendo como única “solução” a mudança para o padrão normal e dominante, a heterossexualidade (MENDES, 2007, p. 250).

Para Toledo (2011, p. 57), os estigmas e estereótipos que rodeiam a homossexualidade feminina e que estão presentes no relato de Rakelly, a preocupação de ser considerada uma

“abominação” e o medo das amigas de serem “atacadas” por uma lésbica enquanto trocavam de roupa, mostram a visão machista e heterocentrada tão naturalizada em nossa sociedade. Além de colocarem as lésbicas como alguma espécie de predador sexual, sem controle, anormal.

A tentativa de Rakelly de negar o próprio desejo e de se enquadrar em uma persona heterossexual pode ser entendida como sinal de preconceitos internalizados, o que poderia levar a homofobia de si mesmo, ou homofobia internalizada (MOREIRA, 2015, p. 39). A homofobia internalizada, para Barcellos (2011), é uma forma de autoinjúria, produzida através da exposição contínua de indivíduos homoeroticamente inclinados às muitas mensagens negativas da cultura atreladas à homossexualidade, como vemos acontecer com Rakelly. A negação do Eros pode ser devastadora, já que compromete o processo de formação de uma identidade coesa, afinal, essa estruturação aprisiona os indivíduos em personas mentirosas e mal adaptadas (BARCELLOS, 2011).

Ao revelar que saiu outras vezes em segredo com a mulher que beijou na balada e enfatizar que não contou a ninguém sobre os encontros, nossa hipótese que Rakelly vivia seu Eros como seu inimigo, renegando suas expressões à clandestinidade e ao segredo é reafirmada. Rakelly continua: “Aí eu fiquei esse *looping* de me relacionar anonimamente e escondido com meninas, [...]. Mas, aí depois eu ia e ficava com vários meninos para dar uma compensada, de tipo “aí não podia ter ficado com ela, aí fico com vários meninos e eu converto esse comportamento” (R.). O uso da palavra “escondido” reforça a suposição de que a homossexualidade era sombria para Rakelly, ademais, a palavra “conversão” alude a ideia da homossexualidade enquanto patológica e como um estado “antinatural”.

Com o tempo, Rakelly começou a se abrir mais com seu irmão que se assumiu homossexual e:

[...] comecei a me entender como bissexual, eu não achava que era lésbica. Mas, eu acho que isso era por que tinha medo do peso da palavra lésbica, e eu achava que ser bissexual era mais fácil das pessoas entenderem, por que pelo menos eu também me interessava por meninos, aí nesse sentido eu iria me esforçar para me interessar mais por meninos do que por meninas. (R.)

Aqui é possível pensarmos que Rakelly buscava ou sentia necessidade de ter a aprovação de sua família e grupo social, afinal de contas diz “achei que ser bissexual era mais fácil das pessoas entenderem” (R.). Nesse mesmo excerto vemos que a identidade lésbica ainda é muito ameaçadora ao “eu”. Assim, a bissexualidade passa a ser mais “aceitável”, já que para a participante esta parecia estar mais próxima do ideal de normalidade, afinal, enquanto bissexual ela ainda se interessaria por

homens. Mais uma vez no relato, a homossexualidade é tida como anormal, patológica e indesejável. Sobre se identificar como bissexual Rakelly comenta:

[...] Bom, primeiro eu ouvia que ser lésbica era muito muito muito ruim, muito condenável. E ser bissexual era mais o discurso que eu tinha acesso era mais coisa de fase, de pessoas bissexuais são indecisas e etc. E não decidir também me tirava a responsabilidade de falar “sou lésbica”. (R.)

Até os 17 ou 18 anos de idade a entrevistada conta que se identificou como bissexual, afinal, disse saber do seu interesse por mulheres, mas não queria admitir que gostava exclusivamente de mulheres. Ao se identificar enquanto bissexual, parece que Rakelly tirava de si sua responsabilidade de escolha, ou a responsabilidade de arcar com uma identidade tida como antinatural, adoecida e sombria, ainda muito distante de seu “eu”.

[...] E aí o que aconteceu, eu me relacionava com uma menina e ela sumiu do nada, nunca mais me deu notícia, nunca mais apareceu em rede social nada. E aí uns 2 ou 3 meses depois ela apareceu namorando um cara e isso me machucou muito, eu fiquei muito doída. Só que o meu pensamento foi “porra se ela consegue por que eu não consigo?” e aí eu tentei namorar um cara. Eu conheci um cara na minha academia, foi muito rápido, ficamos dois dias e no terceiro ele já tinha me pedido em namoro, falei “vamo”. E aí eu tava no último ano da escola quando isso aconteceu, só que eu não estava feliz e para mim estava nítido que o que eu estava fazendo era uma farsa e que não era justo comigo e nem com ele. E eu sabia que eu estava usando ele de fachada, e eu me sentia muito mal por isso. [...] eu nem gostava dele e estava usando ele. (R.)

Ao se sentir diferente e inadequada, “se ela consegue por que eu não consigo?” (R.), Rakelly decidiu namorar um homem na tentativa de se enquadrar ao padrão normativo dela esperado, a heterossexualidade. Entretanto, Rakelly diz que sabia que estava usando o namoro como uma fachada, que o que estava fazendo era “uma farsa” e que não era justo com ela ou com o então namorado. Estas palavras são poderosas, pois pela primeira vez vemos que a identidade homossexual se distanciou da sombra de Rakelly e adentrou o campo da consciência, possibilitando o contato com o “eu” e a possível integração desse conteúdo a persona. No entanto essa não é uma tarefa fácil, uma semana após o início do namoro, Rakelly conta que:

[...] Eu fui para casa, chorei muito, minha mãe me viu e me perguntou o que estava acontecendo, eu contei que isso tinha acontecido [namorado fez uma serenata na frente da escola de Rakelly] e tal e ela meio que falou “você não gosta dele, por que você não termina? Dá para ver que você não está feliz. Aí eu falei “é realmente, eu vou terminar”. (R.)

Para Centola (1981), a homossexualidade inconsciente que é afetada pela sombra é uma das principais causadoras de angústia e sofrimento no indivíduo, isto é, enquanto não for assimilada pela consciência. Seria a angústia, a confusão e a infelicidade de Rakelly um sinal não só de que a

homossexualidade era, definitivamente, sombria e, portanto, inconsciente para entrevistada, como também que seu lugar dissociado do “eu” não servia mais?

Quando a mãe de Rakelly afirma que percebeu que sua filha não estava feliz dentro deste relacionamento, nos mostra que a ideia de Hopcke (1993) sobre a heterossexualidade imposta pelo coletivo funcionar como uma máscara mal ajustada para o indivíduo homossexual é verdadeira. A persona heterossexual mal adaptada de Rakelly escondia sua verdadeira identidade e a limitava, tanto ao ponto de passar a ser percebido por outras pessoas.

[...] Quando eu terminei com ele eu fui muito honesta, eu pedi muitas desculpas e falei para ele que estava terminado com ele porque eu tinha entendido que gostava de mulheres e que não era justo eu usá-lo ou estar com alguém que eu não goste, por que não era justo nem comigo e nem com ele, que ele podia conhecer alguém que amasse ele da forma que ele merecia. E aí foi isso. Isso foi no final de 2012, mentira 2011. (R.)

Como já foi dito, entende-se que a descoberta e a aceitação da própria homossexualidade é um passo importantíssimo para o desenvolvimento da personalidade de um indivíduo, já que marca a possibilidade de se estabelecer e desenvolver, pela primeira vez, uma personalidade própria que não esconda a vida interna, mas que seja flexível e protetora (HOPCKE, 1993, p. 14). A homossexualidade de Rakelly deixa de ser inconsciente e sombria, e passa, com muito custo, a fazer parte de sua personalidade consciente, sendo, possivelmente, o primeiro passo da entrevistada em direção ao desenvolvimento e estabelecimento de uma personalidade própria. Ou seja, em direção ao que Jung e muitos pós-junguianos chamaram de processo de individuação (Ibidem, p. 14).

Neste primeiro momento que se identificou enquanto uma mulher lésbica prevaleceu para Rakelly o sentimento de alívio, afinal de contas, ela considera que a descoberta e aceitação da identidade lésbica foram: “Uma resposta para a minha confusão” (R). No entanto, o alívio e o sentimento de liberdade que a identidade lésbica trouxe a Rakelly duraram pouco, como veremos a seguir:

[...] É... e aí eu fui para o Rio Grande do Sul e lá eu passei a questionar minha sexualidade de novo, por que um, eu estava em um ambiente completamente diferente do que eu vim, eu não conhecia ninguém, eu estava sozinha porque eu fui para estudar, morando sozinha, [...]. Era uma cidade muito conservadora, então isso me deu medo. E seria muito mais fácil minha vida se eu gostasse de homem. Então eu meio que vejo isso como uma tentativa novamente de me adequar a essa heterossexualidade, essa heterossexualidade compulsória. Aí eu fiquei com os meninos, [...] e aí eu comecei, quando me senti mais confortável, a falar que era bissexual. (R.)

Neste segundo momento da história de Rakelly, parece que voltar a se relacionar com homens é mais uma tentativa de se encaixar ao ideal de normalidade, uma tentativa de não se sentir

tão sozinha e vulnerável, e menos uma negação propriamente dita de sua sexualidade. Vemos aqui, mais uma vez, a importância de um ambiente seguro e acolhedor para indivíduos não heterossexuais expressarem sua identidade, pois, quando Rakelly passou a se sentir mais confortável, começou a dizer que era bissexual, ou seja, que não se enquadrava “tão bem” na norma socialmente imposta: a heterossexualidade. Neste período em que ainda se relacionava com homens, Rakelly passou por uma situação de violência que considera como um divisor de águas em sua vida:

[...] E aí eu acho que um fator que foi o divisor de águas da minha vida foi quando eu sofri um estupro... [pausa] eu ficava com um cara, que era dessa minha roda de amigos, nessa época eu bebia muito, muito, por que fui criada dentro de uma lógica muito proibicionista quanto a álcool e tal, e era um momento que eu poderia fazer isso escondida por que minha mãe nunca iria saber, então eu bebia muito, muito, eu dava pt [perda total] em quase todas as festas. Eu saí quase desacordada de uma dessas festas e esse cara me levou para casa dele ao invés de me levar para minha casa, ele morava com outro menino que era dessa roda de amigos, só que esse menino ficou na festa e quando eu cheguei na casa dele, ele me pôs na cama, eu não tinha força de reação, eu estava muito alcoolizada. E ele começou a me tocar e a querer fazer coisas, eu reforcei que eu não queria, que eu não estava bem, não estava afim, e ainda assim ele pegou a minha mão, colocou sobre o pênis dele e segurando a minha mão lá ele fez eu bater uma punheta para ele. Isso para mim foi muito violento. E aí eu desacordada e sem força de reação ele começou a me penetrar com o dedo e eu falava “para, para por favor”, e ele não parava, então eu só pedi de parar e fiquei pensando o quanto eu queria que aquilo acabasse e... nisso chegou o amigo dele, graças à Deus assim, por que ele só parou por que o amigo dele chegou. Aí no dia seguinte eu acordei, eu estava na cama dele e eu fui embora para a minha casa e ele não quis mais ficar comigo. (R.)

Nossa hipótese sobre a importância de um ambiente acolhedor é confirmada logo em seguida quando Rakelly diz: “E aí eu fiz um amigo gay, na verdade dois, o Gabriel e o Alan, e isso também me deixou mais confortável para falar dos meus comportamentos em relação a minha sexualidade” (R.). No entanto, o que fez Rakelly deixar de ficar com homens não foi apenas o sentimento de segurança e acolhimento que o ambiente lentamente lhe proporcionou, mas pelo estupro que sofreu enquanto estava morando no Rio Grande do Sul.

[...] É... eu parei de ficar com meninos e esses meus amigos que eu fiz e que são gays, ah isso [estupro] eu nunca contei para ninguém lá do Rio Grande do Sul que eu fiz amizade. É... eles [dois amigos] frequentava um coletivo LGBT da faculdade, [...]. E lá [no coletivo] eu comecei a me sentir muito acolhida e muito confortável para explorar a minha sexualidade, e foi assim que eu fui passando de me entender como bissexual para me entender como lésbica mesmo, de fato. E para mim foi muito libertador quando eu entendi que eu era lésbica e que eu não precisava mais esconder isso, que eu não precisava mais me forçar a ficar com meninos para bancar uma imagem de mim que não existe, e eu realmente parei de fazer isso, e eu acho que o que me ajudou foi o fato de eu estar completamente afastada da minha família. (R.)

Para Foucault o caminho dos homossexuais em nossa cultura não é lutar para tentar se encaixar em um dispositivo heteronormativo excludente ou em identidades sexuais limitadas, mas sim, descobrir e criar novas formas de existência que os ajude a libertarem-se dos valores sociais

impostos e reguladores. Assim, o caminho não seria “reconhecer-se homossexual”, mas “tornar-se homossexual” (FOUCAULT, 2004).

Uma forma de encontrar essa nova forma de existência que supera as limitações sociais e históricas colocadas aos homossexuais seria ultrapassar a identidade hiperssexualizada imposta pela sociedade ao homoerotismo e descentralizar o orgasmo e a penetração como única forma de buscar o prazer (MENDES, 2007; MADLENER e DINIS, 2007). Assim, passaria a se buscar o prazer para além dos limites da esfera amorosa/ sexual, encontrando este prazer no dia-a-dia, e especialmente nas relações de amizade (FOUCAULT, 2004; MENDES, 2007). Aliados a essa ideia, vemos a importância não só de um ambiente seguro e acolhedor, onde a personalidade de Rakelly pode se pôr à mostra sem ser ameaçada, como fica claro o valor do enriquecimento das relações sociais, especialmente das amizades que também eram LGBTs, na vida de Rakelly.

Quando Boechat (1997) nos lembra do papel da determinação histórica e cultural que tornou a homossexualidade e sua expressão sombria à nossa cultura, podemos argumentar que se um comportamento ou o lugar social que ele se encontra é culturalmente construído, também podemos pensar que ele pode ser desconstruído e reconstruído de novas formas (MOREIRA, 2015, p. 38). Desse modo, as concepções sobre a homossexualidade podem ser construídas e reconstruídas tanto no plano coletivo quanto individual, e é isso que vemos acontecer com Rakelly. A homossexualidade deixa de ser sombria e sinônimo de adoecimento para ela e passa a significar liberdade, afinal, a partir do entendimento e aceitação de sua identidade, Rakelly pôde se livrar de uma persona mal adaptada e limitante, o que possibilitou a livre movimentação de seu Eros.

Quando voltou para sua cidade natal, Rakelly decidiu contar para seus amigos sobre sua identidade: “[...] os meus amigos de verdade entenderam que isso era uma coisa normal, que tava tudo bem e eu fui muito bem acolhida, e isso me trouxe um alívio muito grande.” (R.). A importância de um ambiente acolhedor e seguro e do apoio do coletivo revela, mais uma vez, ser de extrema importância para Rakelly e seu processo de entendimento e formação da sua identidade. No entanto, nesse processo a entrevistada conta que nem tudo correu sem problemas ou dificuldades, Rakelly acabou perdendo uma amiga de quem era próxima, pois ela teve dificuldade de aceitar a homossexualidade da entrevistada.

Rakelly pondera que a primeira pessoa para quem se assumiu foi para si mesma, e que apesar de ter uma família religiosa e parentes que definiu como preconceituosos, sua auto aceitação foi a mais difícil de conseguir. A entrevistada também revela que se sentia mais forte a cada vez que contava para outra pessoa sobre sua identidade:

[...] Isso, e isso para mim era bom porque toda vez que eu escutava “eu sou lésbica” eu normalizava isso para mim de um jeito positivo, e não de um jeito ruim que eu fui ensinada. E ao mesmo tempo é... toda vez que eu falava eu me sentia mais confortável para falar isso, então para mim foi importante falar para várias pessoas. (R.)

Aqui vemos uma grande transformação: se antes o “peso” da palavra lésbica causava medo, fazendo com que Rakelly preferisse se identificar enquanto uma mulher bissexual, agora “lésbica” é sinônimo de liberdade e força. Ao que parece, assumir sua identidade, tanto externa quanto internamente e receber a aprovação e o apoio de seus pares, contribuiu para este bonito processo de transformação pelo qual Rakelly relata ter passado. Depois de se entender e assumir definitivamente como uma mulher lésbica, Rakelly conta que acabou se distanciando de seus amigos heterossexuais e se aproximando mais de amigos que faziam parte da comunidade LGBT, ponderando que esse foi um processo natural e enriquecedor:

[...] Eu acho que eu me aproximei mais dos meus amigos que são LGBTs e me distanciei dos meus amigos heterossexuais, e isso foi um processo na verdade muito natural. E não foi... eu acho que isso aconteceu porque querendo ou não eu sentia mais afinidade, mais liberdade e acho que mais compreensão mesmo, para falar sobre mim, minha vida e as coisas que são parte de mim, como a minha sexualidade. Então, hoje eu conto no dedo quantos amigos heterossexuais eu tenho, amigas né? Por que eu acho que nem tenho amigo homem heterossexual, amigo, amigo mesmo. E para mim isso foi ótimo na verdade, não foi algo ruim, eu acho maravilhoso inclusive. (R.)

Seria esse movimento de Rakelly a expressão do que Foucault (2004) defende como o caminho dos homossexuais em nossa sociedade? Ao se livrar do padrão imposto heteronormativo e consequentemente limitante através do enriquecimento de relações sociais, especialmente através do estabelecimento de amizades férteis, seria possível criar novas formas de existência e, por conseguinte verdadeiramente se tornar homossexual e viver seu livre devir?

Ao contar para sua família, Rakelly recebeu duas reações muito distintas:

[...] Aí primeiro eu contei para minha mãe, em 2012 ainda, e nessa época ainda morava só eu e ela em um apartamento. E ela foi super tranquila, super me acolheu, falou que já sabia, que só não tinha certeza se eu era bissexual ou lésbica, mas que isso tanto faz tanto fez, e me certificar que se eu tivesse uma namorada que ela tivesse objetivos de vida e que ela gostasse de mim. (R.)

A mãe de Rakelly, como esperado por ela, reagiu positivamente à identidade da filha e a apoiou, reafirmando que o que importava não era o gênero da pessoa com que a entrevistada se relacionava, mas sim, que aquela pessoa gostasse de sua filha e tivesse “objetivos de vida”. Já a reação da família paterna não foi tão positiva:

[...] É... agora quando os meus familiares por parte de pai descobriram foi muito pesado! [...] A família entrou em surto, não fui eu que contei, eles descobriram por rede social e... assim queriam ligar na minha casa para falar para minha mãe me internar, que eu tava precisando fazer terapia, que eu tava precisando ser internada, que eu tava louca, que eu tava querendo chamar atenção, que eu não tinha que ficar colocando essas coisas nas minhas redes sociais para não manchar a família. Então assim, há muito tempo que eu não tenho contato com a família do meu pai inteira, por uma escolha minha de manter minha saúde emocional. (R.)

A reação do lado paterno de Rakelly se alinham com suas expectativas de rejeição, entretanto, ela também se alinhou a visão histórica, cultural e social da homossexualidade como patológica, imoral e degradante, especialmente pelo uso da expressão “manchar o nome da família”, como se o homoerotismo diminuísse o valor de Rakelly e, por consequência, de todos os membros da família. O entendimento da família paterna da entrevistada sobre a homossexualidade também é muito próximo das ideias da primeira geração de pós junguianos, afinal, para esses autores o “normal” e o esperado é que a personalidade se desenvolvesse até culminar na heterossexualidade, assim, ela representaria o normal e o padrão, e qualquer desvio do modelo significaria de imediato, anormalidade, patologia e desvio (MOREIRA, 2015, p. 35).

A família paterna da entrevistada também parece aludir à ideia de que a identidade homoerótica de Rakelly é apenas uma forma desta “chamar atenção”, no entanto, através do seu discurso patologizador, a família paterna continua a invisibilizar Rakelly e sua identidade lésbica, afirmando que “esse tipo de coisa” não deveria estar em redes sociais, ou seja, deveria permanecer em segredo. Assim, como aponta Toledo (2011), a partir deste mecanismo as lésbicas são ora colocadas na posição de aberração e ora como espetáculo pornográfico e objeto de desejo masculino.

Rakelly descreveu a reação da família paterna ao descobrir sobre sua identidade homossexual como um “surto”, tal adjetivo somado ao lugar em que a homossexualidade foi por eles colocada, nos dá indícios de que, assim como para o coletivo, a homossexualidade e a homofobia são um complexo cultural atuante na família de Rakelly. Em especial, a homofobia como um complexo cultural tem em seu centro a repressão da homossexualidade, e a intolerância e o desprezo como suas expressões, como vemos no relato da entrevistada.

Para a família estendida materna, Rakelly não contou imediatamente sobre sua identidade, ela explica: “[...] eu não reuni todo mundo e falei ‘olha é isso, sou lésbica’, eu me relacionava com uma menina na época, eles foram em casa e eu falei ‘olha essa é a minha namorada’” (R.). Aqui se observa outra grande transformação no comportamento da entrevistada, a homossexualidade não é algo mais a ser confessado, mas sim dividido. O homoerotismo passou a integrar a personalidade

consciente de Rakelly, agora não sendo mais tratado como um conteúdo estranho ao “eu” ou negativo, mas como apenas mais uma parte de sua personalidade. Mas, apesar do tom trivial com qual Rakelly parece agora tentar tratar sua identidade frente a sua família, este assunto ainda é delicado:

[...] E aí... é... por parte de mãe eles [parentes] não falam sobre isso comigo, então fica no campo do intocável com os meus familiares por parte de mãe, mas eles me respeitam, por exemplos, eles recebem e tratam bem as mulheres que eu apresento como minhas companheiras ou namoradas, eles não fazem mais piadas que eles faziam com teor relacionado a sexualidade, como eles faziam antes, só que eu imagino que eles ainda acham que é um problema. Por que uma coisa é você ter uma sobrinha lésbica e outra coisa é “meu filho querer ser veado” sabe? Acho que fica nesse campo. (R.)

A homossexualidade aqui habita o campo do não nomeado, do não dito, podemos hipotetizar que a não verbalização dessa expressão do Eros torne-a menos palpável para a família materna de Rakelly, e conseqüentemente mais fácil de ser suportada, ou talvez, ignorada.

A frase “Por que uma coisa é você ter uma sobrinha lésbica e outra coisa é ‘meu filho querer ser veado’ sabe?” (R.) representa muito bem a ideia de Boechat (1997) e Moreira (2015). Para esses autores os estereótipos do “feminino” quando presentes nos homens, do “masculino” quando presentes nas mulheres, e do “homossexual” são considerados como negativos em nossa cultura, e como podem passar a fazer parte da sombra dos indivíduos e da sociedade. Nesse excerto vemos que a homossexualidade de Rakelly pode até ser suportada por seus parentes enquanto está distante deles e de suas vidas, entretanto, quando a identidade homoerótica se aproxima do “eu” essa passa a ser tratada com desdém. O homoerotismo masculino também é passível de aceitação até que o filho “queira ser veado”. A expressão “veado” é usada fora da comunidade LGBT com uma conotação negativa e degradante, associando a homossexualidade ao feminino, que dentro dessa concepção está associado ao desvalor.

Essa passagem também é um exemplo de como a homossexualidade é sombria para a nossa sociedade e para os familiares maternos de Rakelly. Como já foi dito no terceiro capítulo, devido ao caráter sombrio que a homossexualidade assume em nossa sociedade, podemos pensar a homofobia como o medo e a dificuldade de admitir a homossexualidade dentro de nós, tanto enquanto indivíduos como sociedade. Portanto, para a cultura em que Rakelly foi inserida e para sua família, a homofobia e a homossexualidade podem ser entendidas como um complexo cultural, tendo em seu centro a repressão da homossexualidade, e a intolerância e o desprezo como suas expressões. Sobre seu relacionamento com a família Rakelly conta:

[...] Eu não sou muito próxima de ninguém da minha família na verdade, eu não vejo identificação com a minha família. Eu acho que a gente tem um bom convívio, mas não tem uma pessoa que eu sou próxima, as pessoas que eu sou realmente próxima, que abro e exponho minhas vulnerabilidades são: a minha namorada e a minha família, a não desculpa! Os meus amigos! (R.)

Para Moreira (2015) a cisão entre o mundo interno e a persona de um indivíduo homossexual causada pelo desenvolvimento em uma cultura heteronormativa que nega a expressão de seu Eros pode gerar enormes danos e dificuldades na vida de muitos desses homossexuais. E sem que recebam a devida ajuda eles podem carregar essa tribulação por toda uma vida, afinal, por muito tempo toda a energia desse indivíduo pode ter sido direcionada para reprimir e negar sua essência, o que com toda certeza tem um custo e um dano emocional enorme (Ibidem, 2015, p. 40). Munidos dessa ideia, será que poderíamos pensar que o distanciamento emocional de Rakelly de sua família é resultado não só dos anos de repressão pelos quais passou, mas também pela homofobia implícita na fala, ou na ausência dela, de certos familiares? A respeito de sua identidade, Rakelly conta que já ouviu comentários muito negativos, entre eles:

[...] É... tem pessoas que falam que eu sou muito bonita para ser lésbica [...]. Já ouvi que eu estava doente, louca. Eu não gosto quando as pessoas falam que isso é um problema meu, ou uma escolha mim, porque primeiro não é um problema, não foi um problema, pelo contrário foi uma solução me descobri lésbica, foi libertador, foi sair de um buraco negro para mim. (R.)

Ao longo da história a homossexualidade, em especial a feminina, foi rechaçada, punida e excluída, e sobre ela foram criadas certas “verdades”. Tais concepções, ou falsas verdades, foram estigmas e estereótipos sobre a experiência homoerótica que está sempre às sombras da moral social burguesa (TOLEDO, 2011, p. 57). Assim, a associação entre beleza e heterossexualidade, leva a concepção estereotipada de que lésbicas são e só podem ser feias. Podemos imaginar a possibilidade que esse estereótipo venha da noção lesbofóbica de que uma mulher só é lésbica por que não foi “ensinada a gostar de homem” ou por que foi rejeitada por um homem, logo lhe restando apenas a homossexualidade, tornando-se lésbica.

Como afirma Toledo (2011), os estigmas e estereótipos que rodeiam a homossexualidade feminina mostram claramente a visão machista e heterocentrada tão naturalizada em nossa sociedade. Assim, se por um lado as lésbicas são colocadas na posição de aberração, por outro são tratadas como espetáculo pornográfico e objeto de desejo masculino (TOLEDO, 2011, p. 57).

Como já dito no primeiro capítulo, essa concepção polarizada e estereotipada faz com que a homossexualidade feminina continue sendo constantemente exposta à luz e ao julgamento público,

e ao mesmo tempo permaneça invisível, já que exclui a possibilidade de se pensar na variedade de experiências que englobam a homossexualidade feminina, além de sufocar a voz da própria mulher homossexual.

Ao entender sua identidade lésbica como uma “solução para os seus problemas”, Rakelly reafirma a hipótese de que aceitar e integrar a sexualidade à esfera consciente significa livrar-se da persona heterossexual que lhe foi imposta pela sociedade e assumir como parte do “eu” e de sua personalidade aquilo que foi, possivelmente, deixado na sombra. Dando, assim, o primeiro passo em direção ao desenvolvimento e estabelecimento de uma personalidade própria, em direção ao processo de individuação (HOPCKE, 1993, p. 14).

Ainda sobre comentários feitos sobre sua identidade, Rakelly parece concordar com as ideias expostas no primeiro capítulo que entendem os sujeitos como históricos e toda construção, categoria e estereótipo como parte de uma cultura e uma história. Sua opinião se contrapõe ao reducionismo explicativo que busca uma causa única e/ou endógena para a homossexualidade.

[...] Para mim não tem coisa melhor do que ser amada por outra mulher e... também me incomoda quando as pessoas falam que é uma opção ou escolha, por que eu não acho que é algo tão simplista assim, eu acho que é uma construção social. Eu não acho que eu nasci geneticamente lésbica, eu não acho que ninguém nasce geneticamente heterossexual ou lésbica, ou transexual, ou *queer*, eu acho que são construções sociais. E que não é algo pequeno, é um processo em que a sexualidade vai sendo explorada, descoberta e entendida. (R.)

Rakelly diz sentir o dever e a necessidade de reafirmar sua identidade e sexualidade em todos os ambientes que frequenta. Para ela esse ato é não só uma reafirmação para si mesma, mas também um ato de reparação para consigo e com sua própria história, já que considera que por muitos anos fugiu de si mesma e da sua própria “verdade”. A entrevistada também é consciente da invisibilização social sofrida por mulheres lésbicas na nossa sociedade, assim, espera que afirmando sua sexualidade mais pessoas possam saber que lésbicas existem. Ao se identificar enquanto uma mulher lésbica, Rakelly diz sentir-se menos sozinha no mundo:

[...] E como você se sente hoje ao se identificar como uma mulher lésbica? (P.)²⁵

[...] Eu me sinto menos sozinha no mundo. Eu sinto que eu consigo me entender melhor, eu consigo... acho que o que mais me define hoje como pessoa é o fato de eu ser uma mulher lésbica, é a coisa que eu tenho mais certeza na minha vida, a respeito de mim. E para mim, me ater a essa certeza é muito importante. (R.)

²⁵ P. será usado daqui para frente como abreviação para “pesquisadora” nas citações

Esta fala nos confirma mais uma vez que a homossexualidade de Rakelly, uma vez inconsciente, foi integrada à sua persona, não causando mais sofrimento, angústia e confusão, mas, na verdade, dando à entrevistada a sensação de ter se encontrado ou de ter se tornado aquilo que era. Depois de se entender e aceitar sua homossexualidade, Rakelly pondera que percebeu que a expressão da “mulher” e do “feminino” são múltiplas, e muito mais amplas e diversas do que ela esperava. Em suas palavras:

[...] Você acha que sua relação com o “ser mulher” se alterou depois de você se entender ou se assumir enquanto lésbica? O que significa ser mulher mudou? (P.)

[...] Sim, por que eu entendi que ser mulher não está necessariamente ligado a performar feminilidade, que existem várias formas de ser mulheres. Que o sujeito mulher é plural, que você não precisa ser a personificação da *Barbie* ou da dona de casa bela, recatada e do lar. (R.)

Rakelly conta que ao passar a se identificar como uma mulher lésbica passou a performar menos feminilidade e deixou de fazer certas coisas e usar roupas atribuídas socialmente ao feminino e ao papel da mulher:

[...] quando eu me entendi como lésbica eu acho que eu passei a performar menos feminilidade, eu era muito, muito, muito feminina, hoje eu ainda sou lida como muito feminina e gosto de coisas que são relacionadas ao feminino, socialmente falando. Mas eu abri mão de algumas coisas que eu sabia que eu fazia muito mais por uma imposição social do que por que querer fazer, então uma dessas coisas foi parar de me depilar, que foi um tabu muito grande dentro da minha família, e de ser aceito. Ter raspado a cabeça, é... parar de usar vestidos por bastante tempo, ou saias, que são coisas que eu usava bastante e que hoje eu não acho tão confortáveis. É... às vezes eu uso, mas não é uma obrigação ou uma imposição eu usar, eu não to usando porque eu acho que eu tenho que usar para ser vista como feminina, entendeu? (R.)

Essa transformação relatada por Rakelly pode ser vista como o resultado no plano material da sua descoberta sobre as várias possibilidades e formas de ser mulher. Isso se deu após se entender enquanto lésbica e entrar em contato com o feminismo, conhecendo mais mulheres e consequentemente mais formas de “ser mulher”.

Como Já dito, Boechat (1997) e Moreira (2015) entendem que os estereótipos do “masculino” quando presentes nas mulheres são considerados como negativos em nossa cultura, assim, o não se depilar de Rakelly ou a presença de pelos no seu corpo é vista na sua família como um estereótipo masculino. Talvez, para eles, a presença de pelos a aproxime mais da homossexualidade, já que muitas vezes mulheres homossexuais são comparadas a homens e ao masculino por se atraírem por mulheres. Rakelly entende que o que a sociedade espera dela enquanto mulher e enquanto mulher lésbica são coisas muito diferentes:

[...] Enquanto mulher acho que a sociedade espera que eu case, tenha filhos, que essa família seja o mais margarida e embranquecida possível, e... enquanto mulher lésbica acho que a sociedade espera que eu fique quieta a respeito disso, ou que eu tente mudar ou que eu não fale muito alto. E que eu não tente estabelecer uma rede de apoio para mim e para outras mulheres lésbicas, por que isso pode ser visto como tentar converter outras mulheres para o mau caminho. Então eu acho que a sociedade espera de fato que eu não exista, [...]. (R.)

Além de muito marcante, a fala da entrevistada concorda com a hipótese defendida no terceiro capítulo deste trabalho. Hipótese essa de que a homossexualidade feminina vai contra o ideal de mulher defendido pela moral burguesa, vigente até hoje, já que em uma sociedade que entende, em grande parte, a mulher e sua sexualidade como estando a serviço do homem, uma mulher que assume e sustenta seu desejo, ainda mais por outra mulher é uma contravenção das expectativas e normas sociais.

Por fim, a entrevistada elencou algumas de suas qualidades e defeitos, é importante mencionar que ela começou pelos defeitos e teve muita dificuldade de mencionar qualquer qualidade:

[...] E quais são algumas qualidades e defeitos seus hoje? (P.)

[...] Nossa, eu acho que eu tenho minha autoestima muito baixa, eu acho que eu sou uma pessoa... às vezes egoísta, eu sou uma pessoa que tem dificuldade de aceitar mudanças, eu sou uma pessoa insegura... (R.)

[...] E quais são algumas qualidades? (P.)

[...] Eu acho que eu sou uma pessoa que se doa bastante as relações, eu sou uma pessoa que eu tomo muito cuidado para não machucar as pessoas que eu amo e quando eu vejo que eu machuco eu não tenho o menor receio de pedir desculpas e admitir que eu errei, e me atendo para não cometer o mesmo erro de novo. Eu acho que eu sou uma pessoa esforçada. (R.)

Seria a dificuldade de Rakelly de elencar algumas de suas qualidades apenas timidez ou resultado da noção social de menos valia atribuída aos não heterossexuais? Enquanto falava sobre suas inseguranças, Rakelly diz ter medo da solidão:

[...] E também acho que é uma insegurança de medo da solidão, por que eu não conheço mulheres lésbicas muito mais velhas do que eu, as mulheres lésbicas que eu conheço são da minha idade ou mais novas do que eu. E em algum momento eu vou envelhecer e eu não gostaria de envelhecer sozinha. Eu gostaria de ter um amor, sabe? (R.)

Por esse pequeno excerto parece que amor e casamento são antagônicos para Rakelly ou, talvez, uma possibilidade de futuro difícil para os homossexuais. É possível hipotetizar que essa crença tenha raízes na concepção cristã e heteronormativa, com as quais a entrevistada teve contato, de que o casamento é apenas entre um homem e uma mulher. Também podemos supor que essa

crença é reforçada pela baixa representatividade social de casais homoeróticos nos grandes veículos de comunicação.

5.2: Entrevista 2:

Clarisse é uma jovem advogada de 24 anos que mora com sua mãe, seu pai e seu irmão mais novo. A entrevistada iniciou seu relato por sua primeira experiência homoafetiva, essa aconteceu aos 14 anos na escola onde estudava, com uma menina um pouco mais velha que ela. Após este primeiro beijo Clarisse conta que continuou a nutrir sentimentos por essa menina durante pouco mais de um ano, e a partir daí começou a também se relacionar com mulheres. A entrevistada conta:

[...] Quando aconteceu esse episódio de 14 anos eu até falei para minha melhor amiga na época que eu estava muito confusa, por que foi uma curiosidade na época para mim, mas quando aconteceu eu fiquei tipo “é isso”, mas eu tinha 14 anos então estava tudo muito confuso. E minha família era, ainda é, bem conservadora e etcetera, então ficou tudo bem confuso na verdade e... aí na época eu lembro que eu falei para minha melhor amiga “nossa eu acho que eu gosto mais de mulher”. E aí foi isso, essa foi minha primeira... eu pensei muito sobre isso, pensei durante uns 2 anos sobre isso, [...]. (Clarisse)

Apesar de sentir que “era isso” depois de beijar uma mulher e contar para a melhor amiga que achava que gostava mais de mulheres do que de homens, Clarisse passou a relatar o surgimento de um sentimento de confusão logo em seguida. A expressão “é isso” dá a ideia de certeza ou de que Clarisse se encontrou nessa primeira experiência homossexual, mas a rápida mudança desse sentimento para a confusão e a associação desta com sua imaturidade e com o contexto familiar conservador, podem ser sinais de que nossa entrevistada vivia em um ambiente heteronormativo, onde a heterossexualidade era esperada e a homossexualidade, possivelmente, sombria.

Clarisse passou os próximos dois anos pensando em sua primeira experiência homoafetiva e o que isso significava para sua identidade, além do declarado sentimento de confusão, o longo período de reflexão de Clarisse pode apontar para um possível sentimento de angústia, afinal, seus sentimentos não combinavam com aquilo que era esperado dela pela sociedade e por sua família: a heterossexualidade.

Assim, apesar de ter gostado do seu primeiro beijo com uma mulher e de ter sentido que gostava mais de mulheres do que de homens, Clarisse passou a se entender como uma mulher bissexual até seu último ano de faculdade, quando começou a namorar uma mulher e passou a se entender enquanto lésbica, como veremos a seguir:

[...] Então minha primeira experiência e meu despertar desse “nossa talvez seja isso”, foi com essa menina de 14 anos, mas só aconteceu uma vez e essa única vez foi um beijo, só que eu gostei dela um ano e meio, mas eu não entendia muito bem isso. E... depois ao longo da vida eu fiquei com algumas meninas, só que me envolver assim de corpo e alma foi com a [nome], minha ex-namorada, [...]. (C.)²⁶

²⁶ C. será usado daqui para frente como uma abreviação para o nome da participante Clarisse nas citações

Podemos pensar que o uso da expressão “mas eu não entendia bem isso” pode, mais uma vez, apontar para a possibilidade de que Clarisse estava inserida numa cultura social, escolar e familiar onde a homossexualidade, ou a não heterossexualidade, era rechaçada, assim como na experiência de Rakelly. Dentro dessas culturas, há maiores chances de um indivíduo com inclinações ou desejo homoerótico negar ou reprimir sua identidade, como vemos acontecer com Clarisse quando ela passa a duvidar de seus próprios sentimentos e do que por um momento foi uma certeza - “é isso”.

Ainda sobre os seus 14 anos, Clarisse diz que sempre conta um episódio desse período que, segundo ela, dividiu sua vida. Certo dia Clarisse saiu da escola acompanhada de uma amiga, as duas participaram de um movimento social que acontecia em uma praça famosa da cidade e ingeriram bebidas alcoólicas. A entrevistada relata que nunca havia bebido antes e que acredita que sua bebida havia sido batizada com alguma droga, pois depois de beber acabou desmaiando, ficando caída no chão até ser encontrada por sua mãe que passava pela região. Clarisse foi colocada no carro da família e levada ao hospital, ela descreve que estava completamente “fora de si”.

Junto da mãe no carro estavam mais parentes e durante a viagem Clarisse contou para a família que havia beijado uma mulher, ela relata que sua mãe ficou chocada e que no dia seguinte sua família inteira chorava copiosamente por sua revelação. A partir desse episódio a entrevistada diz que sua vida e relações familiares mudaram:

[...] E aí, foi isso, foi o primeiro *click* da minha mãe, e eu passei minha adolescência inteira, inteira sendo infernizada por isso, todos os dias, todos os dias a minha mãe me perguntava “Clarisse, você gosta de mulher? Clarisse não sei o que lá, você não fica com menino? Você não tem namoradinho?”. Todos os dias, um inferno na minha vida, foi foda minha adolescência, por que não era “tá bom, tá ok”, ela falava que preferia que eu morresse, que ela morresse, que ia ser a maior decepção da vida dela, todo dia ela falava para mim “se você é isso não quero mais olhar na sua cara”, eu cresci ouvindo isso. (C.)

Em primeiro lugar, é possível supor que o estado alterado de Clarisse, causado pelo consumo de bebidas alcoólicas e/ou drogas psicoativas, gerou um rebaixamento da consciência, o que contribuiu para que a entrevistada contasse sobre suas experiências homoeróticas para toda família, coisa que, possivelmente, não aconteceria enquanto estivesse sóbria. A partir desse episódio a mãe de Clarisse parece que passou a perceber que havia “algo de errado” com sua filha, o que a entrevistada chamou de “*click*”, já as falas da mãe e a reação familiar (choro), mostram o lugar sombrio que a homossexualidade ocupa em nossa sociedade.

As falas: “prefiro que você morra”, “prefiro morrer”, “isso seria a maior decepção da minha vida” e “se você é isso não quero mais olhar na sua cara” ditas pela mãe de Clarisse são fruto de

uma concepção social que colocam a homossexualidade como patológica, antinatural e até imoral. As palavras da mãe também combinam, até certo ponto, com as ideias dos analistas junguianos da primeira geração, afinal, para muitos desses autores o “normal” e o esperado é que a personalidade se desenvolvesse até culminar na heterossexualidade, assim, ela representaria o normal e o padrão, e qualquer desvio modelo significaria de imediato, anormalidade, patologia e desvio (MOREIRA, 2015, p. 35).

Clarisse conta que atualmente o tom e o teor dos comentários da mãe mudaram, apesar de ainda acontecerem. Segundo a entrevistada hoje ela ouve coisas como “você faz o que quiser da sua vida, mas você sabe que quem vai sofrer é você” ou “vê lá o que você vai fazer da sua vida”, esse último comentário foi tecido quando a mãe da entrevistada percebeu que sua filha estava conversando com outra mulher, após o término do seu relacionamento.

Apesar de considerar que os conteúdos dos comentários da mãe ficaram “menos pesados”, frases como “vê o que você vai fazer da sua vida” e “quem vai sofrer é você” expõem o lugar de desvalor, marginal e imoral que a homossexualidade ainda ocupa no contexto familiar de Clarisse. Ademais, a frase “vê o que você vai fazer da sua vida” parece atribuir à homossexualidade a capacidade de “descarrilhar” ou desandar a vida de Clarisse, reforçando a hipótese de que a homossexualidade é ainda, pelo menos em partes, sombria para a mãe da entrevistada, assim como para a sociedade.

A reação emocional familiar e os comentários tecidos pela mãe da entrevistada também apontam que, assim como para a cultura, a homossexualidade e a homofobia são complexos culturais atuantes na família de Clarisse. Essa hipótese é reforçada pela tentativa da mãe de ter controle sobre a vida da filha, perguntando incessantemente sobre seus relacionamentos afetivos e colocando em questão sua orientação sexual, afinal, a homofobia como um complexo cultural tem em seu centro a repressão da homossexualidade, e a intolerância e o desprezo como suas expressões, todos, comportamentos observados no relato da entrevistada.

Também podemos supor que os incessantes questionamentos da mãe de Clarisse sobre sua sexualidade, que se expressam como uma tentativa de controle, podem ser resultado do processo cultural de dominação pelo qual a sexualidade, em especial a homossexualidade, passou durante a modernidade (MENDES, 2007, p. 250).

Mas quais seriam os efeitos dessas concepções na vida de Clarisse? Para Barcellos (2011, p. 73) à crianças criadas em ambientes exclusivamente heteronormativos só restaria a clandestinidade,

a dúvida, a ambiguidade e sensações de desconfiança, já que lhes é ensinado que seu amor é seu inimigo. No entanto, no caso de Clarisse, além de ser criada em um ambiente extremamente heteronormativo, ela foi continuamente exposta a muitas imagens, mensagens e valores negativos da cultura atrelados à homossexualidade, para o mesmo autor essa exposição pode contribuir para a homofobia internalizada, processo que pode comprometer a formação de uma identidade coesa (BARCELLOS, 2011, p. 70). Assim, a negação do próprio desejo homoerótico e/ ou orientação, como vemos acontecer com Clarisse, pode ser um sintoma do preconceito internalizado.

Quando questionada sobre seu interesse por homens ou se tinha consciência dessa atração, afinal Clarisse se identificou enquanto uma mulher bissexual até seus 22 anos de idade, ela responde que até se sentia atraída, mas que nunca estava confortável de se envolver com homens, ligando essa atração inicial a heteronormatividade:

[...] estava tudo bem até o ponto de, quando eu estava dentro de um relacionamento [com um homem] e não só relacionamento sério, qualquer envolvimento, eu.. me sentia muito perdida e muito “nossa não é isso”. Só que.. é uma coisa louca, pelo menos... a minha mãe ficava muito em cima de mim por causa disso, todos os dias ela me perguntava isso, todos os dias. E aí quando eu estava me envolvendo com um cara eu podia falar “ah, eu tô ficando com o fulano” e isso já amenizava as coisas em casa. Então... eu tava ok, só que não estava confortável com... quando estava na prática sabe? (C.)

Durante seu relato, Clarisse ligou seu interesse por homens a heteronormatividade, ou seja, ela parece entender que sentia atração por homens ou pensava sentir por que “isso”, a heterossexualidade, era o esperado dela. Entretanto, a entrevistada pontua que nunca se sentiu confortável em um relacionamento com um homem, possivelmente apontando que a identidade bissexual servia à Clarisse como uma falsa persona para se aproximar da norma heterossexual e das expectativas dos pais, escondendo assim, a real movimentação de seu Eros.

Ao mesmo tempo podemos pensar a persona bissexual como uma máscara ou armadura que, apesar de mal adaptada e limitante, a protegia dos ataques da mãe. Isto porque, quando Clarisse estava se relacionando com homens sua mãe se tranquilizava e parava de atormentá-la com questionamentos a respeito de sua sexualidade.

Entretanto, o sentimento de desconforto resultante de suas tentativas de se relacionar com homens colocavam em contradição a frágil persona bissexual de Clarisse, gerando confusão e, possivelmente, angústia. A disparidade entre a persona de Clarisse e seu mundo interno pode ser entendida como uma cisão psíquica, o que segundo Moreira (2015) pode gerar enormes danos e dificuldades na vida de muitos homossexuais, e que sem a devida ajuda eles podem carregar essa

tribulação por toda uma vida. Quando perguntada sobre como se descreveria nesse período, Clarisse responde:

[...] Olha... eu descreveria uma pessoa que... Toda vez que eu imaginava um casamento no futuro, eu tinha dificuldade de imaginar com um homem, só que eu torcia para ser, por causa dos meus pais. Então, quando eu imaginava eu pensava “ah, pode ser que seja um homem e minha mãe vai ficar muito feliz, meu pai vai ficar muito feliz e vai ser aquela coisa de visitar a família de domingo e eles todos vão ficar muito felizes” só que eu não me via feliz nessa imagem, a Clarisse de 15 ou 16 anos imaginando isso... eu não me via feliz. [...]. Mas... acho que é isso, a Clarisse novinha torcia para uma heterossexualidade. (C.)

A partir desse excerto temos, novamente, indícios do ambiente heteronormativo em que Clarisse estava inserida, afinal, ela torcia para se casar com um homem pela felicidade dos pais, mesmo não se vendo feliz nessa imagem. Torcer pela heterossexualidade ou pelo interesse por homens também pode ser analisado com uma expressão da homofobia internalizada, quando o Eros passa a ser visto como inimigo, deve-se lutar contra ele e suas expressões a todo custo, mesmo que o preço a ser pago seja a liberdade e felicidade do próprio indivíduo.

Ao entrar na faculdade, Clarisse sentiu mais a pressão de tentar se enquadrar no padrão heteronormativo, e por quatro meses acabou namorando um homem, relacionamento esse que ajudou a “acalmar a mãe”, mas ela considera que foi “horrível”. No 5º ano de faculdade Clarisse começou a namorar uma mulher, este relacionamento foi o estopim para passar a se entender enquanto uma mulher lésbica e para se assumir para sua família. Sobre o relacionamento com a ex-namorada Clarisse conta:

[...] Então... é... foi, primeiro que foi muito intenso né? [risos]. É... eu estudei com ela 2 anos e... a gente é do mesmo grupo de amigas, ela tinha namorado um cara por 4 anos, tipo.. enfim, ela também é... Bom, ela também já sabia só que não... o mesmo processo, a heteronormatividade. E aí foi muito intenso, meio que parece que a gente largou todas as nossas... as nossas cobranças com a gente mesmo de “vamos tentar ser hétero” para os nossos pais, e foi tudo muito louco. Em um mês a gente começou a namorar e em dois meses a gente já tinha contado para os nossos pais e foi... acho que nesse primeiro mês que eu descobri que realmente era isso, que realmente eu vi que todo o desconforto que eu sentia eu estava confortável ali. Confortável de mil maneiras, comigo, com o que eu sentia, com... sexualmente falando de mil formas, nossa! Muito melhor, muito mais confortável do que com homens. (C.)

A entrevistada se refere a seu antigo relacionamento como “intenso”, afinal, em dois meses ela passou de estar em dúvida sobre sua sexualidade para ter uma namorada, se entender enquanto uma mulher lésbica e conseguir se assumir para família. Clarisse parece dizer que ela e sua ex-namorada passavam por um processo parecido, sentiam atração por mulheres e tinham maior ou menor consciência disso, no entanto, tentavam se encaixar ou se aproximar do ideal de normalidade heterossexual, relacionando-se com homens e mantendo uma falsa persona hétero ou bissexual.

É possível teorizar que essas experiências similares geraram uma grande identificação entre a entrevistada e sua então namorada, o que pode ter potencializado ou acelerado o processo final de entendimento e aceitação de sua sexualidade, que aconteceu aproximadamente em dois meses. Ainda sobre seu relacionamento, Clarisse diz:

[...] Então... e acho que o conforto final veio quando eu sentei e falei para a minha mãe. Então, nesse momento que eu cheguei e falei para a minha mãe me deu um alívio, por que eu não precisava mais fingir, eu não precisava mais me cobrar de “nossa se eu tiver uma oportunidade, se eu sentir algo por um homem eu vou investir nisso por que...” [...] tipo, eu tenho certeza, assim, absoluta de que... se for para eu ser feliz com alguém vai ser com uma mulher, não tem a possibilidade disso acontecer com um homem. (C.)

O prevalecente sentimento de desconforto que pairava sobre todos os relacionamentos heterossexuais de Clarisse foi rapidamente substituído pela sensação de conforto e de ter se encontrado ao começar a namorar uma mulher. Além disso, a entrevistada usa expressões como: “não precisava mais fingir” e “tentar ser hétero” que reforçam a hipótese de que Clarisse vivia limitada dentro de uma persona bissexual mal adaptada. A palavra “fingir” também alude a performance, como se as tentativas de se relacionar com homens fossem uma performance, uma atuação e uma tentativa de se encaixar e se adequar a heterossexualidade que dela era esperada.

O sentimento de alívio que tomou Clarisse ao contar para a mãe sobre sua verdadeira identidade também nos mostra que ao assumir sua identidade homoerótica, tanto interna quanto externamente, ela se livrou da persona heterossexual que lhe foi imposta pela sociedade e pode começar a assumir como parte do eu e de sua personalidade aquilo que foi, possivelmente, deixado na sombra. Sobre o momento que contou para os pais, Clarisse relata:

[...] aí um dia eu sentei, eu cheguei do trabalho e pensei “é agora, preciso contar”, eu sentei com a minha mãe e falei. Como foi? Ela chorou muito e falou que precisava de um tempo, eu passei uma semana na casa das minhas primas por que ela precisava desse tempo [...]. E a minha mãe... na verdade me surpreendeu por que eu vi que ela tava tentando alí, que ela me amava acima de tudo e estava tentando, meu pai ficou 3 meses sem olhar na minha cara, tipo... ele ficou três meses sem olhar na minha cara [...]. E foi muito foda, por que eu considero que eu sou até que unida com o meu pai e minha mãe, a gente até que se dá bem, hoje em dia, e foi isso assim. (C.)

A reação da mãe de Clarisse, chorar e pedir que a filha deixasse a casa da família por um período de tempo, e a atitude do pai de parar de falar com a filha por três meses, mostram, mais uma vez, o lugar sombrio que qualquer expressão não heterossexual ocupa na família da entrevistada. Ademais, o posicionamento dos pais também reafirma que a homossexualidade e a homofobia são complexos culturais atuantes neste núcleo familiar.

Entretanto, Clarisse conta que com o tempo as coisas mudaram, sua namorada passou a frequentar sua casa, dormir com ela e ir às festas de família. Essa mudança gradual surpreendeu nossa entrevistada, afinal, ela conta que pensava que seria expulsa de casa ao contar sobre sua homossexualidade.

Boechat (1997) e Moreira (2015) afirmam que apesar do lugar sombrio que a homossexualidade ocupa em nossa sociedade, este lugar é culturalmente construído, assim, pode ser desconstruído e reconstruído de novas formas. Este é o movimento que vemos lentamente acontecer na família de Clarisse. Se em um primeiro momento ela se viu obrigada a deixar a casa dos pais por um período de tempo e seu pai parou de falar com ela por alguns meses, mais tarde sua ex-namorada passou a frequentar sua casa e seu relacionamento foi aceito. Como veremos em breve, essa transformação foi extremamente curativa para a entrevistada e para seu relacionamento com seus pais.

É interessante o fato que Clarisse considera que realmente só se aceitou e se assumiu para si mesma quando revelou sua identidade homoerótica para os pais, a entrevistada diz que decidiu contar por que não aguentava mais sustentar sua identidade enquanto um segredo: “meu, tá me consumindo isso. É isso, tenho certeza e meus pais têm que saber” (C.).

Após anos tentando se aproximar do ideal de normalidade social que era endossado pelos pais - a heterossexualidade, e vivendo com uma persona mal adaptada, parece que Clarisse, dividindo sua real identidade com os pais, sendo honesta consigo e com eles, tornou-a mais real e palpável para ela. O uso da frase “meu, tá me consumindo isso” confirma a ideia de Moreira (2015), já apresentada, de que a repressão dos verdadeiros movimentos do Eros somada à sustentação de uma falsa persona demanda um enorme gasto de energia, possivelmente, debilitando o pleno funcionamento do ego em outras áreas da vida.

Ao final, Clarisse pondera que revelar sua homossexualidade, apesar das turbulências, aproximou seu núcleo familiar, já que sente que as relações se tornaram mais verdadeiras. Parece que ao permitir que sua verdadeira personalidade se mostrasse para sua família, Clarisse passou a se relacionar por inteiro, sem esconder-se ou sem sentir que precisa se defender.

Clarisse conta que todos seus amigos, menos aqueles da faculdade, também eram LGBTs e sempre souberam da sua não heterossexualidade, também diz que sempre se sentiu aceita e bem acolhida por eles. Mas, foi só com o término do relacionamento com sua ex-namorada que ela se assumiu definitivamente para eles como lésbica. Sobre as amigas da faculdade, Clarisse esclarece:

[...] Então, minhas amigas da faculdade sempre souberam... sempre, só que eu me definia como bi... mas todas elas, não sei por que, talvez por que eu era diferente delas, elas achavam que eu só não tinha me descoberto ainda, todas achavam que eu era lésbica e que eu descobriria isso. Minha melhor amiga da faculdade que é a [nome] sempre falou isso para mim, então [...]. Mas, minhas amigas mesmo de faculdade sempre foi tudo bem, eu sempre me senti acolhida. (C.)

Apesar de descrever o ambiente da faculdade como extremamente heteronormativo, Clarisse sentia-se aceita por suas amigas, elas até esperavam que a amiga se entendesse como lésbica em algum momento. Portanto, parece que as tentativas da entrevistada de se enquadrar à norma não tinham origem somente nas pressões ambientais descritas, mas, talvez, também em questões mais pessoais e profundas. A homossexualidade, como já dito, era sombria para Clarisse, afinal, ela cresceu em um ambiente heteronormativo e homofóbico, esse contexto, possivelmente, contribuiu para a internalização desses estereótipos e preconceitos, o que pode ter resultados devastadores (BARCELLOS, 2011). Deste modo, parece que a homofobia internalizada de Clarisse também contribuía para seu aprisionamento em uma persona limitada. Nossa hipótese é confirmada quando a entrevistada continua falando sobre suas experiências na faculdade:

[...] Eu acho que isso [ficar com homens] era uma coisa que também eu colocava, [...]. Acho que era mais eu me colocando nesse “vamos aproveitar que eu estou em um ambiente hétero e vamos ver, vamos tentar ser hétero” [risos] e [...] mas se eu falasse para minhas amigas da faculdade, mesmo nesse ambiente heteronormativo “gente, sou lésbica e não fico mais com homens” elas iam falar “beleza, Clarisse. Quando você quiser ficar com uma menina você avisa e a gente te ajuda aí”, tipo eu tenho certeza que ia ser assim, sabe? (C.)

A pressão ambiental heteronormativa, sem dúvidas, existia. Mas essa parecia exercer um papel menor nas tentativas de Clarisse de se relacionar com homens, do que a pressão familiar e sua própria homofobia internalizada.

Durante a faculdade a entrevistada conta que saía com seus “amigos da vida” com os quais se sentia à vontade e pertencente ao grupo, entretanto ao ir para as festas da faculdade, todas heteronormativas, se sentia perdida e confusa, e acabava ficando com homens. A confusão que Clarisse relata parece aludir ao que Moreira (2015) chama de cisão; para este autor não é incomum que indivíduos homossexuais enfrentem uma cisão entre o mundo interno e a persona, causada pelo desenvolvimento em uma cultura heteronormativa que nega a expressão de seu Eros.

Ao que parece, Clarisse tinha duas experiências distintas de sua personalidade. Uma com as amigas da faculdade que se aproximava mais da heterossexualidade e de uma performance normativa, e outra com seus “amigos da vida” que se alinhava melhor com seu mundo interno e

com sua verdadeira personalidade. Depois que se entendeu e se assumiu enquanto uma mulher lésbica para si e para sua família e amigos, Clarisse revela:

[...] Por que era isso, precisava falar isso comigo mesma, precisava falar isso com meus pais, com meus amigos, e aí parece que tudo se encaixou e... assim... tá tudo bem agora, tá tudo certo. Antes era tudo muito confuso, eu não sei nem explicar muito bem o que tava acontecendo dentro de mim, mas agora eu sei que é isso. (C.)

Ao se assumir, a confusão de Clarisse foi substituída por um sentimento de encontro consigo mesma, mas, é interessante mencionar que este sentimento de confusão, nebulosidade e de não saber o que estava acontecendo é visível em seu relato. Clarisse ao longo de toda entrevista apresentou dificuldade em encontrar palavras para descrever seu estado emocional e seus processos mentais neste período de confusão sobre sua sexualidade e identidade, especialmente durante o relato sobre os anos de faculdade.

O uso da frase “[...] precisava falar isso comigo mesma, precisava falar isso com meus pais, com meus amigos” (C.) parece apontar para a necessidade que Clarisse sentia de permitir que a verdadeira expressão do Eros se manifestasse em sua personalidade. Isto revela que com a aproximação da homossexualidade do campo da consciência, a persona anterior havia, possivelmente, se tornado insuficiente e mais limitante.

Clarisse, diferente de Rakelly, considera que não perdeu nenhum grande amigo no processo de se entender e assumir enquanto uma mulher homossexual. Ela apenas se distanciou de uma colega que considera preconceituosa e que teve ciúmes de seu relacionamento com sua ex-namorada.

Ao se entender enquanto uma mulher lésbica, Clarisse conta que sentiu medo, especialmente de seus pais, mas que com o tempo esse sentimento foi se transformando em empoderamento. Quando a homossexualidade deixou de ser sombria e passou a integrar a personalidade consciente de Clarisse, possibilitando a formulação de uma persona bem adaptada, protetora, flexível e que permitiu a livre movimentação do Eros, a homoafetividade e a identidade lésbica passaram a ser sinônimos de liberdade.

Clarisse, assim como a primeira entrevistada, acredita que o seu processo de formação de identidade enquanto uma mulher lésbica está encerrado ou que sua identidade já está bem formulada. Ela credita parte dessa formulação ao relacionamento com sua ex-namorada. Ela conta que seu namoro foi imprescindível para entender que deveria investir na sua própria felicidade e não na de seus pais.

Se aos 15 ou 16 anos de idade Clarisse lutava contra uma identidade homossexual para a satisfação dos pais, deixando sua própria felicidade de lado, agora observamos uma grande transformação no discurso da nossa entrevistada. Ela usa a frase “para eu entender real que é isso e que eu tenho que investir na minha felicidade e não na dos meus pais” (C.), essa pode mostrar que Clarisse começou a se distanciar das expectativas dos pais e passou a buscar o seu próprio caminho, tornando-se protagonista de sua própria história.

Aliados às ideias de Hopcke (1993) sobre a importância do processo de individuação para os homossexuais, podemos hipotetizar que a partir do momento que Clarisse descobriu, aceitou e assumiu, interna e externamente, sua identidade enquanto uma mulher lésbica, ela deu seus primeiros passos em direção ao desenvolvimento de uma personalidade coesa, ao caminho de individuação. Para Clarisse, assumir-se significou alívio e iniciou um processo de transformação:

[...] E como você se sentiu depois de se assumir? (P.)

[...] Nossa [risos], mesmo meu pai não olhando para minha cara por 3 meses, mesmo minha mãe falando “vai para casa da sua prima por que não quero mais olhar para sua cara hoje”, foi o alívio mais incrível da minha vida. Do tipo “caralho que incrível”. E agora eu e minha mãe nos damos muito melhor, por que não tem mais essa tensão de qualquer hora eu ter que falar, então foi um alívio assim, foi poder ser eu dentro de casa, sem ter que ficar fingindo nada. (C.)

Não precisar mais “fingir”, ou seja, poder ser aquilo que era dentro de casa ter se tornado um alívio para Clarisse reafirma a ideia de que carregar uma persona falsa e/ou mal adaptada representa um consumo enorme de energia. Nossas interpretações e hipóteses sobre o desenvolvimento de uma persona adequada e verdadeira a partir do momento que Clarisse aceitou sua homossexualidade são reforçadas quando ela revela acreditar que se assumir transformou suas relações familiares e de amizade, tornando-as “mais verdadeiras, sem máscaras” (C.).

Apesar ter conseguido se assumir, tanto interna quanto externamente, e de sentir-se confortável com sua identidade atualmente, Clarisse revela que escolhe não se assumir ou em suas palavras “não se apresentar” em certas situações para a sociedade, especialmente pelo medo de reações agressivas homofóbicas. No entanto, a entrevistada conta ter um pacto consigo mesma quando o assunto é trabalho, esforçando-se para sempre se assumir nesses espaços. Ainda que Clarisse se comprometa, sempre que for possível e seguro, a dividir sobre sua orientação e identidade nos ambientes de trabalho, ela ainda parece se sentir insegura ou apreensiva quanto às possíveis respostas:

[...] E enfim... Então acho que o ciclo [de formação de identidade] não se fecha totalmente enquanto em ambientes corporativos eu ficar meio assim de falar, porque parece que eu

tenho que mostrar que as pessoas podem gostar de mim antes de eu falar. Então... como um... tipo “ela é gente boa, ela é legal, então tudo bem ela ser lésbica” [risos]. E... acho que não se fecha totalmente nesses sentidos de apresentação para a sociedade em alguns ambientes específicos. (C.)

A naturalidade de Clarisse quanto à sua identidade parece ser restrita. Em seu discurso, vemos que ela busca compensar a identidade lésbica ao dizer: “parece que eu tenho que mostrar que as pessoas podem gostar de mim antes de eu falar” (C.). Seria fácil hipotetizar que a homossexualidade ainda é sombria para Clarisse e que por isso ela faz esse movimento compensatório, especialmente quando se apresenta nos ambientes de trabalho, no entanto, não acredito que seja essa a origem desse comportamento.

Penso que nossa entrevistada tem consciência do lugar sombrio e marginal que a homossexualidade ocupa em nossa sociedade, sendo associada ao adoecimento, ao desvio e a disfunções (BORGES; SPINK, 2009). Assim, parece que Clarisse cria estratégias para se defender e se proteger da discriminação e do preconceito, tentando assim “compensar” sua homoafetividade.

Clarisse explica que escolhe contar sobre sua identidade enquanto uma mulher lésbica para “tirar isso do caminho” (C.), essa explicação soma a nossa hipótese anterior. Clarisse percebe que sua identidade homossexual pode ser entendida como negativa, ruim, patológica ou perturbada devido à construção social a respeito da homossexualidade, concepções essas que podem interferir suas relações de trabalho e, em casos mais extremos, até na sua permanência na empresa. A entrevistada conta um episódio que aconteceu durante uma festa do trabalho:

[...] Uma vez, uma chefe minha de um escritório que eu passei, no churrasco veio falar que achava incrível, mas lógico que não é assim, sabe? Eu falei que depende do ambiente, mas ela falou “acho incrível essa segurança da Clarisse, que no primeiro dia de conversa com a gente falou que namora uma mulher, e trás você”, e falou para a [nome da ex] né? Que achava incrível e tal. (C.)

O uso da palavra “incrível” pela chefe dela reafirma nossa hipótese sobre a impressão de Clarisse a respeito do seu ambiente de trabalho. O “incrível” não é o normal, o igual ou o ordinário, assim, faz sentido que a entrevistada busque ser vista como uma pessoa qualquer ou uma “pessoa legal” antes de se assumir para os seus colegas de trabalho, afinal de contas, sua identidade no mundo corporativo parece ser vista como diferente, incomum, atípica.

No entanto, Clarisse deve essa “aceitação” do mundo corporativo a um único fator: a performance de gênero. Clarisse conta que ela e sua ex-namorada performavam bastante feminilidade, assim não “pareciam lésbicas” e se aproximavam do estereótipo heteronormativo

imposto pela sociedade, sendo mais “aceitas”. Já a atual parceira da entrevistada performa menos feminilidade, Clarisse diz perceber a diferença no tratamento que recebe quando está com sua atual parceira *versus* quando estava com a sua ex.

A entrevistada também conta que essa maior “aceitação” quando se está próximo do padrão heteronormativo não se dá apenas no ambiente corporativo, mas também dentro de sua família. Contudo além da suposta “aceitação”, Clarisse conta que sentia mais sexualização, tanto no trabalho quanto na família, quando estava acompanhada se sua ex-namorada.

Para Boechat (1997) e Moreira (2015) quando estereótipos do “feminino” estão presentes nos homens, do “masculino” estão presentes nas mulheres, e do “homossexual” estão presentes em ambos, esses são considerados como negativos em nossa cultura. Enquanto Clarisse e sua ex-namorada se encaixavam no estereótipo social de feminino, e assim se afastaram dos estereótipos da lesbianidade, entre eles, o da masculinidade, Clarisse percebia que era mais aceita, afinal, parecia estar mais próxima do padrão ideal heteronormativo. No entanto, quando passa a se relacionar com uma mulher que performa menos feminilidade, e que conseqüentemente está mais distante do padrão heteronormativo, Clarisse percebe a diferença no tratamento que recebem, passando a serem menos “aceitas” socialmente.

A sexualização experienciada pela entrevistada pode ser entendida como um exemplo do que Toledo (2011) afirma: se por um lado as lésbicas são colocadas na posição de aberração, por outro são tratadas como espetáculo pornográfico e objeto de desejo masculino (Ibidem, 2011, p. 57). Como já dito, essa concepção polarizada e estereotipada faz com que a homossexualidade feminina continue sendo constantemente exposta à luz e ao julgamento público, e ao mesmo tempo permaneça invisível, já que exclui a possibilidade de se pensar na variedade de experiências que englobam a homossexualidade feminina, além de sufocar a voz da própria mulher homossexual. Sobre a sexualização Clarisse conta um episódio:

[...] Hum... bom, por exemplo, tem uns amigos da minha mãe e teve um aniversário do meu irmão e a [ex namorada] foi. E eu fiquei bem chateada... Porque foi muito desnecessário. Um homem dos amigos da minha mãe falou para a minha mãe, só que eu tava perto, mas eu não ouvi, aí depois minha mãe veio me contar, mas eu vi o jeito que ele estava olhando. Eu me senti muito incomodada na verdade, ele falou “nossa o que a Clarisse está fazendo? Ela é bonita ela pode ficar com tantos caras. Será que não teve um cara que ensinou ela a gostar da coisa?” coisas assim, e eu achei pesadíssimo. [...] Mas, esse foi um comentário que me chateou bastante, por que... Meu quê? Eu achei até meio assediador, mas não sei se essa é a palavra. Foi um comentário que me incomodou. (C.)

Em primeiro lugar, temos um comentário lesbofóbico e agressivo que somado aos olhares, possivelmente sexualizantes, deste amigo da família, fizeram com que Clarisse se sentisse

assediada. O comentário pode causar ambiguidade para aqueles que não estão familiarizados com as pautas feministas ou com o termo homofobia, pois, este é disfarçado com um suposto elogio: “mas ela é tão bonita”.

No entanto, esta fala é um ataque por dois motivos, primeiramente o amigo da família insinua que Clarisse estar com uma mulher não é o suficiente e que transar com um homem, ou melhor, com um pênis a “ensinaria a ser heterossexual. Segundo, ele alude à concepção social ou estereótipo de que beleza e homossexualidade são incongruentes. Clarisse conta que já ouviu este mesmo comentário, “mas ela é tão bonita, como poder ser lésbica?” de um de seus tios. A fala, segundo a entrevistada, deixou seu pai incomodado.

Associações como essa “ela é bonita, longo não pode ou não deveria ser homossexual”, falam sobre a concepção social de que lésbicas só podem ser feias. Assim como na primeira análise, podemos imaginar a possibilidade que esse estereótipo venha da noção lesbofóbica de que uma mulher só é lésbica por que não foi “ensinada a gostar de homem” ou por que foi rejeitada por um homem, logo restando-lhe apenas a homossexualidade, tornando-se lésbica.

Este é apenas um exemplo dos estigmas e estereótipos que rodeiam a homossexualidade feminina, mostrando a visão machista e heterocentrada tão naturalizada em nossa sociedade (TOLEDO, 2011, p. 57). Dentro desse sistema as mulheres lésbicas ora são colocadas na posição de aberração, ora são tratadas como espetáculo pornográfico e objeto de desejo masculino (Ibidem, 2011, p. 57).

Sobre sua família, Clarisse os descreve como conservadores e seu pai e seus tios como “machistões”, revelando que eles tiveram uma criação simples e bastante tradicional. A participante percebe que muitos de seus parentes ficam incomodados ou desconfortáveis quando ela falava de sua então namorada, e conta que sua mãe não gosta que ela use a palavra “namorada” para descrever suas parceiras ou seu antigo relacionamento.

Assim como na família da primeira entrevistada, a homossexualidade em certos núcleos familiares de Clarisse habita o campo do não nomeado, do não dito, podemos hipotetizar que a não verbalização dessa expressão do Eros torne-a menos palpável para alguns membros da família, e consequentemente mais fácil de ser suportada, ou talvez, ignorada. Essa hipótese ganha mais força ao sabermos que a mãe da entrevistada não gosta que a filha use a palavra “namorada” para descrever suas parceiras.

[...] E sua família estendida sabe da sua identidade e orientação sexual? (P.)

[...] Sabe, toda. Por parte de pai... meu pai nunca falou, mas eles vieram para cá e minha namorada estava no churrasco e ficou claro, tipo... ficou claro, e também minhas primas acabaram falando para o meu tio e tal. [...] Então minha família toda sabe, por parte de mãe é assumidíssimo [...], mas por parte de pai todo mundo sabe, mas ninguém fala sobre por que meu pai não se sente confortável para falar sobre. (C.)

Observa-se no relato de Clarisse o silêncio familiar sobre sua homossexualidade, especificamente do lado paterno, esse pode ser entendido como um símbolo ou uma manifestação da crença social que reforça que essa identidade deveria permanecer em segredo. O que contribui para a invisibilização da homossexualidade feminina em nossa cultura.

Entretanto, é notável a transformação no comportamento de Clarisse quanto a sua identidade, essa não precisa ser mais confessada e é tratada por ela com mais naturalidade. O homoerotismo passou a integrar a personalidade consciente de Clarisse, agora não sendo mais tratado como um conteúdo estranho ao “eu” ou negativo, mas como apenas mais uma parte de sua personalidade.

Ao ser perguntada sobre o que seria o feminino e a feminilidade, Clarisse deu duas respostas diferentes, primeiro o que seria o feminino para a sociedade e depois o que seria o feminino para ela. A respeito de sua percepção sobre o feminino para a sociedade Clarisse dá um exemplo com falas de sua mãe: “Tipo, para a minha mãe, ela falava assim ‘ai que bom que a [ex-namorada] não parece que gosta de mulher, por que aí na rua ninguém vai perceber’” (C.). Em seguida a entrevistada explica que percebe que a concepção social sobre o feminino é uma mulher não parecer que gosta de mulheres, ou seja, não “parecer lésbica.

Aqui “não parece que gosta de mulher”, ou seja, não apresentar os estereótipos associados à homossexualidade feminina é visto como positivo e até desejado. Entretanto, essa posição ajuda a perpetuar o lugar de invisibilização da homossexualidade feminina em nossa sociedade, além de apontar para o lugar sombrio que a homossexualidade ocupa para a mãe de Clarisse, afinal, a identidade da filha deve ser “imperceptível” ou mantida em segredo.

A entrevistada entende que para a cultura o feminino e a feminilidade se resumem aos estereótipos de gênero associados às mulheres. Já sobre seu conceito de feminino Clarisse responde:

[...] Mulher, nossa... é que assim, mulher é incrível né? [risos]. Mulher é tudo, mulher é... aí... tem estria, tem... isso é mulher. Eu acho, sinceramente, que quem gosta de mulher é mulher, homem gosta de feminilidade [risos]. Eu amo mulher, eu gosto de estria, tudo assim, eu não entendo como alguém consegue falar “aquela mulher é gorda ou aquela mulher é não sei o que”, ela é perfeita do jeito que ela é. E eu gostar de outras mulheres é exatamente isso, é... Eu não busco feminilidade, eu busco uma pessoa, uma mulher que me

interessa, em todas as formas de corpo dela, enfim... Então, o padrão imposto não tem nada haver com o que enxergo sobre mulher, eu só sinto uma percepção da minha família, da sociedade, de... de “tudo bem você ser lésbica” - pelo menos da minha mãe - quer dizer, tudo bem não, é um “eu aceito, mas se você raspar o cabelo aí já não dá”. Então eu sinto, no ambiente corporativo eu também sinto isso. Mas, a minha percepção do que é mulher, ou se a feminilidade tem haver com ser mulher? Para mim não. (C.)

Neste trecho, novamente encontramos estereótipos a respeito da homossexualidade, Clarisse percebe que é aceita pela mãe e dentro do ambiente corporativo por que não se encaixa no estereótipo de “mulher homossexual” ou por que não parece “uma lésbica”, pois, ao performar feminilidade, ela fica mais distante dos estereótipos masculinos, comumente associados à homossexualidade feminina.

A entrevistada entende que suas concepções sobre “mulher” e “feminino” são muito distantes da construção social a respeito do feminino. Durante seu relato Clarisse faz o seguinte comentário: “Eu acho, sinceramente, que quem gosta de mulher é mulher, homem gosta de feminilidade [risos].” (C.), esta idéia é no mínimo interessante, a entrevistada parece conceber que apenas mulheres gostam ou se interessam verdadeiramente por outras mulheres, já os homens estariam interessados apenas pela feminilidade ou pelos estereótipos de gênero associados ao feminino.

Uma possível interpretação para esta fala da entrevistada é a de que ela parece dizer que os homens só conseguem se relacionar com as mulheres através da expectativa que se tem sobre o feminino e sobre o papel de cuidado que as mulheres deveriam cumprir. Entretanto, parece que as mulheres, para a entrevistada, teriam condições de se relacionar com o outro na sua alteridade, talvez com menos projeções ou mais próximo do que esse outro realmente é.

Essa hipótese é apenas uma das possíveis origens dessa concepção, mas é importante mencionar que Clarisse afirma que se sente “olhada por inteiro” apenas dentro de relacionamentos com mulheres e que nos seus relacionamentos com homens ela não se sentia verdadeiramente vista ou ouvida. Assim, é provável que essa percepção de Clarisse seja resultado, pelo menos em parte, de suas experiências afetivas com homens.

Ainda sobre expectativas sociais, Clarisse entende que o que se espera dela enquanto mulher é a reprodução da feminilidade e sempre estar a serviço da família e do marido, já enquanto uma mulher lésbica a entrevistada acredita que o que se espera dela é o silêncio: “Como mulher esperam de mim, e de todas, não sei... recatada e do lar, e como mulher lésbica que eu disfarce o quanto eu puder isso na sociedade.” (C.).

Clarisse percebe o lugar social sombrio que a homossexualidade feminina ocupa e o desejo que essa identidade permaneça invisível, já que destoava do que socialmente se espera de uma mulher. Afinal, se entendemos enquanto sociedade a mulher como tendo sua sexualidade apenas à serviço da maternidade e do homem, uma mulher que assume e sustenta seu desejo, ainda mais por outra mulher é uma contravenção das expectativas e normas sociais. Para Clarisse ser uma mulher lésbica é:

[...] Então para mim ser mulher lésbica, quanto a isso, é na verdade libertador para mim, eu Clarisse. Por que para mim que já tive experiência com relacionamento hetero, é um lugar que eu não me sinto confortável, que não sinto que estão me ouvindo, que minha fala não importa, enfim. [...] só que ser mulher lésbica para mim e me relacionar com mulheres é libertador para mim de uma forma que eu posso ser mais eu. [...] Então acho que ser mulher lésbica também é mostrar para as pessoas ao seu redor que o amor entre duas mulheres não muda nada do amor entre um homem e uma mulher. [...] acho que ser mulher lésbica é me sentir 100% eu. (C.)

Fica claro que para a entrevistada se identificar enquanto uma mulher lésbica significa e representa muitas coisas diferentes, mas talvez a mais importante é que a identidade lésbica passou a significar liberdade. Para Clarisse por muito tempo a persona bissexual parece que a ajudava a ter autonomia do controle materno, afinal, quando estava se relacionando com um homem sua mãe parava de atormentá-la com perguntas sobre sua sexualidade, no entanto essa persona mal adaptada passou a ser cada vez mais limitante.

Ao se assumir para os pais a entrevistada arriscou seu relacionamento eles, já que pensou que seria expulsa de casa, mas acabou ganhando em troca a própria liberdade e a possibilidade de desenvolver uma persona verdadeira e adaptada, permitindo à Clarisse iniciar o seu processo de individuação, ou como Foucault diria, podendo desenvolver seu livre “devir” (FOUCAULT, 2004; MENDES, 2007).

Clarisse parece ser consciente de sua própria transformação, ela considera que se entender e assumir-se enquanto lésbica não só alterou suas relações familiares e sociais, mas também sua relação consigo mesma e com o que significa ser mulher. A entrevistada conta que ao se descobrir lésbica e passar a se relacionar exclusivamente com mulheres descobriu o prazer, passou a conhecer melhor seu corpo, além de onde e como sentia mais prazer, pôde ser mais ela mesma e se conheceu melhor emocionalmente.

Ao final, Clarisse elencou algumas características que considera como qualidades e defeitos. A entrevistada se considera uma pessoa empática, fiel e sincera, ela relaciona tais qualidades a sua

experiência pessoal, já que afirma que ser sincera consigo e com os outros e poder dizer sempre a verdade são valores muito importantes para ela, especialmente depois de se assumir para seus pais.

Clarisse Também diz que esperava mais empatia das pessoas e que por isso tenta ser ou é empática, podemos ampliar o sentido e pensar que a entrevistada desejava ser vista por aquilo que era, para além de sua persona bissexual que a servia como defesa. Ou até que a deixassem expressar o que Foucault chama de “devir”: ser o que se é sem a pressão heteronormativa social e familiar (FOUCAULT, 2004; MENDES, 2007).

Como defeitos, Clarisse elencou insegurança e dificuldade de falar o que sente e pensa, mas frisou que sua insegurança é mais emocional do que física, sentindo-se muitas vezes substituível, e que acredita que hoje sua dificuldade de comunicação/ expressão está “mais superada”. Clarisse assim como Rakelly, demonstrou ter preocupação sobre como suas “questões” emocionais podem ou irão afetar as pessoas a sua volta, especialmente suas parceiras. Ademais a entrevistada relaciona sua insegurança com as experiências negativas com sua mãe, especialmente em relação às falas homofóbicas que a ela foram direcionadas.

Os indivíduos com inclinações homoeróticas que são educados dentro de famílias e de uma cultura heterossexual e heteronormativa podem crescer com o sentimento de que há algo errado com eles, esse é o início um processo de ferimento na sua capacidade de cultivar amor-próprio e se deixar ser amado (BARCELLOS, 2011). A insegurança de Clarisse pode ser uma expressão ou resultado deste processo contínuo de exposição às falas e imagens heteronormativas e homofóbicas. Entretanto, devemos nos lembrar que a homofobia não é adoecedora só para os indivíduos que sofrem com seus ataques, mas para toda a sociedade, tornando-se não só uma ferida para indivíduo, mas uma ferida na alma do mundo.

5.3: Entrevista 3:

Shayene é uma jovem estudante de 25 anos que mora com seus pais e sua irmã mais velha. É importante mencionar que diferente das duas primeiras entrevistadas, Shayene não é assumida para seus pais, sendo seu irmão, sua irmã e alguns primos os únicos familiares que sabem sobre sua identidade enquanto uma mulher lésbica. A entrevistada começou seu relato perguntando se deveria contar sua história apenas voltada para a “questão da homossexualidade” (S.)²⁷ ou se poderia fazer um relato mais abrangente, após ouvir que o relato era livre e que ela poderia contar sua história como quisesse, Shayene passou a falar sobre sua experiência escolar.

A entrevistada considera que sempre deixou sua vida mais voltada aos estudos, dando menor atenção as relações pessoais. Ela se descreveu como “quietinha” na escola e frisou que não conversava com muitas pessoas e que não tinha muito contato com colegas ou pares. Assim como as relações de amizade, o interesse romântico/sexual também foi preterido ou demorou a surgir na vida de Shayene, ela conta que começou a namorar pela primeira vez aos 17 anos, com um amigo da escola.

Entretanto, Shayene considera que esse namoro com um rapaz não foi seu primeiro interesse romântico, esse se deu por uma amiga aos 16 ou 17 anos de idade. Quando comparamos a experiência de Shayene com a das outras duas entrevistadas percebemos que Shayene passou a explorar o campo da sexualidade só no final da adolescência e namorando um homem, comparativamente mais tarde do que Clarisse e Rakelly que beijaram uma mulher pela primeira vez aos 14 e 15 anos, respectivamente. Sobre seu interesse por uma mulher Shayene conta:

[...] teve um momento no ensino médio que eu era afim de uma pessoa que eu considerava minha amiga, tipo... até comentei com ela e foi uma experiência bem horrível, tipo... Não rolou nada, mas... Eu lembro que na época ela tinha começado a namorar com um garoto, só que ela tinha ficado muito pistola com ele e ela veio falar para ficar comigo e tals, meio para se vingar dele por algumas coisas que ele fez. Eu falei “eu não sou capacho para ser usado assim” [risos] e é isso, e depois desse acontecimento que eu comecei a namorar com o menino lá da minha sala. (S.).

A partir desse pequeno excerto podemos começar a pensar algumas coisas, Shayene declarou seu interesse para sua amiga, mas foi rejeitada e pouco tempo depois essa amiga procurou a entrevistada para ficar com ela como uma forma “vingança” após um desentendimento com o namorado. Essa procura da amiga depois da rejeição deixou Shayene claramente incomodada, é possível que ela tenha se sentido usada, afinal essa amiga não queria se relacionar com ela, mas

²⁷ S. será usado daqui em diante como uma abreviação para o nome da participante nas citações.

aproveitar-se do seu interesse para “dar o troco” no namorado. É importante mencionar que Shayene parece começar a namorar um homem depois dessa rejeição/ decepção com uma mulher.

Não é incoerente pensar que essa tentativa da amiga de Shayene de usá-la para vingar-se do namorado é uma forma de fetichização da homossexualidade e da mulher lésbica. Toledo (2011) afirma que, muitas vezes, as mulheres lésbicas são tratadas como espetáculo pornográfico e objeto de desejo masculino, assim a relação da amiga com Shayene poderia tentar “provocar” e fazer ciúmes no namorado.

Também podemos hipotetizar, baseados na configuração machista e heterocentrada da nossa sociedade, que a amiga beijar Shayene é uma forma de ferir a “honra masculina” do namorado. Não só sua namorada estaria beijando outra pessoa, mas essa pessoa seria uma mulher, configurando-se como um desafio a sua virilidade.

Shayene conta que era evangélica, assim como toda sua família, e que sentia muita culpa por estar gostando de uma mulher, ela pensava que esse interesse era “coisa do demônio” (S.) e conta “eu fazia jejum, orava para Deus tirar isso de mim” (S.). Aqui começamos a ter um pequeno vislumbre do ambiente em que a entrevistada cresceu, esse era extremamente religioso e heteronormativo, como vemos a homossexualidade era considerada por ela, assim como por seu grupo, como um adoecimento ou uma possessão.

A criação de um indivíduo homoeroticamente inclinado dentro de uma família e cultura heteronormativa pode ser devastadora, já que a ele é ensinado que seu Eros, seu amor, é seu inimigo (BARCELLOS, 2011). A esses indivíduos só restaria à clandestinidade e o possível aprisionamento em uma persona heterossexual mal adaptada. Podemos pensar o ato de fazer jejum como uma forma de punição e uma tentativa de “salvação divina” da homossexualidade, afinal, se o Eros é considerado como inimigo deve-se lutar contra ele a todo custo e se o corpo, para o cristianismo, é profano, logo, a salvação passaria pela penitência corporal (jejum).

Shayene conta que sentia culpa por sua atração por mulheres e que pensava que “isso” era coisa do demônio, essas são expressões claras do lugar sombrio que a homossexualidade ocupava na vida de Shayene e como era percebida por sua família e grupo social. A exposição contínua de indivíduos homoeroticamente inclinados às muitas imagens, mensagens e valores negativos da cultura atrelados à homossexualidade pode levar a homofobia internalizada, esse processo é devastador, pois, compromete o processo de formação de uma identidade coesa (BARCELLOS, 2011).

A participante usa a palavra “isso” para denominar sua atração por mulheres ou sua homossexualidade, “isso” é um pronome que, nesse caso, referencia coisa ou objeto. É clara a distância que Shayene tentava estabelecer entre si mesma e uma possível homossexualidade, afinal, trata essa expressão da sexualidade humana como um objeto e como algo distante de si. O uso da palavra “isso”, a autopenitência (jejuar) e a associação entre homossexualidade e possessão demoníaca podem ser considerados como sinais de homofobia internalizada.

Shayene considera que nunca se sentiu atraída por homens e que, assim como a primeira entrevistada, seu namoro com um homem foi uma tentativa de se “forçar a gostar de homem” (S.) ou de se enquadrar no padrão heteronormativo que dela era esperado pela família e cultura, afinal, quando percebeu que estava gostando de sua amiga conta que começou a sentir culpa, que estava errada e fazendo algo errado. Não é de se surpreender que Shayene pensou que estava fazendo algo errado por ter se interessado por uma mulher, afinal, nossa sociedade heteronormativa nos ensinou assim, ao mesmo tempo que colocou a homossexualidade como patológica, desviante, amoral e como pecado.

Tentar namorar um homem pode ser entendido como uma expressão de homofobia internalizada e uma forma de se encaixar no padrão normativo social, o que aprisionou Shayene a uma persona heterossexual falsa e limitante. A maior proximidade com os estudos e o interesse reduzido de socializar, somado a dificuldade de estabelecer relações podem ser sintoma do lugar que a sexualidade ocupa em nossa sociedade, como algo que deve ser controlado, mas também podem ser uma expressão do lugar que a igreja coloca a sexualidade e o corpo, como algo perigoso que se deve ter distância até o casamento, esse é claro, entre um homem e uma mulher.

Shayene namorou seu amigo por dois anos, depois separaram e voltaram a namorar por mais um ano, terminando o relacionamento quando a entrevistada entrou para a faculdade em 2015. Ela conta que durante todo o relacionamento se sentia estranha e ficava de forma obsessiva se perguntando se realmente gostava dele ou se apenas estava tentando provar algo para si mesma. A entrevistada apresentou dificuldade de descrever e elaborar o que sentia durante seu relacionamento, mas o que prevalece é a sensação de que algo não se encaixava, o que a deixava confusa e em um estado de autovigilância constante. Isto pode ser interpretado como a expressão de uma persona mal adaptada que não combinava com a verdadeira movimentação do Eros de Shayene.

Durante o relato a entrevistada estava apreensiva com a possibilidade de seus pais chegarem em casa e a ouvirem falar sobre sua identidade, em alguns momentos a entrevistada deixou a

conversa e foi checar certos barulhos para certificar-se de que não havia ninguém na casa. A desconfiança e o medo de Shayene de ser ouvida pelos pais podem ser entendidos como expressões da clandestinidade a qual homossexualidade é subjugada, além disso, nos mostra que a homossexualidade para a entrevistada é tida como um segredo, como algo que deve se manter escondido, secreto, clandestino. Sobre a faculdade Shayene revela:

[...] Acho que nessa época eu já estava na faculdade quando a gente terminou [o namoro], era 2015... e acho que entrar na faculdade e conhecer as pessoas que eu conhecia lá foi bem importante para mim no sentido de me assumir para algumas pessoas. Hum... é acho que depois que eu entrei na faculdade que... eu fiquei afim de uma pessoa lá, comentei com a pessoa, só que não era recíproco. (S.)

A entrevistada usou a palavra “pessoa” para falar de um interesse romântico por alguém da faculdade, mesmo esse “alguém” se tratando de uma mulher, como foi esclarecido logo em seguida. A palavra “pessoa” não define o gênero de quem está sendo citado ou exime Shayene de esclarecer o gênero da pessoa por quem se interessou. Será que a participante tem dificuldade de falar claramente que se relaciona com mulheres, sendo a homossexualidade ainda em parte sombria? Ou será que ela não está habituada ou sente medo de falar sobre sua sexualidade com clareza, já que essa tem que ser mantida em segredo dentro de casa?

No entanto, Shayene conta que dessa vez não sentiu culpa por estar interessada por uma mulher, ela deve essa mudança ao seu distanciamento da religião, processo esse que vinha acontecendo há um ano, e a conhecer pessoas no cursinho e na faculdade que não eram religiosas e possuíam outros valores e concepções de mundo. Vemos aqui o importante papel que o ambiente exerce na vida dos sujeitos, a partir do momento que Shayene se afastou de um ambiente que colocava seu amor como pecado e adoecimento e se aproximou de pessoas que tratavam sua sexualidade como algo normal ou aceitável, ela começou a sentir menos culpa por esse amor e passou a se permitir sentir atração por mulheres com menos ou sem culpa.

Segundo Boechat (1997) e Moreira (2015) apesar do lugar sombrio que a homossexualidade ocupa em nossa sociedade, este lugar é culturalmente construído, assim, pode ser desconstruído e reconstruído de novas formas. Essa é a transformação que vemos acontecer com Shayene: se em um primeiro momento o interesse por mulheres era sinônimo de culpa, pecado e punição, depois passou a ser tratado com mais leveza. Isso mostra que: entender a homossexualidade dentro de um quadro de “normalidade” é essencial, não só para os próprios indivíduos homossexuais, mas também para a sociedade (MILLER, 2006).

Shayene sempre sentiu atração por mulheres e diz que sempre teve plena consciência disso, mas foi só aos 19 anos, no primeiro ano da faculdade que ela passou a se entender como uma mulher lésbica. Ela pondera que o ambiente da faculdade teve grande impacto em sua identidade, afinal, conta que sentiu uma abertura muito grande no mundo acadêmico e com seus novos amigos, dizendo: “Eu diria que foi bem nesse comecinho quando eu entrei para a faculdade, hum... Quando eu senti uma abertura maior, do tipo “não vou ser julgada por ser quem eu sou”, e aí eu me senti mais a vontade de me opor ao que me foi ensinado desde pequena” (S.).

A fala da entrevistada reafirma nossa hipótese de que foi criada em um ambiente e em uma cultura extremamente heteronormativa. Mas também nos mostra a importância de um ambiente seguro e acolhedor para o processo de entendimento e aceitação de sua identidade enquanto mulher lésbica.

Pouco tempo depois Shayene contou para seus irmãos sobre seu interesse por mulheres. A irmã da entrevistada foi a primeira pessoa da família a saber, ela conta que sua irmã já havia “comentado” com ela sobre sua identidade lésbica e que por isso também estava confortável de dividir com a irmã seu interesse por mulheres. Já para seu irmão a entrevistada contou sobre sua identidade em um momento de descontração, enquanto ele falava sobre uma menina com quem estava se envolvendo.

Shayene pondera que contar para seus irmãos sobre gostar de mulheres foi tranquilo, afinal de contas sua irmã já havia se assumido como lésbica antes e por isso sabia que seria bem aceita, ademais a entrevistada descreve que ela e seus irmãos têm uma relação muito próxima e de muito cuidado, formando o que ela chama de clã. A entrevistada diz que não teve coragem de contar para seus pais sobre sua identidade. Logo veremos em mais detalhes o porquê disso. Sobre como contou aos amigos da faculdade Shayene revela:

[...] Agora na faculdade foi, que eu me lembre, foi uma pessoa... não! Foram duas pessoas que eu comentei que eu estava afim dessa pesso... Dessa menina. E aí foi bem tranquilo, não senti julgamento e nem nada. E para as outras pessoas eu mais chegava e falava, aliás... eu não chegava e falava, mas quando alguém perguntava a respeito da minha orientação sexual eu já me sentia mais à vontade para falar que eu era lésbica e tal. (S.)

A entrevistada usa novamente a palavra “pessoa” para descrever a mulher por quem estava interessada, não anunciando, em um primeiro momento, o gênero de quem se referia. Nesse momento Shayene conta que não sentia mais tanto o peso da culpa por gostar de uma mulher. Talvez não deixar claro no seu relato que falava de uma mulher seja uma forma de não arcar com o

peso que a identidade lésbica ainda parece ter para ela, ou de não arcar ou se eximir do peso de todos os preconceitos e estereótipos ligados a homossexualidade feminina.

Shayene também revela que só contava sobre sua orientação sexual quando era questionada a respeito, possivelmente mostrando que nesse momento a homossexualidade para ela era algo a ser confessado ou omitido, e não compartilhado. Ao ser perguntada sobre quem foi a primeira pessoa para quem revelou sua identidade homoerótica, Shayene brinca dizendo que foi para ela mesma, mas logo em seguida responde:

[...] Eu realmente não lembro, eu lembro que na época que eu comentei sobre minha orientação sexual... Foi assim, eu lembro que eu comentei com as amigas que eu estava afim de alguém, só que eu não comentei o sexo da pessoa e aí todo mundo ficou... Ficou um grande mistério no ar. Aí depois uma amizade da faculdade veio e falou “eu tô chutando vários nomes masculinos, mas agora eu pensei na possibilidade de ser uma mulher”, aí eu só olhei para cara da pessoa e disse “é isso, tchau”. (S.)

Apesar de Shayene falar em tom de brincadeira, ela considera que se assumiu primeiro para si mesma. Esse foi um passo importantíssimo, pois aceitar e assumir sua identidade, tanto interna como externamente, significa se livrar da persona heterossexual que lhe foi imposta pela sociedade e assumir como parte do eu e de sua personalidade aquilo que foi, possivelmente, deixado na sombra, podendo, iniciar o que Jung e os Junguianos chamam de processo de individuação.

A entrevistada diz que “comentou” com os amigos que estava “afim de alguém”, mais uma vez omitindo o fato de ser uma mulher. É tentador hipotetizar que nesse momento a homossexualidade ainda estava distante e desintegrada à personalidade consciente da entrevistada, no entanto não acredito que esse seja o motivo para o uso de um pronome indefinido.

Ao que parece, Shayene não contou para os amigos unicamente por sua livre iniciativa, mas contou porque foi confrontada e o jeito que ela enuncia isso é feito com pressa e rapidez, “é isso tchau”. Com essa fala parece que a entrevistada não queria se prolongar para falar de sua homossexualidade ou que não queria arcar com o peso de assumir uma identidade lésbica, como se, nesse momento, ela não aguentasse a tensão de sustentar seu homoerotismo.

Apesar de parecer que não queria se demorar ao contar sobre sua identidade para os amigos, Shayene valoriza e entende a importância das reações positivas que recebeu deles, ela conta: “eu me senti muito, muito, muito acolhida e foi muito importante para mim nesse sentido, me sentir acolhida e sentir que eu não sou ‘o estranho’” (S.). A frase “sentir que não sou o estranho” é muito

forte, pois nos reafirma que a entrevistada percebe a posição que a homossexualidade feminina é tida em nossa sociedade, como o avesso, o doentio, o marginal e o transgressor.

Em vários momentos da entrevista Shayene usa “comentei” em vez de “contei” quando fala sobre revelar sua identidade e orientação sexual para as pessoas a sua volta. A palavra “comentar” dá a impressão de ser mais leve ou que esse revelar é mais superficial, isso pode reforçar nossa hipótese de que ela não queria arcar ou suportar o peso da identidade lésbica e os preconceitos a ela ligados, assim como usar “alguém” ao invés de “mulher”, “menina” ou “garota” a exime de arcar explicitamente com uma identidade homoerótica.

Para Shayene se assumir como lésbica foi um alívio, “como tirar um peso das costas”, e a fez se sentir mais à vontade consigo e com os amigos, mais ela mesma: “Eu me senti mais leve, sabe quando você integra uma parte sua que está faltando? Então, eu senti muito isso na época” (S.). Ela conta que nesses primeiros momentos se sentia muito mais a vontade na faculdade, onde era assumida e aceita, do que em casa ou nos outros espaços que frequentava. Afinal, sabia que em casa teria que assumir outro papel: “um papel de uma pessoa que não era bem eu, eu tinha que ser outra Shayene” (S.).

A frase “integrar uma parte sua que esta faltando” é muito interessante e pode ser entendida como um símbolo para a integração da homossexualidade, uma vez sombria, à personalidade consciente e para o início do processo de individuação. Já a fala “assumir um papel de uma pessoa que não era bem eu” é extremamente representativa desse sentimento de inadequação e limitação que uma persona falsa e mal adaptada pode gerar.

A disparidade entre a persona heterossexual que Shayene tinha que bancar dentro de casa e seu mundo interno pode ser entendida como uma cisão psíquica, o que segundo Moreira (2015) pode gerar enormes danos e dificuldades na vida de muitos homossexuais, e que sem a devida ajuda eles podem carregar essa tribulação por toda uma vida. Assim como no caso de Clarisse, é possível apenas imaginar o enorme gasto de energia que era demandando de Shayene para sustentar uma persona heterossexual dentro de casa, o que, possivelmente, debilitava o pleno funcionamento do seu ego em outras áreas da vida.

Sobre sua experiência dentro da família, Shayene conta que sua irmã se assumiu como lésbica para os pais por que não queria que sua identidade e seu relacionamento fossem um segredo, no entanto os pais da entrevistada não reagiram bem à notícia. Assim como a mãe de Clarisse, os

pais de Shayene falaram para sua irmã que a preferiam ver grávida ou morta a saberem que ela era lésbica.

A partir desse dia os pais passaram a tentar controlar a irmã de Shayene, queriam saber com quem ela estava falando a todo o momento, aonde ela ia e queriam ver suas mensagens de texto, apesar de já ser uma mulher adulta. Essa situação fez com que a irmã e os pais dela discutissem sempre, deixando o clima da casa tenso e Shayene insegura. Após sua irmã se assumir, Shayene conta que sua mãe a procurava para desabafar e dizia coisas como: “você acha que isso é certo? Mulher com mulher? Isso e aquilo”, ela conta que ouvia sua mãe em silêncio, afinal, estava do lado da sua irmã, e pensava que nunca iria contar para os pais sobre sua identidade.

Shayene entende que a reação negativa dos seus pais à homossexualidade de sua irmã a afetaram, pois apesar dos comentários homofóbicos não serem diretamente direcionados a ela, eles também lhe diziam respeito. Ela acredita que se estivesse no lugar da irmã não iria conseguir suportar toda a pressão e controle exercidos pelos pais. Ela sente que eles vêem os filhos como uma extensão deles próprios e de suas expectativas, e Shayene tem muito medo de quebrar as expectativas que eles ainda têm dela, em especial a expectativa da heterossexualidade. A entrevistada nunca se vê contando aos pais sobre sua identidade, na verdade, ela se imagina tomando distância da família e apenas mantendo vínculo e contato mais frequente com seus irmãos.

Como fica claro a homossexualidade e a homofobia são complexos culturais atuantes na família de Shayene, afinal a homofobia como um complexo cultural tem em seu centro a repressão da homossexualidade, a intolerância e o desprezo como suas expressões, comportamentos observados no relato da entrevistada. Assim, como no relato de Clarisse sobre sua família, observamos nos pais de Shayene a tentativa de controlar a filha e a expressão de sua sexualidade, esse controle pode ser resultado do processo cultural de dominação pelo qual a sexualidade, em especial a homossexualidade, passou durante a modernidade.

Os comentários da mãe como: “você acha isso certo? Mulher com mulher?” expõem o lugar sombrio, marginal, doentio e imoral que a homossexualidade ocupa no contexto familiar de Shayene. Essas falas também combinam, até certo ponto, com as ideias dos analistas junguianos da primeira geração, afinal, para esses autores o “normal” e o esperado é que a personalidade se desenvolvesse até culminar na heterossexualidade, assim, ela representaria o normal e o padrão, e qualquer desvio modelo significaria de imediato, anormalidade, patologia e desvio (MOREIRA, 2015, p. 35).

Podemos apenas imaginar a tamanha dor de Shayene ao ouvir de sua mãe falas tão violentas e homofóbicas, também só é possível hipotetizar a magnitude da ferida causada. Fica claro que a homofobia não é só adoecedora para os indivíduos que sofrem com seus ataques, ela é prejudicial para toda a sociedade, tornando-se não só uma ferida para indivíduo, mas uma ferida na alma do mundo.

É possível que o desejo de Shayene de se afastar dos pais seja resultado da homofobia familiar e das dores causadas por tamanho ferimento, também se pode pensar que a entrevistada deseja viver uma vida separada dos pais porque imagina que nunca será aceita por eles. Viver distante significa nunca viver a rejeição no plano material, apenas no plano simbólico.

Shayene conta que além dos seus irmãos, apenas um pequeno grupo de primos sabe sobre sua homossexualidade, no entanto, ela conta que se arrepende de ter compartilhado seu “segredo” com uma de suas primas. A entrevistada explica que após uma briga com sua tia, mãe dessa prima, passou a suspeitar que a prima houvesse contado sobre sua sexualidade para a tia e outros familiares. Shayene conta que durante a briga:

[...] Essa minha tia falou “ah você se veste que nem homem e não sei o que” e falou mais um monte de bosta para mim, que eu tinha que cuidar da minha vida e parar de me vestir que nem homem como eu me visto. Aí eu fiquei com muito receio dessa minha prima ter contado alguma coisa para minha tia, para o meu tio. (S.)

A partir do momento que a tia de Shayene fez comentários que a aproximavam do masculino e a comparavam com um homem, nossa entrevistada passou a se preocupar com a possibilidade de sua tia ter descoberto sobre sua homossexualidade. Mas o porquê dessa ligação?

Segundo Boechat (1997) e Moreira (2015), quando estereótipos do “feminino” estão presentes nos homens, do “masculino” estão presentes nas mulheres, e do “homossexual” são percebidos em ambos, são considerados como negativos em nossa cultura. Além disso, nossa sociedade costuma atribuir estereótipos associados ao masculino e a masculinidade às mulheres lésbicas, afinal, vivemos em uma cultura heterocentrada onde relacionamentos heterossexuais são os únicos compatíveis com a moral cristã e burguesa. Assim, quem se interessa por mulheres deve ser um homem, ou no mínimo alguém que se pareça com um.

Aliados a essas ideias começamos a entender melhor por que Shayene ficou tão preocupada com essa fala da tia, ela não só é recheada de estereótipos, mas se realmente envolver a sexualidade da participante como ela suspeita, é também uma fala lesbofóbica. O arrependimento que Shayene

sente por ter contado para sua prima também pode ser pensado como uma expressão de desconfiança que para Barcellos (2011) é sintoma da criação de indivíduos homossexuais em uma cultura homofóbica, afinal, se a eles é ensinado que seu amor é seu inimigo, só restaria a eles, e a este amor, a obscuridade de uma vida clandestina e secreta, perpassada por sentimentos de ambiguidade e desconfiança.

Shayene só se considera próxima dos irmãos, sente-se distante do restante da família e pretende manter essa distância para sua própria segurança. Assim como Rakelly, a entrevistada sente um distanciamento geral de sua família, mas deve tal configuração ao medo de sofrer com o preconceito familiar, afinal, como já dito a homossexualidade e a homofobia são complexos culturais na família de Shayene e, portanto, sombrias.

Essa passagem da entrevista foi especialmente difícil de ser ouvida e analisada, não necessariamente por sua complexidade, mas pela dor que a atravessa e, conseqüentemente, me atravessa também. Shayene se isola da família com medo de sofrer com a rejeição ou abandono caso eles descubram sobre sua orientação sexual, mas de certo modo ela já vive o desamparo e a rejeição internamente, pois revive seus medos e, possivelmente, sofre toda vez que pensa em sua família ou em como seria se eles soubessem sobre sua identidade. Pensar nessa possibilidade é extremamente difícil e dolorido, e não sei se nossa entrevistada se permite pensar sobre isso também.

Imagino que o medo que seus pais e sua família estendida descubram sobre sua identidade não perpassa só o medo da rejeição e do preconceito, mas a possibilidade de cerceamento e controle da liberdade que sua irmã, assumida lésbica, vive. Parece-nos que, ao se assumir para a família, Shayene sofria não só com a tensão interna, mas com uma enorme tensão e pressão externa, situação que ela não deseja.

Assim como na história das duas primeiras entrevistadas, Shayene perdeu uma amiga após revelar seu interesse por mulheres. A entrevistada conta que essa amiga sempre achava que estava recebendo investidas suas e reagia mal a essas situações, mesmo que Shayene não tivesse nenhum interesse por ela, o que a fez se sentir mal e acabou afastando a participante dessa pessoa, outrora sua amiga. Observam-se similaridades com o relato da primeira entrevistada, em especial, sobre a concepção social da mulher lésbica como uma predadora sexual, alguém que está sempre interessado sexualmente em todas as mulheres e não consegue controlar seus instintos ou desejos. Esse é um estereótipo ligado à homossexualidade e uma expressão do preconceito. Muito

provavelmente para essa amiga da entrevistada, a homossexualidade era errônea e doentia, ou seja, sombria.

No entanto, em contraponto as duas primeiras entrevistadas, Shayene entende o processo de formação de identidade enquanto uma mulher lésbica como contínuo. Isso se dá para a entrevistada por que ela entende que não é aceita por parte da sociedade, e essa parte inclui praticamente toda sua família, mas especialmente seus pais. Será que a entrevistada só sentiria que sua identidade está completamente formada se fosse aceita por toda a sociedade? É interessante mencionar que Shayene diz ter dificuldade de falar “sou lésbica”, ela conta que tem receio de se colocar desse modo e que ainda acha um pouco estranho falar “eu sou lésbica”.

Acredito que essa dificuldade de Shayene de enunciar sua homossexualidade contribua para nossa hipótese de que a identidade lésbica e todos os preconceitos e estereótipos que a acompanham ainda são um peso para a entrevistada, deixando-a relutante em bancar por completo tal identidade. Esse receio é compreensível, uma vez que, na sua experiência, a identidade lésbica não está associada apenas a liberdade e a sentir-se mais “si mesma”, mas também a rejeição, já que foi discriminada por sua amiga e sabe que será rejeitada por seus pais se revelar sua identidade.

Como as duas primeiras entrevistadas, Shayene fala sobre a cautela que tem ao contar de sua identidade enquanto uma mulher lésbica, escolhendo com cuidado para quem e como irá contar. Mas diferente de Rakelly que compartilha com todos sua identidade, Shayene diz sempre pensar quem precisa ou não saber sobre sua homossexualidade. Será que nossa entrevistada não sente tanta necessidade que todos saibam sobre sua identidade enquanto uma mulher lésbica porque é uma pessoa e que valoriza mais sua privacidade? Ou será que Shayene tem medo das reações que possa receber ao falar sobre sua homossexualidade? Afinal, nos parece que para ela a homossexualidade não é ainda algo a ser dividido ou compartilhado, mas apenas comentado quando surgem questionamentos a respeito de sua identidade.

Todas as entrevistadas tem consciência do lugar marginal que a homossexualidade feminina ocupa em nossa sociedade e da possibilidade de sofrerem violência ao revelarem sua identidade, afinal, o Brasil é o país com o maior número de crimes contra a população LGBT (dados do GGB)²⁸.

²⁸ Disponível em: < <https://grupogaydabahia.files.wordpress.com/2019/01/relat%C3%B3rio-de-crimes-contra-lgbt-brasil-2018-grupo-gay-da-bahia.pdf> >. Acesso em: 04 mar 2019.

Por saber disso, Shayene só revela sua identidade quando é questionada. Entretanto, por ter o cabelo curto e performar menos feminilidade que nossas duas primeiras entrevistadas, Shayene sente que não precisa revelar sua identidade, afinal, percebe que é algo que as pessoas já suspeitam apenas por sua aparência, assim como a percepção que tem das falas de sua tia. Ela associa tal suspeita aos estereótipos sociais ligados a homossexualidade feminina, assim, socialmente uma mulher lésbica é aquela que performa mais masculinidade, usa roupas tidas como masculinas, tem cabelo curto e uma postura menos passiva em suas relações sociais.

Como já dito, podemos pensar que a entrevistada escolhe não dividir espontaneamente sua identidade porque pode ter a crença de que isso não é algo a ser dividido, mas sim confessado ou mantido em segredo, afinal, cresceu em um ambiente religioso e heteronormativo onde qualquer expressão não heterossexual era vista como antinatural. Outra possibilidade é que a homossexualidade não seja tão central na vida de Shayene quanto é para as outras entrevistadas, essa hipótese é reforçada quando lembramos que no começo da entrevista ela perguntou se teria que falar sobre sua vida apenas voltada para suas experiências homoeróticas.

No entanto, no começo da faculdade Shayene vivia o oposto, ouvia comentários como: “nossa, você não tem cara de ser lésbica, você não parece”. Ela conta que na época tais comentários a deixavam incomodada e furiosa, afinal, eles deslegitimavam e invisibilizavam sua identidade; atualmente Shayene conta que fica tranquila ao receber qualquer tipo de comentário sobre sua aparência, especialmente da sua mãe, que a questiona frequentemente se as pessoas não acham que ela é lésbica por sua aparência.

A pergunta da mãe mostra o lugar sombrio que a homossexualidade ocupa em sua vida e no grupo social ao qual pertence. Podemos hipotetizar que por se sentir hoje mais confortável e certa de sua identidade enquanto uma mulher lésbica, Shayene não sinta mais como ameaçadores comentários que coloquem em questão sua aparência, afinal, a homossexualidade parece que foi integrada a sua personalidade consciente.

Shayene não entende os comentários sobre sua identidade como maldosos, mas como expressão da curiosidade, ela também percebe que na maioria dos espaços que frequenta, ao ser perguntada sobre sua identidade, essa pergunta vem tímida, como se sua orientação sexual fosse um segredo ou é tratada como “aquilo que não deve ser nomeado”. Essa percepção da entrevistada simboliza ou manifesta a crença social de que essa identidade deveria permanecer em segredo, contribuindo para que a homossexualidade feminina continue invisível em nossa cultura.

Ao contrário das experiências das duas primeiras entrevistadas, Shayene considera que sua identidade enquanto mulher lésbica já estava bem formada antes de beijar uma mulher pela primeira vez, afinal, diz que sempre teve certeza do seu interesse exclusivo por mulheres. Para a entrevistada, hoje ser uma mulher lésbica é algo “normal”, mas ela revela que vive com mais liberdade e menos culpa do que há alguns anos atrás.

Shayene também pensa que gostar de mulheres não é algo que exerça grande impacto na sua vida hoje por que considera que tem uma rede de apoio bem estruturada, segundo a entrevistada sua sexualidade teve um papel mais central na sua vida quando ainda não era assumida para ninguém, explicando: “Era uma coisa [a homossexualidade] que eu evitava e que para mim não fazia parte de mim, e que eu tinha que tirar de mim a qualquer custo. Então eu me sentia muito culpada por causa disso” (S.).

Sentir-se “normal” é sentir-se comum, regular e remete a uma transformação do que significa ser uma mulher lésbica para a entrevistada. Também revela que o sentimento de estranhamento que acompanhava Shayene durante seu relacionamento com um homem e o medo de ser “o estranho” é substituído pelo sentimento de conformidade.

A frase “Era uma coisa que eu evitava e que para mim não fazia parte de mim” (S.) é muito marcante, e pode ser entendida como um símbolo do lugar sombrio que a homossexualidade costumava ocupar na vida da entrevistada. Assim, temos certeza que entender-se e aceitar-se enquanto homossexual e assumir tal identidade, significa se livrar da persona heterossexual imposta e assumir como parte do eu e de sua personalidade aquilo que foi, provavelmente, deixado na sombra (HOPCKE, 1993). Esse podendo ser o primeiro passo em direção ao desenvolvimento da personalidade (Ibidem, 1993).

Ao ser perguntada sobre se e como se entender enquanto uma mulher lésbica transformou sua relação com o feminino e com ser mulher, Shayene responde que passou a ter uma pensamento mais crítico sobre o conceito de feminilidade e sobre o que se espera socialmente de uma mulher após se assumir como lésbica. Ela conta:

[...] É por que eu acho que foi aparecendo muito um estereótipo de o que é ser mulher hétero, uma diferenciação sabe? Do que é ser mulher hétero e do que é ser mulher lésbica, [...]. No sentido de me marcar muito essa fala de “ah você não parece ser lésbica”, e aí eu me pergunto “tem algum estereótipo que transforma a mulher hetero em lésbica?”, “o que é ser mulher?”, “eu deixo de ser mulher a partir do momento que sou lésbica? Não”, “e qual é esse estereótipo que diferencia uma mulher hétero de uma mulher lésbica? Ou bi?”. Eu acho que eu fiquei pensando muito nesses sentidos de “será que a orientação sexual muda o gênero?” como as pessoas costumam colocar, sei lá. Como se ser lésbica me aproximasse mais de um estereótipo mais masculino ou mais feminino. (S.)

Aqui Shayene está conversando diretamente com as ideias de Boechat (1997) e Moreira (2015) sobre como estereótipos do masculino quando encontrados em mulheres são vistos como negativos, e colocam automaticamente em questão sua sexualidade e seu gênero. Segundo os autores, para a nossa sociedade as mulheres deveriam ser exclusivamente femininas e heterossexuais.

Assim como Rakelly e Clarisse, Shayene passou a ter um pensamento mais crítico a respeito da concepção social de feminino e do que é ser mulher, essa transformação é muito bonita e significativa. Parece que as entrevistadas, ao integrar a homossexualidade a personalidade consciente, se permitiram entrar em contato consigo mesmas de uma forma profunda, permitiram-se ficar vulneráveis para o contato com o próprio mundo interno, ao mesmo tempo em que confrontam as concepções sociais sobre o feminino e o papel atribuído a mulher.

Para a entrevistada o feminino e a feminilidade estão rodeados por estereótipos impostos socialmente, ou seja, a mulher feminina é aquela que tem cabelos longos, usa maquiagem, brincos, aparenta mais sensibilidade e fragilidade, e, por fim, tem um comportamento mais “passivo” ou dócil em suas relações sociais. Já a “mulher masculina” ou que performa mais masculinidade para Shayene é aquela que se distancia dos estereótipos impostos ao feminino e as mulheres, como ter cabelo curto e usar roupas mais largas, mas para a entrevistada, é especialmente, aquela mulher que impõe e manifesta seus desejos e ideias.

Fica claro que Shayene é consciente dos estereótipos e normas de comportamento impostas às mulheres, assim como percebe os estigmas que acompanham mulheres que não se encaixam nesse padrão, seja por serem homossexuais e/ ou por performarem menos feminilidade. Ela também tem a impressão de que socialmente se espera dela ser lésbica já que performa menos feminilidade, assim, como se espera a heterossexualidade de uma mulher que performa mais feminilidade.

No entanto, nossa entrevistada não acredita que ser lésbica a aproxime mais do masculino ou do feminino. Se pensarmos estes como pólos de um espectro, Shayene acredita que não se encaixa em nenhuma das extremidades, e sim que mistura elementos atribuídos ao masculino e ao feminino, dizendo: “[...] Eu acho que eu gosto de variar, não sei se eu consigo. Não sei, às vezes eu gosto de usar batom ou um brinco grandão bonito, usar vestido e essas coisas e... E outras vezes não. Misturando elementos de feminilidade e masculinidade quase.” (S.).

Essa fala da entrevistada é interessante, pois difere do discurso de Rakelly e Clarisse. As primeiras duas entrevistadas se colocam como performando mais feminilidade, enquanto Shayene

diz misturar “elementos femininos e masculinos” ou que, pelo menos, busca um equilíbrio entre essas possíveis expressões. Talvez aqui possamos estabelecer uma relação entre a posição da terceira entrevistada e a teorização de Singer (1991) sobre a androgenia. Como foi dito ao longo deste trabalho, Singer (1991) parte da ideia de que somos homens ou mulheres e que a sexualidade é inerente à natureza, e que com base nessa suposta segurança a sociedade estabeleceu diferenças sociais e as justificou, atribuindo juízos de valor diferentes para homens e mulheres, como se eles fossem absolutamente opostos, quando na verdade são complementares (MOREIRA, 2015, p. 37).

Fundamentada nessa ideia de complementaridade, Singer (1991, p. 27) apresenta a androginia como um estado indiferenciado que antecede qualquer separação, como um estado de consonância que contém o masculino e o feminino; desse modo, a androgenia seria para a autora uma forma ou posição capaz de juntar os aspectos “femininos” e “masculinos” presentes em todos os seres humanos. Se cada indivíduo possuísse uma variedade de tendências e aptidões psicológicas que se enquadram tanto na categoria “masculino” como na categoria “feminino”, pouco importa saber qual aspecto é mais dominante em qual indivíduo, o que interessa é questionar como esses aspectos “masculinos” e “femininos” se relacionam internamente na vida de cada sujeito (MOREIRA, 2015, p. 37).

Dito isso, parece que das três entrevistadas é Shayene quem mais se aproxima e dialoga com as ideias de Singer (1991) a respeito da androgenia e da performatividade de gênero e sexualidade. Uma possível hipótese é que esse diálogo começou com a reflexão da entrevistada sobre sua performance de gênero e seus impactos na percepção social de sua sexualidade, afinal, entre as entrevistadas é Shayene quem parece receber comentários mais críticos e agressivos sobre sua aparência.

Shayene sente que a sociedade espera dela como mulher não só a heterossexualidade, mas também a feminilidade, afinal, para nossa cultura esses dois conceitos andam juntos. Assim, ela parece sentir que se espera dela a adequação às normas de gênero e comportamento, e não o diálogo e a ruptura como ela faz.

Ao ser perguntada sobre o que percebe que a sociedade espera dela como uma mulher lésbica, Shayene disse que não sabia responder essa pergunta e mudou rapidamente de assunto. Em alguns momentos da entrevista ela parecia defendida, certas vezes disse que não sabia responder algumas perguntas ou que as deixaria para o seu inconsciente, dando risada logo depois do comentário. Uma possível hipótese é a de que certas perguntas causaram desconforto ou angústia na entrevistada, afinal, tocam assuntos muito pessoais e delicados. Nesses momentos a entrevistada

parecia não aguentar a tensão interna que esses questionamentos lhe causavam, defendendo-se desses conteúdos e escapando da pergunta dizendo que não sabia responde-la.

Antes de se assumir como uma mulher lésbica, Shayene se descreveria como uma pessoa contida, ela pondera que melhorou muito nesse aspecto, mas que ainda deixa de colocar sua opinião em certos momentos ou deixa de assumir uma posição que considera mais agressiva por medo da reação das pessoas a sua volta. A entrevistada diz ter medo de ser julgada por sua “masculinidade”, e que tem medo de ser comparada negativamente a um homem, tanto por seu comportamento quanto por sua aparência.

A descrição como uma pessoa mais contida antes de se assumir lésbica aponta para a hipótese de que Shayene era constrangida por uma persona heterossexual falsa. Já o medo de ser julgada por sua personalidade e de ser comparada a um homem nos reafirmam que a entrevistada é consciente do lugar marginal e de desvaler que as mulheres lésbicas, ainda mais aquelas que performam menos feminilidade, ocupam em nossa sociedade, afinal não só são homossexuais como também não se encaixam no padrão de feminilidade que lhes é imposto, indo contra duas imposições.

Além de se descrever atualmente como menos contida, Shayene sente que pode ser um pouco mais ela mesma, explicando que consegue se expressar e mostrar quem é verdadeiramente e com menos medo do que antes. A entrevistada é consciente de sua própria transformação e esse é um movimento muito bonito e importante para ela. Integrar à homossexualidade a personalidade consciente trouxe a ela um sentimento de completude e de estar vivendo com mais autenticidade. Shayene transformou sua percepção a respeito da sua identidade, se antes era “coisa do demônio” e motivo de penitências, agora é o que a possibilitou viver com mais autenticidade e liberdade, fazendo dela protagonista de sua própria história.

Ao final, foi pedido que Shayene elencasse alguns de seus defeitos e qualidades. A entrevistada descreveu como qualidade seu bom humor e, com muito esforço, disse que era muito irritadiça e que isso lhe dava a impressão de ter pouco controle sobre si mesma, coisa que ela não gosta. Shayene não quis falar mais de uma característica e disse ter dificuldade de falar sobre o que considera serem seus defeitos.

Ela também disse não ver relação direta entre o que apontou como qualidades e defeitos com sua história pessoal, ao ser perguntada se haveria alguma ligação indireta Shayene respondeu que deixaria esse questionamento para seu inconsciente e a entrevista foi encerrada. A entrevistada teve

muita dificuldade de elencar suas qualidades e defeitos, usando muitas vezes o humor para disfarçar seu desconforto. Essa dificuldade pode ser interpretada como sinal de uma auto-imagem negativa, essa hipótese não parece remota quando lembramos que a entrevistada cresceu em um ambiente e uma cultura que diziam que seu amor, expressão e aparência são errados ou inaceitáveis.

CAPÍTULO 6: CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo principal dessa pesquisa foi investigar como mulheres homoafetivas entendem o processo de autoaceitação de sua sexualidade e de formação de sua identidade como “mulher lésbica” a partir de um mapeamento do sentido e da construção da identidade lésbica por essas mulheres. E como objetivo específico: compreender se havia e quais eram as diferenças e similaridades entre as jovens mulheres lésbicas no processo de autoaceitação de sua sexualidade e formação de uma identidade como “mulher lésbica”.

A partir da análise de cada entrevista percebemos que as três participantes cresceram em ambientes extremamente heteronormativos. Rakelly e Shayene também contam que foram criadas em contextos familiares e/ ou educacionais muito religiosos, já Clarisse não. No entanto, todas descrevem suas famílias como tradicionais e/ou conservadoras. Assim, ao longo das análises percebemos que homossexualidade e a homofobia eram complexos culturais atuantes nas famílias das três entrevistadas. Shayene é a única das entrevistadas que não se assumiu para toda a família e nem pretende fazê-lo.

Clarisse e Rakelly começaram a explorar o campo da sexualidade mais cedo do que nossa terceira entrevistada; no entanto, Shayene foi a única que nunca teve dúvidas sobre sua atração exclusiva por mulheres. Mas isso não fez com que ela não se relacionasse com homens, assim como as duas primeiras entrevistadas. Rakelly e Shayene começaram a namorar homens como uma tentativa de conversão à heterossexualidade, já Clarisse se entendia como bissexual e se envolver com rapazes também era uma forma de acalmar a mãe e escapar do seu controle.

Enquanto se relacionavam com homens, todas as entrevistadas descrevem que se sentiam confusas, perdidas ou estranhas, como se algo não estivesse certo ou se encaixando. Concluimos que as três entrevistadas assumiram personas falsas para tentarem se adequar as cobranças sociais e familiares heteronormativas: Shayene se dizia heterossexual enquanto Rakelly e Clarisse se entendiam como bissexuais.

Todas as entrevistadas se assumiram enquanto estavam na faculdade, ao passo que Clarisse sentiu pressão para se adequar à heteronormatividade nesse ambiente; Shayene viveu o oposto, dentro da faculdade se sentiu livre para expressar sua verdadeira identidade. As três entrevistadas perderam amigas ou colegas quando se assumiram enquanto lésbicas, e todas reafirmam a importância de terem sido aceitas e acolhidas por amigos e/ou irmãos.

Em algum momento as três entrevistadas mantiveram seus relacionamentos homoafetivos ou o interesse por mulheres como um segredo, vivendo uma espécie de clandestinidade. Enquanto Clarisse e Rakelly saíam escondidas com mulheres, Shayene se esforça para que sua família, em especial seus pais, não descubra sua identidade. Tal configuração nos reafirma que as entrevistadas passaram pelo que chamamos de uma cisão entre o mundo interno e suas personas.

Quando se assumiram, todas as entrevistadas disseram que passaram a se sentir mais livres e autênticas, mesmo que não tenham sido totalmente aceitas em um primeiro momento. Mas, diferente de Clarisse e Rakelly, a palavra lésbica e, provavelmente, essa identidade, ainda é um peso para Shayene.

As mães de Clarisse e Shayene disseram que preferiam saber que as filhas estavam mortas a saber que eram lésbicas, mas Clarisse é a única das entrevistadas que se considera próxima dos pais. As famílias de Rakelly e Clarisse pensam ou pensavam a identidade homossexualidade como algo que pode desandar ou descarrilhar a vida das entrevistadas, mesmo percebendo que elas estão mais felizes atualmente. No discurso de Shayene essa associação não fica tão clara, mas a tentativa da mãe de controlar a irmã assumida lésbica pode ser uma tentativa não só de constranger a liberdade da filha, mas de impedir que ela “se perca” ou “estrague sua vida”.

Rakelly, Clarisse e Shayene passaram a ter um pensamento mais crítico sobre o feminino e sobre que significa para elas ser mulher depois de se entenderem e se assumirem enquanto lésbicas. Todas acreditam que, de algum modo, vão contra as normas e imposições sociais, não só por serem mulheres lésbicas em uma sociedade heteronormativa, androcêntrica e machista, mas por quebrarem com estereótipos relacionados ao gênero e a sexualidade. Rakelly vai contra a imposição patriarcal de que mulheres devem se depilar, já Shayene quebra com esses estereótipos ao performar menos feminilidade e misturar elementos “masculinos” e “femininos” no seu visual.

Sobre estereótipos ligados à homossexualidade feminina, Shayene sofre por performar menos feminilidade do que as outras duas entrevistadas, já Rakelly e Clarisse contam que são obrigadas a ouvir comentários preconceituosos que dizem que elas são “bonitas demais” para serem lésbicas. Clarisse foi a única entrevistada que falou explicitamente sobre experiências em que sentiu que estava sendo sexualizada e fetichizada por ser lésbica, mas, como já dito, podemos hipotetizar que a proposta de vingança do namorado feita pela amiga de Shayene pode ser entendida como uma fetichização da homossexualidade feminina e da identidade da terceira entrevistada.

Por fim, todas as participantes passaram por um processo de transformação muito bonito e importante para suas vidas. Elas não só mudaram como viam e viviam a homossexualidade, uma vez sombria, mas transformaram a si mesmas neste processo.

Apesar das entrevistas terem muitos pontos congruentes, elas são extremamente subjetivas e não podem ser usadas como modelo para estabelecer qual é a experiência da mulher homossexual no Brasil. No entanto, acho que podemos concordar que se entender e se assumir enquanto uma mulher lésbica em nossa sociedade envolveu muita tensão interna e externa para todas as entrevistadas, e imagino que isso se repita na história de outras mulheres lésbicas.

A tensão interna descrita e vivenciada por todas as entrevistadas pode ser pensada como a expressão da homofobia internalizada, que seria o medo, a aversão e o ódio do indivíduo homoeroticamente inclinado para consigo mesmo, e é uma das consequências da condição sombria da homossexualidade e de suas expressões em nossa sociedade. Desse modo, a homofobia internalizada pode ser entendida como um complexo cultural mais o menos atuante na vida das três entrevistadas, tendo em seu coração o sentimento de autodesprezo.

Traçados os paralelos entre as entrevistas percebemos que, apesar de serem muitos, não podemos falar em homossexualidade feminina no singular, mas só é possível falar dessa expressão do Eros e da sexualidade humana no plural, pois cada indivíduo vive e significa essa experiência de forma singular. Ao final, fica claro que nesse trabalho não estamos falando sobre “a homossexualidade feminina”, e sim sobre homossexualidades femininas.

Traçando relações com a teoria, percebo que todas as entrevistadas entendem e vivem o lugar de invisibilização da mulher lésbica em nossa sociedade, não só porque vivemos em um contexto onde somente o homem é valorizado, mas porque dentro de tal contexto nossas entrevistadas quebram com o que se espera de uma mulher, como afirma Toledo (2008). Assim, Rakelly, Clarisse e Shayene desejam e se relacionam com outras mulheres, rejeitando a imposição de que as mulheres e seu desejo deveriam estar apenas a serviço do homem, do casamento e da maternidade.

Ficou claro que a descoberta e a aceitação da própria homossexualidade constitui-se como um marco importante no desenvolvimento da personalidade da vida de cada entrevistada, como defende Hopcke (1993). Para o autor, é possível que este primeiro momento de entendimento e aceitação da sexualidade se constitua como o primeiro passo em direção ao desenvolvimento e estabelecimento de uma personalidade própria, ou seja, em direção ao que Jung e muitos pós-junguianos chamaram de processo de individuação. Vemos esse processo acontecer com todas as

entrevistadas, mas ele talvez seja mais nítido com Clarisse, afinal, ela afirma que a partir do momento que começou a se relacionar com sua ex-namorada e se entendeu enquanto uma mulher lésbica, percebeu que tinha que buscar e investir na sua própria felicidade e não na de seus pais. Mostrando-nos que a entrevistada começou a se distanciar das expectativas dos pais e passou a buscar o seu próprio caminho, tornando-se protagonista de sua própria história.

Entretanto, como ficou evidente, esse caminho não é simples e tampouco fácil. Para as entrevistadas, ao se assumirem e entenderem-se enquanto lésbicas, vivenciaram uma enorme tensão interna e externa, que muitas vezes não foi suportada, fazendo com que as entrevistadas voltassem a se relacionar com homens, mantivessem suas identidades em segredo, tentassem se forçar à heterossexualidade e apresentassem, durante a entrevista, dificuldade de falar sobre certos temas.

Esse processo de se entender e de se assumir enquanto uma mulher lésbica foi tão difícil para as participantes por que, como defende Hopcke (1993), entender-se enquanto homossexual em uma sociedade heteronormativa significa contrariar as expectativas coletivas impostas, e os papéis social e sexual determinados pela sociedade, pela família e instituições. Nossas entrevistadas se viram presas em personas heterossexuais ou bissexuais que, segundo o autor supracitado, distorciam a verdadeira movimentação do Eros, fazendo com que a verdadeira identidade das entrevistadas permanecesse escondida e constrangida.

Por fim, é incontestável que foram observados complexos culturais no relato e na vida de cada participante. A homossexualidade e a homofobia enquanto complexos culturais foram encontrados nas famílias de todas as entrevistadas. Já expressões da homofobia internalizada enquanto um complexo cultural foram observadas nos relatos e experiências das três participantes.

Como foi dito anteriormente, além do meu objetivo, que é compreender a homossexualidade feminina através de um olhar junguiano, minha expectativa com esse trabalho era que ele pudesse contribuir para um entendimento mais profundo e particular do lugar que ocupa a identidade lésbica na sexualidade e experiência de vida de cada mulher. Assim, apesar de algumas surpresas e contratempos, e a partir dessa breve exposição, considero que meus objetivos e expectativas com a pesquisa foram cumpridos.

Para não me estender mais, discutirei agora quais foram minhas conclusões ao final deste trabalho. Acredito que apesar de algumas falas infelizes e hipóteses reducionistas sobre a homossexualidade e sobre determinismos de gênero, elaboradas por Jung e pelos junguianos da primeira geração, a psicologia analítica mantém uma postura muito interessante e, por vezes,

distinta de outras escolas: a defesa da total falta de sentido e coerência de se classificar pessoas de forma rígida, a exemplo disso, podemos pensar nas classificações entre hetero e homossexuais.

Jung foi um homem distinto para o seu tempo que apresentou ideias bastante inovadoras, podendo ser consideradas como liberais, principalmente a respeito da homossexualidade. Ele nos lembra que ao tentarmos encaixar pessoas em conceitos rígidos de homossexualidade e heterossexualidade, nos prendemos a algo que tem pouca importância, afinal, nossa busca é sobre compreender a dinâmica psíquica de cada indivíduo e a relação entre os diversos componentes de sua personalidade. Essa postura é a única possível, afinal, não faria sentido tomar como base o conceito de processo de individuação se não deixamos os indivíduos livres para seguir seus próprios caminhos.

Essa ideia combina muito com o que é fortemente defendido pela psicologia social, por Foucault e pelos pós Junguianos da segunda e terceira geração, uma vez que estes se opõem ao reducionismo de buscar uma única explicação para a sexualidade humana. A partir do momento que passamos a entender os sujeitos como históricos, passamos a considerar a complexidade e o caráter relacional que perpassa sua existência e experiência no mundo. Desse modo, automaticamente nos contrapomos ao reducionismo explicativo que busca uma causa única e/ou endógena para a homossexualidade, postura muitas vezes encontrada nas hipóteses de Jung e dos junguianos da primeira geração.

Desse modo, concluo que a Psicologia Analítica deve continuar caminhando para um olhar que englobe fatores históricos, sociais e ambientais, sem é claro, perder suas raízes introspectivas. Não se atendo, assim, exclusivamente a hipóteses teóricas que excluam o pluralismo das experiências humanas.

REFERÊNCIAS:

ARAUJO, F. R. R. da S. *Passagem perigosa: a construção da identidade de jovens em situação de vulnerabilidade social - uma perspectiva da psicologia analítica*. 2010. 198 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

BARCELLOS, G. O amor entre parceiros do mesmo sexo e a grande tragédia da homofobia. In: SALLES, C. A. C.; MELLO, Jussara M. de F. C. e. **Estudos sobre a homossexualidade: debates junguianos**. 1. ed. São Paulo: Vetor, 2011. cap. 4, p. 65-86.

BEEBE, J. A clinical encounter with a cultural complex. In: SINGER e KIMBLES (org.). **The cultural complex: Contemporary Jungian perspectives on psyche and society**. New York, Ny: Brunner-Routledge. cap. 15, p. 223-236.

BOECHAT, W. Confusão de gênero e identidade masculina. In: _____ (org.). **O masculino em questão**. Petrópolis: Vozes, 1997.

BREMER, J. (org.). **De Safo a Sade. Momentos da História da Sexualidade**. Campinas: Papirus, 1995.

COSTA, J. F. A inocência e o vício. Relume Dumará, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 1, p. 37-59, 1992. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/physis/v2n1/02.pdf>>. Acesso em: 12 mar 2020.

DA SILVA, C. G. Semana 5 Saúde, sexualidade e reprodução - Orientação sexual, identidades sexuais e identidade de gênero. Unidade 2 - Saúde, sexualidade e reprodução. Universidade Federal de São Paulo, 2016. Disponível em: <<http://repositorio.unifesp.br/bitstream/handle/11600/39169/COMFOR-GDE-Mod3.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 24 abr 2019

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. - **Handbook of qualitative research**. London: Sage Publication, 1994.

_____. **Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa**. In: _____. (Org.) DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. Planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens. Porto Alegre: Artmed, 2006, p. 15-42.

FERREIRA, C. A. *Complexos Corporativos: os complexos culturais em ambientes de trabalho*. 2010. 90 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

GARCIA, C. C. Introdução- O que é o feminino? *In: Breve história do feminismo*. 3 ed. São Paulo: Claridade, 2015.

GRUPO GAY DA BAHIA (GGB): Relatório de Crimes Contra LGBTs de 2018. Disponível em: <<https://grupogaydabahia.files.wordpress.com/2019/01/relat%C3%B3rio-de-crimes-contralgbt-brasil-2018-grupo-gay-da-bahia.pdf>>. Acesso em: 04 mar 2019.

GUBA, E.; LINCOLN, Y. Competing paradigms in qualitative research. *In: DENZIN, N.; LINCOLN, Y. Handbook of Qualitative Research*. Thousand Oaks: SAGE Publications, 1994. p. 105-117.

HIME, F.A. *A biografia feminina e a história das relações amorosas: o vôo da fênix*. 2004. Tese de Doutorado – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.

HOPCKE, R. H. **Jung, junguianos e a homossexualidade**. São Paulo: Siciliano, 1993.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Síntese de Indicadores Sociais: Uma Análise das Condições de Vida da População Brasileira 2016**. Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv98965.pdf>>. Acesso em: 02. Out 2019.

JACOBI, J. A case of homosexuality. *The Journal of Analytical Psychology*. v. 14, p. 48-64. 1969.

_____. **Complexo, arquétipo e símbolo**. 9 ed. São Paulo: Cultrix, 1957.

JUDSON, O. **Consultório sexual da Dra. Tatiana para toda a criação**. São Paulo: Imago, 2003.

JUNG, C. G. **A natureza da psique**. In: Obras completas de C. G. Jung v. 8/2. Petrópolis: Vozes, 2018.

_____. **Civilização em transição**. In: Obras completas de C. G. Jung v. 10/3. Petrópolis: Vozes, 2018.

_____. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. In: Obras completas de C. G. Jung v. 9/1. Petrópolis: Vozes, 2016.

_____. **Psicologia do inconsciente**. In: Obras completas de C. G. Jung v. 7/1. Petrópolis: Vozes, 2018.

_____. **Tipos psicológicos**. In: Obras completas de C. G. Jung v. 6. Petrópolis: Vozes, 2019.

LARDINOIS, A. Safo Lésbica e Safo de Lesbos. In: BREMMER, J. (org). **De Safo a Sade – Momentos na História da Sexualidade**. Campinas: Papirus, 1995. p.07-50.

LAQUEUR, T. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LINGIARDI, V. Ars erótica ou scientia sexualis?: análise e o amor pelo mesmo sexo. In: SALLES, C. A. C.; MELLO, J. M. de F. C. e. **Estudos sobre a homossexualidade: debates junguianos**. São Paulo: Vetor, 2011. p. 65-86.

LÓPEZ-PEDRAZA, R. **Hermes e seus filhos**. São Paulo: Paulus, 1991.

LUDKE, M. e ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: E.P.U, 1986.

MENEZES, A. B. de C.; BRITO, R. C. S.. Reflexão sobre a homossexualidade como subproduto da evolução do prazer. *Psicol. estud.*, Maringá , v. 12, n. 1, p. 133-139, Abr. 2007 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722007000100016&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 11 Jan 2020.

MILLER, B. The analysis of the pursuit of meaning. *Journal of Analytical Psychology*, v. 53, n. 3, p.381-399, 2006.

_____. Expressions of homosexuality and the perspective of analytical psychology. *Journal of Analytical Psychology*, v. 55, n. XX, p. 112-124, 2010.

MOON, S. M. Family therapy and qualitative research. *Journal of marital and family therapy*, v. 16 n.4, p. 357-373, 1990.

MOREIRA, A. S. *Metamorfose da Alma: visões do processo de envelhecimento homossexual masculino*. 2015. 180 f. Tese de Doutorado - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.

_____. Compreensão arquetípica da homossexualidade. *JUNGUIANA*, São Paulo, v. 33, p. 13-21, 2015.

PENNA, E. M. D. **Epistemologia e método na obra de C.G. Jung**. São Paulo: EDUC, 2013.

RESOLUÇÃO Nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html>. Acesso em: 17 set 2019

RESOLUÇÃO Nº 001/99, de 22 de março de 1999. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/1999/03/resolucao1999_1.pdf>. Acesso em: 20 jun 2020.

SALLES, C. A. C. **Individuação: o homem e suas relações com o trabalho, o amor e o conhecimento**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

SAMUELS, A. Além do princípio feminino. In: **A Psique Plural: Personalidade, Moralidade e o Pai**. Rio de Janeiro: Imago, 1992. p. 119 - 135.

SINGER, J. **Androginia: rumo a uma nova teoria da sexualidade**. São Paulo: Cultrix, 1991.

SINGER, T. e KIMBLES, S. L. **The Cultural Complex: Contemporary Jungian Perspectives on Psyche and Society**. New York: Brunner-Routledge, 2004.

STEIN, M. **Jung o mapa da alma: uma introdução**. São Paulo: Cultrix, 2004.

TOLEDO, L. G. *Estigmas e estereótipos sobre as lesbianidades e suas influências nas narrativas de histórias de vida de lésbicas residentes em uma cidade do interior paulista*. 2008. 234 f. Dissertação de mestrado - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Assis, 2008. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/97601>>. Acesso em: 05 mar 2019.

ULLMANN, R. A. **Amor e sexo na Grécia Antiga**. Porto Alegre: Edipucrs, 2005.

VON FRANZ, M. **Puer arternus: a luta do adulto contra o paraíso da infância**. São Paulo: Paulinas, 1992.

WHITMONT, E. C. Persona: Máscara que Usamos para o Jogo da Vida. *In*: DOWNING, C. (org.). **Espelhos do Self: As Imagens Arquetípicas que Moldam a sua Vida**. São Paulo: Cultrix, 1994. p. 226.

ZWEIG, C., ABRAMS, J. **Ao encontro da Sombra**. São Paulo: Cultrix, 1994.

ANEXOS:**1.****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Resoluções CNS/MS nº 466/2012 e CNS/MS nº 510/2016 – Conselho Nacional de Saúde

A sra foi selecionada e está sendo convidada para participar da pesquisa intitulada: “Mulheres Lésbicas: Uma identidade à Sombra: Um estudo segundo a Psicologia Analítica”, realizada pela aluna da graduação Maia Camila Lyra Schamó, sob a coordenação do Prof. Dr. Guilherme Scandiucci, docente do Departamento de Psicodinâmica da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Esta pesquisa tem como objetivo: investigar como mulheres homoafetivas entendem o processo de auto-aceitação de sua sexualidade e de formação de sua identidade como “mulher lésbica” a partir de um mapeamento do sentido subjetivo dessa experiência e da construção da identidade lésbica por essas mulheres.

As participantes da pesquisa serão 3 mulheres com idades 18 à 30 anos que se identificam como lésbicas/ homossexuais. Serão realizadas entrevistas com tempo estimado de 90 minutos com essas participantes, visando compreender o processo de auto-aceitação de sua sexualidade e de formação de sua identidade como “mulher lésbica”. Estes procedimentos serão realizados prioritariamente em um ambiente neutro, silencioso e privado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, contemplando todos os aspectos de sigilo e de proteção do material obtido. No entanto, será deixada aberta a possibilidade das participantes decidirem um local de sua preferência, desde que este respeite todos os aspectos de sigilo e de proteção do material obtido.

Informo que sua participação na pesquisa é voluntária e que a decisão de desistir poderá ser feita a qualquer momento, sem necessidade de explicações. Outros esclarecimentos também poderão ser solicitados sempre que você julgar necessário. Caso haja desistência da sua participação, afirmo que nenhuma informação por você fornecida será utilizada na pesquisa.

Os dados coletados serão utilizados apenas NESTA pesquisa e os resultados deste estudo poderão ser publicados pela Biblioteca Nadir Kfoury, da PUCSP, seu uso será apenas no âmbito acadêmico, mas seu nome não aparecerá nesta publicação. Afirmo que será mantido o mais rigoroso sigilo quanto às informações que possam identificá-la. Quando a pesquisa estiver pronta, me

comprometo a entrar em contato para conversarmos sobre os resultados, se isto for de seu interesse. A entrevista será gravada em áudio para posterior transcrição.

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), que tem, entre outras missões, o papel de garantir e salvaguardar os direitos dos participantes e voluntários de pesquisas realizadas no âmbito acadêmico. O Comitê tem sua sede no andar térreo do Edifício Reitor Bandeira de Mello, na sala 63-C, na Rua Ministro Godói, 969 - Perdizes - São Paulo-SP. Informações para contato do Comitê de Ética caso seja necessário ou para eventuais dúvidas: Tel./FAX: (11) 3670-8466; e-mail: cometica@pucsp.br; horário de funcionamento: de segunda-feira à sexta-feira das 9h às 18h.

Esclareço que os possíveis riscos implicados na presente pesquisa podem estar relacionados ao seu desconforto quanto a algum tema abordado nas entrevistas. Ressalto que você terá a liberdade de recusar a proposta sem nenhum problema. E se no momento em que a aluna-pesquisadora estiver no processo de pesquisa e algo incomodá-la, por favor fique à vontade para expressar sua opinião diretamente comigo e, caso sinta necessidade, entre em contato com meu orientador Guilherme Scandiucci, pelo telefone da secretaria da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde (11) 3670-8320/ 3670-8155 ou pelo e-mail: gscndiucci@pucsp.br

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO:

Atesto que li as informações acima sobre a pesquisa “Mulheres Lésbicas: Uma identidade à Sombra: Um estudo segundo a Psicologia Analítica”, que está sendo conduzida pela equipe composta por Maia Camila Lyra Schamó e Guilherme Scandiucci, e me considero esclarecida sobre o seu conteúdo e seus objetivos. Em decorrência, declaro que aceito participar da mesma.

São Paulo, _____ de _____ de _____.

Nome do (a) Participante:

Assinatura:

Maia Camila Lyra Schamó,

assinatura

Aluna-pesquisadora

Scandiucci

Deptº de Psicodinâmica

FACHS – PUC-SP

assinatura

Guilherme